

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2013

Lema: Eis-me aqui, envia-me! (Is 6,8)

Tema: Fraternidade e Juventude



Texto-Base

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Brasília - DF

Diretor Editorial:

Mons. Jamil Alves de Souza

Coordenador:

Pe. Luiz Carlos Dias

Revisão Doutrinal:

Pe. Antonio Luiz Catelan Ferreira

Revisores:

Pe. Rinaldo R. de Rezende

Antônio Bicarato

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação:

Henrique Billygran da Silva Santos

Cartaz da CF 2013:

Hime Navarro

Impressão e acabamento:

Editora e Gráfica Ipiranga Ltda.

Edições CNBB

SE/Sul Quadra 801, Conjunto "B"

CEP: 70200-014

Fone: (61) 2193-3019 / Fax: (61) 2193-3001

vendas@edicoescnbb.com.br

www.edicoescnbb.com.br

Sumário

Apresentação	5
Introdução	7
Objetivo geral.....	8
Objetivos específicos.....	8

Primeira Parte

Fraternidade e Juventude 9

1. Impacto da mudança de época..... 9
2. A cultura midiática 16
3. Fenômeno juvenil 27

Segunda Parte

“Eis-me aqui, envia-me!” 47

1. Jovens nas Sagradas Escrituras 47
2. Jovens na história da Igreja 57
3. Jovens seguidores de Cristo 60
4. O jovem no coração da Igreja..... 64
5. Protagonismo dos jovens 76

Terceira Parte

Indicações para ações transformadoras 85

1. Converter-se aos jovens 85
2. Abrir-se ao novo 91
3. “Eis-me aqui, envia-me!” 97

Quarta Parte

Gesto concreto 121

1. Prestação de contas Cáritas..... 133

Conclusão 133

Anexo

Natureza e histórico da CF..... 135

1. A CF tem como objetivos permanentes:..... 137
2. Temas da CF no seu contexto histórico..... 137
3. Serviço de coordenação e animação da CF 141
4. Cronograma da CF 2013 – Realização e avaliação..... 142

Bibliografia	143
Documentos Conciliares.....	143
Documentos Pontifícios.....	143
Documentos das Conferências Episcopais	145
Obras e artigos para leitura sobre o tema.....	147
Sites Citados:.....	149
Oração da CF 2013	150

Apresentação

“Eis-me aqui, envia-me!” (Is 6,8)

Vivemos da morte-ressurreição de Jesus Cristo! Seu nascimento, vida, gestos e palavras receberam sua plenificação na gratuidade da cruz. Cruz transformação, ressurreição!

Os quarenta dias que precedem a Cruz e a Ressurreição sinalizam o caminho que a Igreja, na liturgia, nos oferece como possibilidade de sermos atingidos pela experiência redentora de Jesus Cristo. Nas celebrações, as leituras nos provocarão a seguir o Senhor até o “clarear do novo dia”. Seguir, ouvindo as palavras da Escritura, é a expressão do desejo maior de sermos tomados na profundidade de nossas pessoas e comunidades pelo Mistério da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor.

A Igreja, durante o tempo quaresmal, nos apresenta *o jejum, a esmola e a oração*, como exercícios preciosos, no caminho de nossa transformação em Cristo Jesus. A Quaresma deve, portanto, vir iluminada pelo desejo de conversão. Nesse tempo especial, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB nos apresenta a Campanha da Fraternidade como itinerário de conversão pessoal, comunitário e social. *Fraternidade e Juventude* é o tema da campanha para a Quaresma em 2013. O lema é inspirado no profeta Isaías 6,8: “Eis-me aqui, envia-me!”.

A juventude expressa jovialidade. A jovialidade pertence à juventude. Jovialidade não como alegria do sorriso da publicidade, nem como aquilo que se opõe à tristeza e à dor. Jovialidade vem de duas palavras: *jovial* e *idade*. “Idade” significa a essência, a força, o vigor de alguma coisa. Jovialidade é, pois, o vigor, a essência do ser jovial. Jovial, por sua vez, não deve ser entendido no sentido de alguém sempre sorridente, pois jovial vem de *jovis*. *Jovis* é o nome com que os gregos designavam o deus supremo, o deus da força do dia. Jovialidade expressa, assim, o sentido de vigor de Deus, força de Deus.

A palavra juventude também vem de *jovis*. Juventude não como qualidade de uma idade cronológica. Deveríamos compreender a

juventude a partir da jovialidade. É jovem não aquele que tem idade nova, mas aquele que tem o vigor de Deus. Do Deus que *alegra a nossa juventude*. Do Deus que é a vitalidade do nosso ser. Jovialidade é o modo de ser próprio de Deus. É jovem a pessoa que se deixou tomar pelo modo próprio de Deus, pela força de Deus, pelo vigor de Deus: o amar sem medida, desmedidamente!

A Igreja no Brasil ao repropor *Juventude* como tema da Campanha da Fraternidade, nesse tempo de mudança de época, deseja refletir, rezar com os jovens, rerepresentando-lhes o Evangelho como sentido de vida e, ao mesmo tempo, como missão. O Evangelho é nossa vida, nossa existência. A Campanha da Fraternidade é um convite para nos convertermos e irmos ao encontro dos jovens e, ao mesmo tempo, é um convite aos jovens para se deixarem encontrar por Jesus Cristo, *caminho, verdade e vida* (Jo 14,6).

A Campanha da Fraternidade já anuncia a Jornada Mundial da Juventude. Ao assumir como lema o espírito missionário da JMJ 2013 indicado pelo Santo Padre Bento XVI, *Ide e fazei discípulos entre todas as nações* (cf. Mt 28,19), desejamos que todos os jovens sejam verdadeiros missionários e missionárias em nossa Igreja. Jovens evangelizando jovens: *Eis-me aqui, envia-me!* Jovens também colocando-se a serviço da evangelização, através dos novos meios de comunicação. Vivendo e testemunhando a graça e a beleza de ser cristãos. Beleza, porque são partícipes da vida do Reino e, por isso, são todos tomados por Deus que *alegra a nossa juventude*.

Maria, Mãe das Dores, nos acompanhe nesse tempo de conversão! Com ela digamos: *Faça-se em mim segundo a Tua palavra!* Por ela acompanhados, repitamos as palavras do profeta: *Eis-me aqui, envia-me!*

A todos os irmãos e irmãs, todas as famílias e Comunidades, uma abençoada caminhada quaresmal, um encontro renovador com Jesus Cristo crucificado-ressuscitado.

Brasília, 28 de agosto de 2012
Memória de Santo Agostinho de Hipona

+ **Leonardo Ulrich Steiner**
Bispo Auxiliar de Brasília
Secretário Geral da CNBB

Introdução

1. A **Campanha da Fraternidade de 2013**, que retoma o tema Juventude,¹ se propõe olhar a realidade dos jovens, acolhend-os com a riqueza de suas diversidades, propostas e potencialidades; entendê-los e auxiliá-los neste contexto de profundo impacto cultural e de relações midiáticas; fazer-se solidária em seus sofrimentos e angústias, especialmente junto aos que mais sofrem com os desafios desta mudança de época e com a exclusão social; reavivar-lhes o potencial de participação e transformação.
2. Esta Campanha deseja, no contexto do Ano da Fe,² mobilizar a Igreja e, o quanto possível, os segmentos da sociedade, a fim de se solidarizarem com estes jovens, favorecer-lhes espaços, projetos e políticas públicas que possam auxiliá-los a organizarem a própria vida a partir de escolhas fundamentais e de uma construção sólida do projeto pessoal, a se compreenderem como força de transformação para os novos tempos, a desenvolverem seu potencial comunicativo pelas redes sociais em vista da ética e do bem de todos, a assumirem seu papel específico na comunidade eclesial e no exercício do protagonismo que deles se espera, nas comunidades e na luta por uma sociedade que proporcione vida a todos.
3. Evangelizar, hoje, é uma via de mão dupla. Saem de cena os “públicos” ou “destinatários” da evangelização para dar lugar aos “interlocutores”. Os interlocutores da evangelização são pessoas que, numa relação dialogal, se enriquecem pela troca

1 A Organização Internacional da Juventude entende que esta fase da vida da pessoa compreende a faixa etária entre 15 a 24 anos. No Brasil, a lei que criou a Secretaria Nacional de Juventude, o Conselho Nacional de Juventude e o PROJOVEM (lei 11129 – 30/06/2005), determina o período entre 15 e 29 anos.

2 Cf. PAPA BENTO XVI, Carta Apostólica sob a forma de Motu Proprio *Porta Fidei*. Brasília, Edições CNBB, 2012, 2ª Edição, n.4.

de experiências. Portanto, *“escutando e compreendendo os gritos e clamores dos jovens, a Igreja é chamada não somente a evangelizar, mas também a ser evangelizada na atualidade”*.³ Torna-se imprescindível, cada vez mais, caminhar com os jovens e refazer com eles a experiência de Jesus. Na prática, isso significa que *“nas atividades pastorais com a juventude, faz-se necessário oferecer canais de participação e envolvimento nas decisões, que possibilitem uma experiência autêntica de corresponsabilidade, de diálogo, de escuta e o envolvimento no processo de renovação contínua da Igreja. Trata-se de valorizar a participação dos jovens nos conselhos, reuniões de grupo, assembleias, equipes, processo de avaliação e planejamento”*.⁴

4. Para atingir tal intuito, são estes os objetivos da Campanha da Fraternidade de 2013:

Objetivo geral

Acolher os jovens no contexto de mudança de época, propiciando caminhos para seu protagonismo no seguimento de Jesus Cristo, na vivência eclesial e na construção de uma sociedade fraterna fundamentada na cultura da vida, da justiça e da paz.

Objetivos específicos

1. Propiciar aos jovens um encontro pessoal com Jesus Cristo a fim de contribuir para sua vocação de discípulo missionário e para a elaboração de seu projeto pessoal de vida;
2. possibilitar aos jovens uma participação ativa na comunidade eclesial, que lhes seja apoio e sustento em sua caminhada, para que eles possam contribuir com seus dons e talentos;
3. sensibilizar os jovens para serem agentes transformadores da sociedade, protagonistas da civilização do amor e do bem comum.

3 Cf. CNBB, *Evangelização da Juventude*. Brasília, Edições CNBB, 2007, 1ª Edição, n. 51.

4 CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 76.

Primeira Parte

Fraternidade e Juventude

1. Impacto da mudança de época

1.1. Contexto atual

5. Nossa era é marcada por intensas e profundas mudanças. Depois de uma longa “época de mudanças”, nós nos deparamos com uma “mudança de época”, que enfraquece e **altera muitos dos paradigmas tradicionais** que sustentavam certa visão de mundo. Raras são as sociedades imunes a esse processo. Vivemos em um mundo globalizado, em que todos são afetados por tudo o que acontece em qualquer lugar.
6. As tradicionais maneiras de compreender o mundo e a maneira de bem viver que serviram de orientação para as pessoas por muitos séculos, sobretudo no Ocidente, já não são aceitas pelas novas gerações. Essa tradição cultural se fragmentou e deu lugar a uma diversidade de novas visões do mundo e da vida, de estruturas sociais, de relação com o sagrado e de modelos antropológicos: *“Vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus”*.⁵
7. Dessa forma, onde outrora existiam valores e critérios que definiam dada realidade ou o modo de proceder, agora há uma diversidade de propostas aceitas como válidas, num contexto de abertura a experimentações. Portanto, a expressão “mudança de época” procura conceituar a etapa da história por que passamos, em que se faz a **transição de uma cultura estável para outra**,

5 CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 44.

nova e ainda não estabilizada. A cultura estável parece não responder ao momento histórico que já é a passagem para outro momento.

1.2. O forte impacto nas pessoas

8. As mudanças se verificam em todos os campos de atividade humana, atingem a economia, a política, as ciências, a educação, o esporte, as artes e a religião, que constituem os elementos da cultura das sociedades humanas.⁶ A **religião**, uma das bases fundamentais de toda cultura, **sofre um impacto ainda maior** do que as outras áreas. Além disso, os aspectos humanos da sociedade – economia, saúde, política, artes – aceitam olhar a questão da mudança de um modo unilateral, isto é, do ponto de vista exclusivo de seus interesses, que são fragmentados. A religião, ao contrário, tem critérios muito mais complexos; ela envolve tudo o que diz respeito ao ser humano, preocupa-se com a visão global da pessoa e com sua formação integral, principalmente com a dimensão transcendental – a sua relação com Deus e com seu projeto de vida plena para todos.
9. Essa realidade em constante transformação, ao mesmo tempo global e fragmentada, instaura uma **inevitável crise de sentido**⁷ que atordoia as pessoas e atinge seus critérios de julgamento e os valores mais profundos, o que se pode traduzir em uma vida sem sentido e sem critérios, com valor abrangente e estável, em que cada um decide por si mesmo. Por isso, a família e a juventude são os grupos mais vulneráveis.
10. A desarticulação cultural resultante desse processo, que tem o indivíduo como referência, introduz modificações nas relações entre as pessoas. **As relações deixam de acontecer na gratuidade**, ganham um tom pragmático, conduzem à indiferença pelo outro e por suas interpelações, quando não se percebe mais

6 Cf. CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 35.

7 Cf. CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 37.

uma utilidade naquela relação. Além disso, nesse contexto cultural, as relações afetivas passam a ser concebidas de forma descompromissada e pouco estável.⁸

11. Essas mudanças culturais causam também importantes **alterações nos papéis tradicionais de homens e de mulheres** na sociedade, nas respectivas identidades e na estruturação familiar. A publicidade, para atender à avidez do mercado, cria realidades distantes, muitas vezes ilusórias e voltadas ao hedonismo, que provocam descontrole do desejo de crianças, de jovens e de adultos.⁹
12. **O papel exercido pelos pais e pela escola**, na cultura tradicional, agora é representado, com muito mais poder e intensidade, pelos meios de comunicação de massa. Sem levar em conta as características locais e a variedade de projetos de vida das pessoas, a mídia impõe, artificialmente e tendo como referência apenas o interesse de mercado, uma cultura homogênea, em que tudo é passageiro e descartável. Cria-se um paradoxo – nada do que existe tem estabilidade, mas qualquer coisa pode ter valor se lhe for atribuído por quem comanda o espetáculo.
13. No entanto, essas mudanças culturais, com suas consequências perigosas para a edificação da vida humana, sobretudo a dos jovens, também produzem **elementos que se revertem em vida**.
14. Um dos aspectos positivos dessa transformação cultural é a **valorização da pessoa**, da sua consciência e experiência, dos seus projetos e esperanças, da busca de sentido da vida e da transcendência.¹⁰
15. Outro belo sinal é o reconhecimento da diversidade cultural dos povos da América Latina. O apego à terra, a importância da vida familiar e comunitária, a procura por Deus são valores que as culturas indígenas, afro-americanas, camponesas, urbanas

8 Cf. CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 46.

9 Cf. CELAM, *Documento de Aparecida*, nn. 49-50.

10 Cf. CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 52.

e suburbanas nutrem em contraposição à avassaladora cultura artificial, que avança a passos rápidos.¹¹

16. O rápido **avanço tecnológico**, com suas inúmeras possibilidades de conhecimento e de comunicação, se destaca nesse cenário de profundas mudanças. “*A revolução tecnológica e os processos de globalização formatam o mundo atual como grande cultura midiática. Isso implica uma capacidade para reconhecer as novas linguagens, que podem favorecer maior humanização global*”.¹² Os jovens aí se reconhecem ao perceber que esses instrumentos possibilitam o desenvolvimento de suas ideias e o intercâmbio de suas experiências. A internet vai alimentando o desejo das novas gerações de **expandir suas relações** pelos quatro cantos da terra. O mundo se torna pequeno, e os contatos, inúmeros, dão a sensação de domínio e extensão.

1.3. Fragilização dos laços comunitários e negação da vida

17. As **peessoas**, diante das bruscas e rápidas transformações desse contexto de mudança de época, ficam atordoadas com o ritmo acelerado do curso da história e **desnorteadas** por não mais confiarem em seus critérios, que parecem incapazes de responder às novas situações que surgem neste período. As novas Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil mostram o vínculo dessa realidade com um agudo **relativismo** vivido pelas pessoas, que se defrontam com muitas novas possibilidades que lhes são oferecidas, associadas ao desenraizamento de sua cultura e do ambiente de origem. Mais um paradoxo: ao lado do relativismo, crescem também os **fundamentalismos** que rechaçam o pluralismo e o caráter histórico da realidade.¹³

11 Cf. Celam, *Documento de Aparecida*, n. 56.

12 CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 484.

13 Cf. CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2011-2015*. Brasília, Edições CNBB, 2011, 1ª Edição, nn. 19 - 20.

18. O **sistema econômico neoliberal, hegemônico** nas economias industrializadas, submete o processo de produção a muitas cobranças e a uma árdua competição, o que se reproduz no mundo vital das pessoas. O caminho para se alcançar a estabilidade e a segurança também passa pela mesma dinâmica, o que faz a lógica da graça soar particularmente estranha no horizonte das relações entre as pessoas.
19. Essa competição faz com que as **funções profissionais** sejam eleitas como **prioritárias** entre os objetivos estabelecidos nos projetos de vida. O casamento deixa de ser a razão da felicidade futura, posto que ocupou entre os jovens em gerações anteriores, para se submeter ao “realismo profissional”. Assim, vemos projetos em vista de se casar e ter filhos serem adiados em prol da devida formação profissional, cada vez mais prolongada, resultando em maior permanência dos jovens na casa dos pais, devido à dependência econômica.
20. Nesse ambiente de individualismo, presenciamos a consolidação de uma **afetividade autônoma e narcisista**, notadamente nas novas gerações, que encontram dificuldade em manter relações permanentes e compromissadas e preferem relacionamento restrito ao encontro casual. Surge o paradoxo da **presença comunitária sem vida comunitária**.
21. A afirmação da autonomia e da subjetividade extrema, comum e inegociável entre os jovens, também produz um **empobrecimento da consciência de mistério do ser humano** e de sua existência. Dessa forma, a tendência é que as realidades permaneçam subjugadas ao arbítrio da vontade e da liberdade humana, que decide acerca do bem e do mal ou sobre os valores, rejeitando qualquer instância objetiva ou exterior ao sujeito, sem abertura à alteridade.¹⁴ “É a primeira geração pronta para viver sem culpa. Ela não quer romper com nada nem criar novos padrões”.¹⁵

14 Cf. LIBANIO, J. B. *Para onde vai a juventude?* São Paulo, Ed. Paulus, 2ª edição 2012, pp. 24-26.

15 Comentário aos dados de uma pesquisa realizada pela revista Isto É, com 500 jovens entre 11 e 19 anos das classes A e B de São Paulo em 1993. In LIBANIO J. B. Op cit, p. 34.

22. Essa geração descobriu a possibilidade de vivenciar uma fugaz **felicidade no presente**, sem grandes preocupações com o amanhã, o que anestesia a consciência histórica. Vive-se a própria vida e pronto. No entanto, a **ausência da dimensão de futuro e de esperança** e a perda da perspectiva histórica comprometem a ética, relativizando os valores necessários para a edificação das dimensões fundamentais da vida. Alienada e descomprometida com a historicidade, a pessoa passa a projetar um mundo irreal, fantasioso.
23. **Os laços comunitários e sociais se fragilizam** diante do acento pessoal nas propostas de felicidade, realização e sucesso em detrimento do bem comum e da solidariedade, corroborando um estilo de vida individualista, fechado a atitudes de altruísmo e de fraternidade.¹⁶ Nesse contexto, **a vida é negada ou ameaçada** por várias formas de banalização e desrespeito: manipulação de embriões, abortos, ausência de condições mínimas para uma vida digna com educação, saúde, trabalho, moradia, falta de proteção à família, às crianças e aos idosos.¹⁷
24. Diante disso, esta Campanha quer lembrar dificuldades enfrentadas pelos jovens, como na formação, pois o mercado de trabalho é cada vez mais exigente, e o grande número de assassinato deles. Esse contexto de mudanças tende a atenuar nas pessoas o apelo ao exercício consciente da cidadania, pois nele não há lugar para as justas interpelações dos mais necessitados ou de segmentos como o dos jovens, que são penalizados pela exclusão e pela violência, em uma sociedade individualista e competitiva.
25. Neste momento da história, os jovens se deparam com grande **fragilidade de instituições** que outrora eram incumbidas de acolhê-los e de servi-los, como a família, hoje fragmentada; as instituições de ensino, que já abdicaram da função de formar e procuram apenas informar; o Estado, que oferece estruturas

16 Cf. CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2011-2015*, n. 21.

17 Cf. *Idem*.

deficitárias para o desenvolvimento do potencial juvenil, e mesmo as igrejas, que já não contam com tantos voluntários para esse serviço. No entanto, a brava juventude não arrefece diante das dificuldades e vai desbravando novos caminhos com seu protagonismo.

1.4. O ativismo privado e a atuação do jovem

26. A grande maioria da população, sem grandes sonhos, decepcionada com o processo político e tomada pela impotência, passa a focar o que é possível dentro do seu horizonte de realização.
27. É valorizado o ativismo privado, que propõe ações e projetos concretos e imediatos, concebidos sem a tutela do Estado, mas aos quais muitas vezes são destinados recursos públicos. Embora muitos trabalhem como voluntários nesses projetos, esse ativismo privado se baseia em princípios bem diversos dos do voluntariado que socializa e exige solidariedade e gratuidade. Como alerta o Papa Bento XVI, os projetos que seguem a lógica do mercado e do Estado baseiam-se no “dar para ter” ou no “dar por dever”.¹⁸
28. Nesse contexto, o protagonismo juvenil apresenta características particulares. São novos tempos! A juventude atual difere da juventude dos anos 60, que se organizava especialmente no meio estudantil e tinha uma atuação política bem determinada.
29. A partir da década de 90, cresceu o envolvimento dos jovens em grupos culturais e lúdicos ligados à música, à dança e ao teatro. Apareceu um novo traço na pertença desses jovens, que se mostravam capazes de transitar por diversos grupos ou tribos, sem conflitos, mesmo com uma identificação específica. No entanto, **essa nova geração é ciosa de seus projetos pessoais, pensa a partir da individualidade.**

18 Cf. PAPA BENTO XVI, *Caritas in Veritate*. Brasília, Edições CNBB, 1ª Edição, 2009, n. 39.

30. Hoje, a **atuação social da juventude é bem diversificada**, pois o novo milênio trouxe novas temáticas, novas maneiras de se relacionar e de se organizar, com as novas tecnologias de informação e comunicação. As disposições éticas e as ações concretas dos jovens se realizam em diferentes espaços: esportivos, ambientalistas, religiosos, identitários, culturais, questionadores da globalização, redes sociais e outros.
31. Nota-se também a tendência de os jovens se organizarem em espaços geograficamente mais amplos para promover intercâmbios ou para articular mobilizações ligadas às suas áreas prediletas de atuação, em certos casos porque aí foram aceitos. É uma **participação que já não se resume em partidos** e sindicatos. A criatividade, aliada aos meios de que os jovens dispõem, permite-lhes abrir novos caminhos para exercer o protagonismo na sociedade.
32. Percebe-se que os jovens de hoje, **quando bem orientados, não se deixam manipular**. Assumem suas decisões com mais determinação, aceitam correr o risco de voltar atrás. O espírito de aventura que caracteriza os jovens permite-lhes fazer tentativas, porque sabem que sempre há tempo para recomeçar, com mais experiência e maturidade.

2. A cultura midiática

33. A cultura midiática pode ser compreendida como um **processo comunicacional** que se realiza por meio dos chamados Meios de Comunicação de Massa (*Mass Media*), jornais, revistas, rádio, televisão, internet, instrumentos utilizados para comunicar, ao mesmo tempo, uma mensagem a um número maior de pessoas.
34. Com o advento da informática, surge um **novo modelo de agentes de comunicação**. Os jovens, que até então recebiam a informação de modo passivo, passam a utilizar as novas tecnologias, dominando-as. Eles detêm o conhecimento técnico de tais instrumentos, pois nasceram e crescem na era digital.

35. A **internet** criou uma “aldeia global”, que possibilita acesso e interação com um número muito grande de pessoas ou segmentos, oferecendo oportunidades que vão ao encontro dos mais diversos interesses. A utilização de **redes sem fio** e o rápido surgimento de novos aparelhos colaboram para uma comunicação mais ágil e interativa. As **redes sociais** ganham considerável destaque por permitirem conectar-se ao mundo ou a grupos de interesses, criando mobilizações ou apenas favorecendo entretenimento.

2.1. Redes sociais como ambiente

36. Sem apresentarmos um juízo de valores, percebemos imediatamente que grande parte de nossos **jovens não vive mais sem os instrumentos tecnológicos** próprios de seu mundo de comunicação. Aliás, não se pode mais imaginar a humanidade sem a realidade midiática; isso não tem volta. Tomemos como exemplo as redes sociais: elas atuam a partir desse novo ambiente, com uma linguagem própria, provocando uma nova visão da sociedade e do mundo.
37. O novo jeito de o jovem ser e interagir tem suas raízes nessa comunicação em rede. Ele respira e vive na chamada **ambiência midiática**, uma *teia* de novas tecnologias em que se pode ser, rapidamente, *ouvido, visto, considerado*. Comunicar não é, portanto, apenas uma questão instrumental, mecânica, unidirecional, é inter-relacional, é “vida”. Mesmo os mais pobres, privados desse acesso e participação, são atingidos por essa realidade e provocados constantemente a fazer parte desse ambiente. Cada vez mais a interação entre as pessoas e a formação de grupos de afinidade possibilitam uma grande porta de acesso a todos, mas especialmente aos jovens, que têm construído suas relações a partir desses meios.
38. Contudo, há que se considerar o **risco de o jovem querer e necessitar estar sempre conectado** e privilegiar essa forma de encontro, em detrimento da presencial. As conexões feitas pelos

novos meios são importantes, mas podem não ser fortes o suficiente para superar crises, desencontros e dificuldades inerentes a todas as relações humanas. Por isso, as antigas formas de comunicação e linguagem não podem ser abandonadas. **A melhor forma de nos entendermos ainda é a presencial**, e o melhor meio de comunicação é a própria pessoa. Sem dúvida, o aspecto mais importante desse modelo comunicacional é a troca, o compartilhamento que promove. Há que se considerar a necessidade de proporcionar a esta geração hiperconectada a possibilidade de conexões pessoais duradouras e resistentes às crises.¹⁹

39. Nesse novo contexto, em que os jovens são os protagonistas por excelência, precisamos nos posicionar com firmeza, com ousadia, com otimismo e, ao mesmo tempo, com criatividade. O Papa Bento XVI, em pronunciamento recente, nos convoca a um olhar bastante positivo e a uma urgente corresponsabilidade para integrar tudo isso a favor do povo a partir da comunicação de vida plena anunciada por Jesus Cristo: *“Convido os cristãos a unirem-se confiadamente e com criatividade consciente e responsável na rede de relações que a era digital tornou possível; e não simplesmente para satisfazer o desejo de estar presente, mas porque esta rede tornou-se parte integrante da vida humana. A web contribui para o desenvolvimento de formas novas e mais complexas de consciência intelectual e espiritual, de certeza compartilhada. Somos chamados a anunciar; neste campo também, a nossa fé: que Cristo é Deus, o Salvador do homem e da história, Aquele em quem todas as coisas alcançam a sua perfeição”*.²⁰

2.2. Um novo modo de relacionar-se

40. Presenciamos, assim, uma aceleração contínua de **novos comportamentos**, tendências, estilos de vida e expressões de

19 Cf. CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 489.

20 PAPA BENTO XVI, *Mensagem para o XXXV Dia Mundial das Comunicações Sociais - Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital*. Vaticano, 5 de junho de 2011.

subjetividade. A complexidade e a diversidade das realidades humanas e sociais interagem e se expandem de tal forma que cada vez mais fica difícil prever o comportamento dos jovens e dos seus grupos.

41. O relacionamento para os jovens da cultura midiática refere-se ao novo modo de comunicar-se. Eles **querem ser autores e participantes dos processos de relacionamento**. Em virtude disso, cada vez mais, as pessoas, as empresas, as escolas têm deixado modelos hierarquizados, funcionalistas, para valorizar o ser humano, a gestão do conhecimento, a criatividade, a originalidade e o talento associados ao respeito, à individualidade e à busca da qualidade de vida, da valorização de si, do próprio corpo, do tempo livre, da afetividade, da família.

2.3. O protagonismo juvenil nesta cultura

42. Não podemos negar que existe uma relação natural de nossas crianças, adolescentes e jovens com as novas tecnologias. A **maioria deles vive no universo midiático** e, muitas vezes, aqueles que não têm acesso aos diversos aparelhos ou redes são deixados à margem do processo social ou considerados como menos importantes em relação aos inseridos. É própria dessa faixa etária a busca de experiências, de envolvimento e de participação em atividades. Os jovens de hoje priorizam a experiência em vez da representação. **O protagonismo deles se realiza por meio de conexão** com outros jovens e com a esfera pública, quando manifestam uma atitude colaborativa, expressam suas opiniões, mostram competência dentro de uma sociedade global e complexa.
43. A relação natural entre os jovens e as novas mídias alimenta cada vez mais o gosto e o interesse por ser sujeito. Eles se sentem motivados pelos desafios que esse novo universo comunicacional impõe. **Conhecem e dominam as linguagens** das novas mídias mais que os próprios pais e educadores, e isso os torna socialmente fortes e valorizados. Nessa realidade, criam um

novo modo de se relacionar e de assumir compromissos com a família, com a educação, com a sociedade, com a Igreja, com o ambiente.

2.4. As novas gerações diante da sociedade

Os jovens dominam as relações baseadas na interatividade

44. Os jovens e as novas tecnologias formam uma teia complexa e imensa de interatividade e relações. A interatividade significa uma mudança de poder nas relações humanas mais significativas da sociedade, ou seja, na família e na escola. Os jovens exigem cada vez mais um falar e ouvir, um ouvir e falar – o diálogo nasce e cresce a partir da relação natural de interatividade. Essa interatividade está presente no protagonismo dos jovens na música, na arte, no esporte, no trabalho e na educação. Ao interagir com pessoas no ambiente educativo e no trabalho, eles estão exigindo, cada vez mais, mudanças nos diversos âmbitos, como o sociopolítico e econômico, para que possam criar ambientes colaborativos, de transparência, de competência, de inovação e de engajamento na sociedade.

Eles têm uma nova maneira de se relacionar na família

45. Hoje, a relação entre pais e filhos é muito diferente da observada nas gerações anteriores. Há uma considerável influência das novas tecnologias no modo de estruturar e viver a vida familiar. Tais tecnologias podem atuar positiva ou negativamente. Muitas vezes percebemos que alguns adolescentes e jovens tendem a um isolamento, quando usam essas ferramentas tecnológicas, com consequências prejudiciais para o seu desenvolvimento social e psicológico. A família, principalmente nas grandes cidades, transformou-se num grupo de pessoas que moram juntas, uma vez que pais e filhos se isolam diante da TV ou do computador, em detrimento do diálogo e da partilha. Há, por outro lado, exemplos de jovens que, distantes da família, encontram nesses meios possibilidades de proximidade com ela.

46. Também na educação familiar, as novas tecnologias influenciaram e transformaram paradigmas. Se antes os pais eram os detentores absolutos do conhecimento, os filhos, agora, podem partilhar com eles o que descobrem a partir da interação na rede. Um dos desafios que brota no seio familiar, em tempos digitais, é estabelecer regras e relacionamentos capazes de um uso sadio e proveitoso desses instrumentos.

Eles buscam uma abordagem nova na educação.

47. Considerados como novos autores no aprendizado, os jovens estão questionando o modelo tradicional do professor que ensina e tem controle do conhecimento. Para eles, o saber é construído de maneira colaborativa, interativa e prática. Com um acesso imenso às informações, os jovens, às vezes, têm dificuldade de interpretá-las, de aprofundá-las e de aplicá-las à vida. Buscam, porém, novos modos de aprender e de pesquisar. Eles passaram a ser coagentes da própria educação e não meros espectadores. Os professores passaram a ser participantes do processo, e o conhecimento das novas mídias pode até levá-los a ensinar, tornando mais interativa a relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Eles têm uma visão planetária

48. Os jovens que crescem na cultura midiática acreditam firmemente que o planeta lhes pertence. Eles são mais sensíveis à ecologia, à comida e à bebida saudáveis para o futuro. Percebem que a ameaça à vida, à natureza, ao ecossistema pode gerar insegurança tanto para eles quanto para os seus futuros filhos. Querem viver em um mundo mais pacífico, mais tolerante e mais responsável. Por isso, estão se organizando, cada vez mais, por meio das redes sociais, para defender seus direitos, a natureza, a qualidade de vida das pessoas, e construir uma sociedade mais humana e solidária.

Uma geração aberta ao mundo e à solidariedade

49. Com o alcance global da internet, os jovens sentem uma necessidade enorme de realizar ações solidárias por meio do voluntariado. Os jovens que acompanham as notícias diárias têm-se organizado para mobilizar campanhas de solidariedade em nível nacional ou internacional. Algumas campanhas, por exemplo, iniciadas por programas de televisão, têm reunido artistas, pessoas de várias religiões para doar dinheiro, filiar-se a organizações ou associações, criando redes de apoio tecnológico a populações que necessitam de energia, de telefone, de centros educacionais e de saúde.
50. Os jovens gostam de viajar, de interagir com pessoas de outros países. A experiência de voluntariado também lhes tem permitido conhecer outras nações e culturas, aprender novos idiomas, investir na própria educação e ganhar experiências profissionais.
51. Por causa de uma abertura ímpar trazida pela troca de experiências e de dados entre os que estão na rede, os jovens, com tendência a valorizar a própria cultura e a cultura de outros povos, parecem viver num mundo sem fronteiras. Há maior respeito às diferenças entre as culturas e religiões, grande capacidade de tolerância, valorização do diálogo e vontade de aprender mais sobre outros povos.
52. Por isso, os jovens desenvolvem maior sensibilidade diante dos problemas globais que afetam sua vida e seus interesses. A preocupação e o estudo referentes às questões climáticas são provenientes da geração internet. Muitos jovens conhecem as consequências do efeito estufa e do aquecimento global e se mobilizaram *online* para uma campanha de proteção ao planeta.

Jovens mais críticos?

53. As novas técnicas, sem dúvida, fomentam um maior ativismo social. Entre outros instrumentos, os blogs, o *twitter*, o *facebook* e os e-mails têm sido utilizados como promotores de consciência e atuação política. Diferentemente dos jovens das décadas

de 1960 e de 1970, que lutaram contra a ditadura no Brasil, ou os caras-pintadas de 1990, que saíam às ruas para protestar, a juventude de hoje tende a se organizar por meio das redes sociais. A geração das redes sociais encontra sua força de expressão na habilidade e na rapidez de rastrear informações na internet, criar e midiaticizar a mensagem, formar redes de notíCIAS e se mobilizar em torno de uma causa. Essa mobilização virtual cresce à medida que os adolescentes e jovens adquirem seu próprio computador e têm acesso à internet. Como fazem parte de uma sociedade fragmentada, não linear, líquida, suas manifestações políticas não se apresentam contínuas ou estruturadas, mas velozes, instantâneas e, por vezes, passageiras.²¹

Todos têm direito a acessar a tecnologia moderna

54. É preciso um olhar mais atento à questão da exclusão digital. Num país como o Brasil, com grande extensão territorial e diferenças regionais, o número de excluídos digitais é alarmante.²² São necessárias políticas públicas e de iniciativa privada para mudar essa realidade. Não se pode ver protagonismo juvenil na cultura midiática como uma verdade absoluta, porque milhões de jovens nunca tiveram contato com o computador e com a internet. Não se pode falar de mudança de paradigmas na educação, enquanto a maior parcela da população continua sem acesso às salas de aulas ou usa os métodos tradicionais de aprendizagem.

21 Uma pesquisa recente da Data Folha e da Agência de Publicidade Box, realizada com 1.200 jovens entre 18 e 24 anos de idade, sugere um descontentamento com instituições políticas tradicionais e aponta que para eles a Internet é um instrumento de mobilização social. Cerca de 71% dos jovens entrevistados acreditam que é possível fazer política usando a internet, sem a participação de intermediários, tais como os partidos políticos tradicionais.

22 Os dados são comparados aos dos países mais pobres do planeta, como os da África, a Índia e países do Leste Europeu – segundo pesquisa do Fórum Econômico Mundial. Dados da Fundação Getúlio Vargas apontam que, enquanto 75% da população possuem computador e acesso à internet nos Estados mais ricos e no Distrito Federal, nos mais pobres esse número cai para uma média de 2%. Nas estatísticas entram ainda aqueles que acessam a internet a partir de lan houses, estabelecimentos que permitem o uso do computador e da rede através do pagamento de uma taxa por hora. Uma grande parte dos jovens não tem condições para este uso.

2.5. As novas gerações diante da Igreja

Os jovens querem ser ativos na Igreja

55. O avanço tecnológico não impede uma atitude de fé. Os integrantes da geração internet não parecem dispostos a abandonar a fé; eles acreditam em Deus e buscam o sagrado. Gostam das atividades religiosas que valorizam o afetivo e o simbólico, que levam à experiência de vida, ao senso de aventura, de originalidade, de experiência com o mistério. Para esses jovens, o retorno ao simbólico e ao afetivo não significa negação da racionalidade.
56. O envolvimento dos jovens na Igreja deve ser visto a partir da interatividade nas relações. Eles desejam ser ouvidos e querem ser participantes das atividades da Igreja: liturgia, catequese, pastorais sociais e outras atividades. Sua vida de oração, seus desejos profundos de viver e amar, seu sentido de solidariedade com o próximo e necessidade de pertença a uma comunidade passam pela subjetividade. Eles se envolvem como missionários quando são chamados e veem a autenticidade nas relações e organizações a serviço dos outros. Os jovens demonstram amar Jesus Cristo, *“não temem o sacrifício nem a entrega da própria vida”*.²³

Como eles se relacionam com a Igreja

57. O relacionamento dos jovens com a Igreja deve ser visto a partir dos valores e das atitudes que eles têm como filhos da cultura midiática. Eles se relacionam, sobretudo, a partir da interatividade, querem escutar e falar ao mesmo tempo. Conseguem captar um conceito a partir da atitude do diálogo. Sem interação, não compreendem e, portanto, não podem estabelecer um relacionamento. Esse é um grande desafio para os pastores, para os presbíteros, para os consagrados, para os leigos adultos em geral.

23 CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 443.

58. Para dialogar com os jovens sobre espiritualidade e religiosidade, é importante trazer essas dimensões para sua ambiência. Para eles, parece não existir uma linha que separa os que seguem uma religião e outra. Não existem *os de fora* que devem ser evangelizados pelos *de dentro* (Igreja). A questão é saber dialogar e compreender a situação de busca do sobrenatural, da fé e da vivência cristã dos jovens, e saber somar com as diversas situações e experiências que eles vivem. O *ciberespaço* é lugar de evangelização quando visto como espaço de diálogo com a cultura midiática, com as expressões dos novos tempos e de intercâmbio de experiências e opiniões a respeito da fé e da religião.

2.6. A Igreja diante das novas gerações

59. Como foi dito anteriormente, a internet é hoje um ambiente, um lugar em que os usuários compartilham experiências, fazem pesquisas, mantêm contatos e realizam as mais diversas atividades. Os diversos segmentos da sociedade precisam estar atentos às rápidas mudanças que surgem a cada dia.
60. Para a Igreja, a utilização das **redes sociais aproxima os jovens da missão** de evangelizar a todas as gentes. É um “lançar as redes em águas mais profundas”. Ela tenta fazer da rede um lugar de comunhão, de encontro entre pessoas que buscam a mensagem de Deus com aquelas que as ajudam a encontrá-la. O Papa Bento XVI expressa um olhar positivo em vista dos novos tempos: “A vós, **jovens**, que vos encontrais quase espontaneamente em sintonia com estes novos meios de comunicação, compete de modo particular a tarefa da **evangelização deste ‘continente digital’**”.²⁴ Em outra Mensagem, diz: “Quero convidar os cristãos a unirem-se confiadamente e com criatividade consciente e responsável na rede de relações que a era digital tornou possível; e não simplesmente para

24 PAPA BENTO XVI, *Mensagem para o XXXXIII Dia Mundial das Comunicações sociais “Novas tecnologias, novas relações - Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade”*. Vaticano, 24 de maio de 2009.

*satisfazer o desejo de estar presente, mas porque esta rede tornou-se parte integrante da vida humana. [...] Convido, sobretudo os jovens, a fazerem bom uso da sua presença no aréopago cultural”.*²⁵

61. A Igreja percebe a importância dessa interação, mas reconhece que é preciso vencer alguns desafios, como a **inclusão digital de nossas paróquias** e comunidades, pastorais e movimentos. É preciso incentivar a criação das pastorais de comunicação e a formação permanente de seus agentes. Os grupos juvenis precisam ser conscientizados de seu papel nessa nova dinâmica da sociedade.
62. Na verdade, **o modo de viver e de comunicar dos jovens desafia paradigmas** atuais de comunicação em nossos ambientes eclesiais, apresenta **novas questões** que precisam ser mais aprofundadas e que abrem novos questionamentos sobre como compreender o fenômeno da comunicação na era da internet e das redes sociais, como, por exemplo, o uso da mídia e a subjetividade; a busca e a expressão do estético e a *cibercultura*; a interseção entre expressões culturais como a música, a dança, a culinária, a religiosidade e a linguagem das mídias; a linguagem e os códigos dos adolescentes e dos jovens no modo de comunicação *online*; a sedução e a linguagem dos videogames; o novo poder das relações nas redes sociais; o problema da segurança e da privacidade *online*.
63. Para isso, é necessária uma atitude educativo-interativa com os jovens que dialogue com eles. Por outro lado, a ambiência em que eles vivem também precisa de uma ética que considere a comunicação como espaço de relações e de cultivo de valores que edificam a existência e a sociedade. Dentro do universo midiático, muitos jovens fazem as escolhas de vida e de fé, sentem-se atraídos pelos valores testemunhados, fazem suas opções vocacionais, empenham-se pelo estudo.

25 PAPA BENTO XVI, *Mensagem para o XXXV Dia Mundial das Comunicações Sociais - Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital*. Vaticano, 5 de junho de 2011.

64. É necessário buscar meios que tornem possível a inclusão dos que estão fora do processo. Cabe à sociedade criar leis e garantir seu cumprimento para tornar a rede um lugar verdadeiramente seguro. Evitar os crimes cibernéticos tem sido um dos grandes desafios da sociedade. São necessárias ações de conscientização dos usuários da rede e de punição dos que a utilizam para fins ilícitos. É preciso estar atento às informações que as redes sociais e as ferramentas de busca da internet guardam a respeito de seus usuários. É indispensável que família, escola, Igreja e autoridades públicas possibilitem não somente a inclusão digital, mas também garantam o acesso seguro e saudável à rede.

3. Fenômeno juvenil

65. Neste momento histórico de grandes mudanças, impactos, descobertas e novidades, encontramos diversidade de jovens. Ao mesmo tempo que vemos as novas gerações identificando-se com este mundo novo, assustam-nos as realidades sofridas que muitos jovens brasileiros enfrentam. Os jovens são notícia quase que diária em veículos de comunicação. Mesmo sendo idealizados nos comerciais, como modelos de beleza, de vigor, de saúde e de liberdade, nos noticiários são apresentados, muitas vezes, como violentos, como descompromissados, como desordeiros, como libertinos e voltados às drogas. Como consequência, as discussões e a preocupação com a realidade dos jovens brasileiros se intensificaram em nossas instituições. Hoje, eles se expressam e se organizam de forma muito distinta da das gerações passadas, o que nos obriga a um esforço de compreensão do que se passa em seu meio.

3.1. A formação da subjetividade

66. Os seres humanos não nascem prontos; criam-se e se recriam de acordo com aquilo que experienciam durante suas vidas. Subjetividade, conforme conceituação mais atual, diz respeito a

modos de existência produzidos nos diversos contextos em que as pessoas se encontram. Não se trata de um conceito oposto a objetividade, nem mesmo uma suposta distinção entre sujeito-objeto, indivíduo-sociedade.

67. Em outras palavras, refere-se ao **processo de constituição de uma vida, de uma existência, da pessoa, do eu**, ou seja, dos modos de ser, de estar e de se relacionar com o mundo e com as demais pessoas, com a história e a cultura de um indivíduo pertencente a determinado grupo humano. Segundo essa compreensão, as subjetividades (modos de existência) são, em grande parte, produtos do contexto em que a pessoa vive. Sendo assim, o comportamento dos jovens seguirá padrões existentes, preestabelecidos, porque, geralmente, a própria sociedade em que vivem induz a tais condutas.
68. Desse modo, faz-se urgente perguntar: **o que temos oferecido** aos nossos jovens, a que experiências são submetidos em suas famílias, instituições de ensino, comunidades eclesiais, agrupamentos sociais? O que nossas sociedades e instituições têm proporcionado aos jovens a fim de que suas subjetividades possam ser constituídas de modo sadio, aberto e valorizador da vida?
69. Se alguns jovens se comportam de modo violento, apático ou desinteressado, isso reflete os contextos sociais engendrados pelas gerações anteriores. Se nos afastamos dos nossos jovens, eles também podem distanciar-se do que acreditamos como valores, princípios, conquistas culturais e sociais. Atualmente, existe uma carência de pessoas que se dispõem a acompanhar um grupo de jovens nas comunidades; muitos deles caminham sozinhos. E, o que é pior, muitas comunidades não têm nenhuma proposta para adolescentes e jovens; tampouco se preocupam em possibilitar encontros, estudos ou outras atividades apropriadas.
70. Há alguns anos, percebe-se o afastamento paulatino das estruturas eclesiais adultas do meio juvenil católico. Em 2007, a CNBB

chegou a afirmar: “*Chama atenção a ausência de padres que abraçam um trabalho de acompanhamento sistemático dos jovens. Os religiosos e leigos também estão muito distantes. [...] Há, no entanto, necessidade de resgatar no coração de todos a paixão pela juventude*”.²⁶

3.2. Pluralidade entre os jovens

71. Os tempos atuais são profundamente marcados pela **fluidez e pela fragmentação**. As relações interpessoais tendem a ser horizontais e abertas. É cada vez mais difícil encontrar uniformidade nas nossas instituições, que se fragmentam em pequenos grupos que se instituem por gostos semelhantes e ideias parecidas.
72. Os jovens, mais do que qualquer outro grupo de nossa sociedade, expressam esse modo de ser. Não mais se rebelam em bloco contra grandes estruturas de poder, mas se **organizam em pequenos grupos, distintos** pelas suas relações sociais, econômicas, midiáticas, culturais. Eles lutam por pequenas causas ou não lutam por causa alguma. Reúnem-se de acordo com seus gostos, costumes, ideologia. Em nossa sociedade, formam-se, também, grupos étnicos diversos.
73. Essa nova configuração desestabiliza instituições eclesiais e seculares, mas, por outro lado, proporciona novas maneiras de organização. Na Igreja Católica, por exemplo, se a catolicidade se expressava pela pertença a determinado local eclesial, com uma única maneira de manifestar a fé, os jovens, hoje, relativizam esse modelo e o alteram por uma **pertença mais existencial e afetiva**.
74. Eles criam seus ambientes de encontro, inclusive pelas redes sociais, e formam novas maneiras de se relacionar comunitariamente. A pertença à Igreja tende a se expressar pelas vias da comunhão dos diversos grupos afetivos, integrantes de movimentos, de pastorais ou de novas comunidades e congregações religiosas.

26 CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 205.

3.3. Formas associativas dos jovens

75. Apesar das dificuldades encontradas nas várias dimensões da existência, **os jovens demonstram grande força**, motivação e entusiasmo pela vida. Numa era de mudanças, de fragmentação e de subjetivismo, nós nos deparamos com **os grupos juvenis e as atividades coletivas**, que se fortalecem nesse contexto. Dados de pesquisa²⁷ nessa linha confirmam tal fenômeno, pois 28,1% dos jovens entrevistados afirmaram participar de grupos. Outra pesquisa desse gênero, promovida pela UNESCO, detectou os grupos mais atraentes para os jovens: 81,1% grupos religiosos; 23,6% associações esportivas, ecológicas, culturais, artísticas, assistenciais; 18,7% de caráter corporativo, trabalhista ou estudantil; 3,3% em organizações partidárias.²⁸
76. Atualmente, vemos crescer a organização dos **grupos juvenis no mundo midiático**, principalmente pelas redes sociais que acabam se tornando verdadeiros ambientes de convivência e de interação por meio de novas e sedutoras linguagens.
77. As formas associativas de jovens se expandem em todos os lugares do planeta, mas é no **mundo urbano** que há maior organização. Os grupos se formam motivados por projetos ou por bandeiras comuns. Não são rivais: existe relação de interdependência e de complementaridade entre eles. Os jovens transitam e participam de diferentes grupos como sujeitos de múltiplas pertenças.

O fenômeno das “tribos”

78. Por compreendermos que a juventude é uma fase da vida do ser humano, entendemos que a cultura juvenil e suas **formas associativas mudam** de acordo com o tempo e com o lugar onde a

27 Cf. IBASE/POLIS/IDRC Seis Demandas para a construção de uma agenda comum. *Relatório da Pesquisa Juventude e Integração Sul-Americana*. Rio de Janeiro, fevereiro de 2008.

28 Cf. NOVAES, R. “Juventude, juventudes – Jovens das classes C e D frente aos dilemas de sua geração”, p. 12. <http://fictv.cultura.gov.br/wp-content/uploads/2008/12/juventude-juventudes.pdf>. Acesso em 8/6/2012.

pessoa vive. O fenômeno das tribos juvenis surgiu e se expandiu rapidamente nos anos oitenta e permanece na realidade social até os dias de hoje. As tribos são agrupamentos com costumes, aparência, estilo musical e moda peculiares e atraem a associação espontânea de jovens simpatizantes. Reúnem-se em *shopping centers*, praças, igrejas, ruas, onde partilham seus gostos e experiências. As denominações mais conhecidas são *roqueiros*, *hippies*, *punks*, *góticos*, *manos*, *rappers*, *clubbers*.

Grupos religiosos

79. As expressões religiosas se constituem no principal espaço de agregação e socialização dos jovens nos anos dois mil.²⁹ Os dados do censo de 2010 do IBGE indicam que um número reduzido de jovens não tem uma religião. Dentre aqueles que afirmam ter religião, 54,9% são católicos; 21,4% são evangélicos (protestantes históricos, pentecostais e neopentecostais); 2% se dizem ateus; 14,3% se declaram sem religião. O temor a Deus está entre os quatro valores mais importantes para os jovens, com 44% das indicações.³⁰
80. Atualmente, grande número de jovenstende a propostas religiosas finais radicais na relação com o sobrenatural, de forma que o jovem, “é concebido como alguém mais propenso a atitudes heroicas e a virtuosismos religiosos, que busca a santidade e também a revolução, e que morreria por uma causa”.³¹ Segundo essa leitura, tais experiências propiciam uma sensação de força e de poder diante dos desafios da sociedade.³²

29 Cf. SOFIATI, F. M., *A juventude no Brasil: história e organização*. Acesso em, 15/5/2012 www.apebfr.org/.../pdf/14%20Flavio%20Munhoz%20Sofiat.pdf.

30 A referência é a pesquisa *Perfil da juventude brasileira*, da Fundação Perseu Abramo. Esse perfil foi elaborado a partir de dados empíricos coletados no ano de 2003. A leitura da pesquisa é encontrada no livros: ABRAMO, H. W. & BRANCO P. P. M. (Org.) *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2005.

31 Cf. MARIZ, C. L. *Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião*. In *Tempo Social*, Vol. 17, No 2. São Paulo, USP, Nov., p. 256. In SOFIATI, F. M. *a Juventude no Brasil: história e organização*.

32 Essa tese é assumida por SOFIATE, F. M. que recentemente lançou um livro sobre o tema: *Religião e juventude: os novos carismáticos*. Ed. Ideias & Letras.

81. Os jovens encontram em várias Igrejas espaço de agregação e de sociabilidade, tanto nas cidades como na zona rural. Em meio à experiência religiosa, surgem também atividades caritativas,³³ de lazer e de música. A pertença a esses grupos influencia-lhes as visões de mundo e de si mesmos, e os afasta da violência, favorecendo a formação de identidades estáveis³⁴ para melhor inserção no trabalho e no mundo sociopolítico.³⁵
82. Estamos convictos de que os adolescentes e os jovens permanecem em nossos ambientes e contribuem com a missão, se encontram espaços, pessoas e situações adequadas que os auxiliem em suas buscas existenciais, no desenvolvimento de seus dons e na formação religiosa. Com grande alegria constatamos a presença de uma multidão de jovens convivendo e participando da vida de nossas comunidades: *“Em nossa Igreja há uma presença significativa de jovens em vários setores da vida eclesial: nas comunidades eclesiais de base e nas paróquias, participando das equipes de liturgia e de canto, atuando como catequistas, em diversas pastorais”*.³⁶ Apesar disso, duas realidades nos questionam: aquela parcela considerável de juventude que resume sua presença eclesial em participar de missa dominical e aqueles muitos grupos de jovens que não se identificam com nenhuma expressão associativa atual, mas permanecem em nossos ambientes.
83. As iniciativas solidárias e as propostas de encontro, quando bem preparadas e motivadas, têm atraído muitos jovens, desejosos de viver apaixonadamente as suas convicções de fé e sua opção

33 Cf. FONSECA, A. B.; NASCIMENTO, R. *Caridade em ação: os vicentinos no Rio de Janeiro: ditos e feitos; Pobreza e trabalho voluntário – estudos sobre a ação social católica no Rio de Janeiro*. Textos de pesquisa. Rio de Janeiro, ISER, 1995, pp. 27 - 49. In FERNANDES, S. R. A. *Adesão religiosa no segmento juvenil: apolitização ou reinvenção da política?* Ver. Univ. Rural, Sér. Ciências Humanas. Seropédica, RJ, EDUR, v. 29, n. 2, jul-dez.

34 Cf. PELUSO, M. L.; TORMIM, C. V. *Violência social, pobreza e identidade entre jovens no entorno do Distrito Federal*. GEOUSP, Espaço e Tempo, Vol. 18. São Paulo, USP, 2005, pp. 127-137. In FERNANDES, S. R. A. *Adesão religiosa no segmento juvenil: apolitização ou reinvenção da política?*

35 Cf. FERNANDES, S. R. A. *Adesão religiosa no segmento juvenil: apolitização ou reinvenção da política?* p. 155.

36 CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 47.

católica. Grandes momentos criados e organizados pela Igreja³⁷ têm demonstrado essa realidade, como o Dia Nacional da Juventude, celebrado em outubro; o Dia Mundial da Juventude, no Domingo de Ramos; encontros especiais de final de semana; eventos relacionados à cultura juvenil. A recente peregrinação dos símbolos da Jornada Mundial da Juventude pelas dioceses do Brasil, a Cruz de Jesus e o Ícone de Nossa Senhora, vem confirmar que os jovens brasileiros estão sedentos de oportunidades significativas e organizadas que os valorizem em seu modo de ser e de fazer acontecer as atividades.

84. É gratificante encontrar-se com um número considerável de jovens que, não obstante o sacrifício de uma vida exigente de trabalho e de estudo, não medem esforços nem economizam tempo e simpatia para servir os irmãos, principalmente nos finais de semana. Muitas de nossas comunidades, principalmente nas periferias, contam com a coordenação de jovens maduros em sua vocação de serviço. Cresce a consciência missionária dos jovens. Isso já parece estar em seu coração e em seus discursos, e as bonitas experiências nesse campo estão, pouco a pouco, beneficiando a todos.

Grupos ecológicos

85. As questões ecológicas começaram a ganhar visibilidade nos anos setenta, mas somente neste novo milênio a maioria das pessoas se mostra mais receptiva a essa problemática. Os jovens de hoje, recebendo uma formação que incorporou essa questão, em geral se mostram sensíveis e preocupados com a degradação dos ecossistemas e biomas.

Grupos de afirmação da identidade

86. Na linha das lutas sociais, tão intensas em décadas anteriores, encontramos grupos atuantes, organizados e com estratégia

37 Cf. CNBB, *Estudos* 44, n. 141; *Estudos* 76, p. 121 e 225; *Evangelização da Juventude*, n. 152, 153, 172; CF 1992, p. 75.

de ação bem definida, procurando despertar as pessoas para algumas injustiças cometidas em relação aos segmentos que representam (negros, índios, portadores de deficiência e outros). Lutam para serem ouvidos e atendidos em suas reivindicações.

Grupos que se posicionam frente à globalização

87. Há jovens que se alinham segundo uma agenda que se posiciona “contra a globalização” ou “por outra globalização”. Naturalmente, procuram articular suas ações de forma mais ampla, promovendo algumas manifestações, das quais as mais conhecidas são Fórum Social Mundial, Ação Global dos Povos, *Encuentros Intergalácticos de los Zapateiros*.

Grupos folclóricos e artísticos

88. Os jovens se organizam em grupos com motivações culturais e, pela música, pelas danças, pelos gestos, pelas expressões, pelos símbolos, elaboram significados e se posicionam publicamente na sociedade. Esses grupos podem ser independentes, ou surgem ligados aos incentivos de instituições como o governo ou igrejas.

Grupos pelas redes sociais

89. A mais recente forma de organização da juventude é proporcionada pela comunicação em tempo real por meio das novas tecnologias da área. Em posse desse recurso, a juventude tem edificado uma sociedade sem fronteiras, pois todo e qualquer fato, ocorrido em qualquer canto do mundo, é disponibilizado em poucos minutos pelas redes sociais. Um grande percentual de jovens ocupa boa parte de seu tempo conectado ou preocupado em se conectar em rede. Recente pesquisa³⁸ aponta que cerca de 50% dos jovens brasileiros (de 18 a 29 anos) utilizam diariamente a internet para trabalhar, para estudar e para se

38 Cf. IBASE/POLIS/IDRC, *Seis Demandas para a construção de uma agenda comum*. Relatório da Pesquisa Juventude e Integração Sul-Americana. Rio de Janeiro, fevereiro de 2008, p. 36.

relacionar socialmente.³⁹ Se considerarmos os jovens que utilizam a internet esporadicamente, o número ultrapassa a marca dos 80%, indicando que essa maneira de se comunicar é realmente significativa e importante para eles.

90. E a rede é uma maneira inovadora e incontrolável de se relacionar. Gostos, sentimentos, ideias se encontram, entrecruzam-se, criam e recriam mundos fora do controle institucional, mundos em rede. A utilização dos celulares é também um fator indicativo da necessidade de o jovem estar sempre conectado. Uma recente pesquisa realizada por uma empresa da área de telefones celulares indica que 85% dos jovens apontam o celular como o dispositivo móvel mais importante da vida.⁴⁰ O celular dá a sensação de nunca se estar sozinho, de nunca ser mais um na massa, de ser único e estar sempre ligado, “plugado”, conectado à tribo e poder partilhar o que se deseja.

3.4. Novas linguagens

91. A mais recente forma de organização dos jovens é proporcionada pela **comunicação em tempo real** por meio das novas tecnologias e suas linguagens. Em posse desse recurso e de novas maneiras de se expressar, a juventude atual tem edificado uma sociedade sem fronteiras, pois todo e qualquer fato, ocorrido em qualquer canto do mundo, é disponibilizado em poucos minutos pelas redes sociais.
92. Nessa rede de relações, surgem novos conceitos, novos símbolos, uma nova **linguagem mais simplificada, veloz e direta**, rapidamente assimilada pelos mais jovens. Eles passam da linguagem formal e linear para a linguagem do *hiperlink*.; utilizam linguagens digitais (imagem, som, interatividade) e as redes, como novos conceitos e enciclopédias de informação.

39 Cf. NOVAES, et al., 2009, pp. 71-81

40 Cf. www.celulares.etc.br/celular-e-o-aparelho-mais-importante-para-o-jovem. Acesso em 8/6/2012.

93. Percebemos uma linguagem própria em seus aspectos gerais, mas, ao mesmo tempo, em **constante mudança**, exigindo, por isso, adaptações em vários campos. Esse novo modo de criar e recriar a linguagem está relacionado, também, com a articulação das linguagens **nos diversos âmbitos da sociedade**.
94. Essas novas linguagens comunicadas em novos meios são produzidas pelos jovens, mas também produzem suas subjetividades. Esta realidade apresenta **avanços e perdas** em relação ao passado. Os jovens criam e recriam as comunidades nas formas de tribos – grupos identitários que agregam gostos, costumes e ideologias. As novas mídias proporcionam encontros, partilhas e proximidades jamais experimentados. Os jovens de hoje sentem-se conectados com o mundo, abertos a todos, com milhões de conexões rápidas com quaisquer outros jovens.

3.5. Desigualdades juvenis

95. As condições de vida oferecidas aos jovens são desiguais.⁴¹ **Situações socioeconômicas** específicas, como a renda familiar e o nível de desenvolvimento do local onde vivem, **práticas discriminatórias e preconceitos** ainda vigentes têm marcado a vida dos jovens e comprometido seu futuro.

A desigualdade da renda

96. Com base na renda por Salário Mínimo (SM) *per capita* das famílias a que os jovens pertencem, temos estes dados: 30,6% estão em famílias de até meio SM, 15,7%, naquelas com SM superior a dois, e 53,7% às de renda entre meio e dois SMs. Os jovens pobres são em sua maioria não brancos (70,9%), enquanto os jovens brancos são 53,9% dos não pobres – embora a distribuição dos jovens brasileiros entre os grupos, branco e não branco, seja de 47,1% e 52,9%, respectivamente.

41 Obs.: Os dados estatísticos referentes à desigualdade apresentados nestes itens foram extraídos de um trabalho realizado pelo IPEA. Org. Jorge Abraão de Castro, Luseni Maria C. de Aquino e Carla Coelho e Andrade. *Juventude e políticas públicas no Brasil*. Brasília, IPEA, 2009, pp. 29-34.

A desigualdade nos espaços urbanos

97. Os jovens estão maciçamente presentes no meio urbano, representam 84,35% do total, restando apenas 15,2% no campo. Os jovens urbanos, notadamente nas periferias, convivem com rotinas de altas taxas de desemprego e de violência, crescente segregação espacial e qualidade de vida deteriorada. Cerca de 48,7% dos jovens urbanos vivem em moradias inadequadas fisicamente, dois milhões de jovens entre 15 e 29 anos vivem em favelas. Dentre esses, 66,9% são negros e 30,2% vivem em famílias que recebem até meio SM *per capita*.

A desigualdade e escolaridade

98. No Brasil, é assustador o número de adolescentes e jovens que permanecem fora da escola.⁴² Agrava o problema educacional a desproporção idade/série nesta faixa etária: menos da metade dos alunos entre 14 e 17 anos, está no ensino médio. Com relação às universidades, há também em nosso país o problema da histórica desigualdade do acesso, pois o ensino superior, com raras exceções, é destinado aos jovens das classes mais abastadas, o que está sendo amenizado por meio de programas governamentais e pela instituição de cotas. A taxa de jovens negros analfabetos, entre 15 e 29 anos, é quase duas vezes maior que a de jovens brancos. No ensino médio, entre 15 e 17 anos, os brancos têm uma frequência de 58,7%, contra 39,3% dos negros; no ensino superior, na faixa etária de 18 a 24 anos, a taxa dos brancos é de 19,8%, enquanto a dos negros é de 6,9%. Os jovens negros são os que mais aparecem entre aqueles que não estudam.

42 Adolescentes de 15 a 17 anos são a maioria entre os brasileiros excluídos da escola, mesmo fazendo parte da faixa etária que deve ter atendimento obrigatório por lei desde 2009. Estudo realizado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e pela Campanha Nacional pelo Direito à Educação mostra que esses jovens representam 42% dos 3,7 milhões em idade entre 04 a 19 anos fora da escola, ou um milhão e quinhentos mil. <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2012-08-31/jovens-de-15-a-17-anos-sao-maioria-dos-excluidos-da-escola-brasileira.html>. Acesso em 01/09/2012.

Desigualdade, trabalho e gênero

99. A pesquisa aponta que 26,5% dos rapazes, jovens de 15 a 17 anos, conciliam os estudos com o trabalho e 11,4% só trabalham; entre as jovens, tais proporções são, respectivamente, 17% e 5%. No entanto, as jovens têm melhor frequência escolar do que os jovens. A proporção das jovens que não estudam nem trabalham é crescente, de acordo com a faixa etária, passando de 12% entre os jovens de 15 a 17 anos, para 31,9% entre as de 18 a 24 anos, e para 32,6% entre as de 25 a 29 anos.

Desigualdade e desestruturação das relações familiares

100. Em geral, a maioria dos jovens é solteira e está na condição de filhos. Encontramos 30,7% já na posição de chefes de domicílio e/ou de cônjuges, sendo a maioria mulheres, com variação segundo a faixa etária: de 3,2% no grupo de 15 a 17 anos, de 24,4% no grupo de 18 a 24 anos, chegando a 57,6% no grupo mais velho; é crescente o número de mulheres que não abandona o mercado de trabalho, mesmo com o casamento e/ou da maternidade. Entre os que nesta faixa etária são chefes domiciliares, 83,1% são mulheres, das quais 42,7% têm renda domiciliar *per capita* inferior a meio SM; 71,3% dentre estas não estudam. Em dados de 2008, o divórcio no Brasil cresceu 200% em 23 anos, ou um divórcio a cada quatro casamentos. Para o jovem, este fato tem consequências catastróficas, principalmente porque, na maioria das famílias, quando os filhos estão chegando à adolescência, os pais já vivem maritalmente com outras pessoas, o que, em geral, é motivo para conflitos.

A desigualdade e violência

101. *“De acordo com o Mapa da Violência 2011, enquanto a taxa de mortalidade total da população brasileira caiu, a dos jovens subiu, puxada pelos homicídios. Na população não jovem, 2% das mortes são por homicídios. Entre os jovens esse percentual é de 40%”*.⁴³ Os jovens

43 CANO, Inácio, **Mortalidade violenta entre jovens brasileiros**. In <http://sociologiaehlegal.blogspot.com.br/2011/04/ignacio-cano-sociologo-do-laboratorio.html>. Acesso em 7 de junho de 2012.

negros são, também, as maiores vítimas da violência. A taxa de homicídios entre jovens brancos do sexo masculino é de 63,9% por 100 mil habitantes; a dos jovens negros é de 135,3% e a dos pardos, de 122,8%. Esses dados revelam que para cada jovem branco morto por homicídio morrem, em média, dois jovens negros. A maioria desses atos de violência ocorre no contexto de tráfico e de consumo de drogas. Na década de 1990, houve um crescimento considerável no consumo de drogas: o uso da maconha aumentou de 2,8% para 7,6% da população e o uso da cocaína teve um aumento de 400% entre 1987 e 1997. Atualmente, o *Crack*, pelo baixo custo e fácil acesso, tem assolado muitos jovens, principalmente os mais pobres. Os assassinatos de jovens aparecem nas camadas mais pobres. A violência no trânsito também tem dizimado a vida de inúmeros jovens, em todas as classes sociais, especialmente nas regiões urbanas.

A desigualdade e seus reflexos nos povos tradicionais

102. A construção da identidade dos jovens no seio das culturas, em suas peculiaridades, é afetada pela ausência de políticas públicas. Eles são jogados em bolsões de pobreza, de exclusão e de falta de perspectiva de vida. Agrava essa dificuldade o preconceito vivido por tais populações no confronto com a sociedade que se vai moldando segundo a globalização. É preciso superar os preconceitos históricos que depreciam esses jovens e reconhecê-los como sujeitos de direitos, segundo suas demandas específicas, advindas das condições e dos lugares onde residem.
103. Grande parcela dos jovens **negros** vive em comunidades tradicionais de povos quilombolas. A juventude negra pertencente a essas comunidades tem reduzidas possibilidades de acesso aos direitos em comparação com os jovens pertencentes aos territórios urbanos.
104. A juventude **indígena** depara com o desafio, que se torna cada vez maior, de manter sua cultura, danças, rituais e modos de vida. A preservação dessas culturas é fundamental para a formação da identidade dos jovens indígenas, mas a cultura urbana se impõe e seduz cada vez mais, afetando-os.

105. Pesquisas apontam que 15,2%⁴⁴ dos jovens pobres do Brasil estão no **campo**, onde deparam com grandes desafios no trabalho, na educação, na cultura e na segurança. Outros obstáculos de ordem econômica e cultural, presentes na vida dos jovens, estão diretamente relacionados com sua atividade agrícola e com sua permanência no campo, como a precariedade financeira, as dificuldades de transporte e o acesso à cidade.

3.6. Exclusão social e violência

106. Somos desafiados e provocados a refletir sobre uma das questões que afeta, de maneira devastadora, grande parte da sociedade brasileira, em especial a juventude, que se sente vulnerável diante da estrutura social de desigualdade e exclusão, geradora de violência contra as pessoas.⁴⁵

107. Essa violência institucionalizada, cujas consequências atingem pesadamente os jovens⁴⁶ e geram tantos sofrimentos, tende a criar um espaço de estereotipagem e de ligação direta entre juventude e violência, como se ambas fossem a mesma coisa. Muitas vezes, quando se fala em jovem, automaticamente se remete à desordem, ao descompromisso e, conseqüentemente, à violência.

108. Entretanto, os jovens que sofrem violência não são apenas números quantitativos, mas revelam em si a significância concreta de pessoas reais, com sonhos, família, esperança, angústia e desejo de vida.

44 Cf. Org. Jorge Abraão de Castro, Luseni Maria C. de Aquino e Carla Coelho e Andrade. *Juventude e políticas públicas no Brasil*, p. 33.

45 Sobre o tema, o jornalista Gilberto Dimenstein afirmou em recente artigo: “O aumento vertiginoso do assassinato de jovens no Brasil é apenas um reflexo do que considero nossa maior bomba social: o abandono da juventude. É um tema que, apesar de todos os avanços, ainda não está na agenda do brasileiro”. <http://portal.aprendiz.uol.com.br/2012/07/18/nossa-maior-bomba-social/>. Acesso em 28/7/2012.

46 Segundo dados do “Mapa da Violência 2012 – Crianças e Adolescentes do Brasil”, os assassinatos entre adolescentes e crianças no Brasil, entre 1980 e 2010, aumentou 376%, sendo que no mesmo período, os homicídios como um todo cresceram 259%. Em 1980, os homicídios de jovens representavam no total de mortes no país. pouco mais de 11% dos casos de assassinato; já em 2010, 43%. <http://pejoteirosantos.wordpress.com/>. Acesso em 28/7/2012.

109. Os milhões de jovens vitimados pela violência estrutural de nossa sociedade deixam de ser atores, protagonistas das suas próprias vidas e da história, para se somar aos números desoladores das pesquisas sobre morte de jovens no país. Esse cenário repugnante de violência institucionalizada conclama ações e mobilizações para a superação dessa situação. Tais ações devem passar, de maneira especial, pela articulação dos próprios jovens, para protagonizarem o enfrentamento do problema com os meios de que dispõem, visando à construção de uma sociedade que ofereça condições de vida a todos.

3.7. Exclusão digital e violências em rede

110. Dados apresentados recentemente⁴⁷ revelam a **imensa desigualdade em relação à possibilidade de conexão** às novas tecnologias de informação e de comunicação no Brasil.

111. 65% dos domicílios não possuem computador, enquanto 73% dos domicílios não possuem acesso à internet, cuja velocidade média ainda é muito lenta.

112. Essa desigualdade pode ser expressa por classe econômica (% de domicílios com acesso à internet). A classe que possui os melhores índices é a A, com 90,0%; a classe B, com 65,0%; a classe C, com 24,0%; as classes D e E, com apenas 3,0%. Pode ainda ser verificada por área (% de domicílios com acesso à internet): a urbana apresenta 31,0% e a rural, somente 6,0%. Esses números confirmam que a **maioria da juventude brasileira acessa a rede em *Lan Houses*** ou em outros ambientes, que não em seus lares. Nos últimos anos, porém, esses dados vêm mudando acentuadamente. Como as redes sociais não são simples meios tecnológicos de comunicação, mas, principalmente, ambientes de relação e de produção de valores, todo cidadão tem direito a elas. Políticas públicas devem garantir acesso igual para todos,

47 Cf. TIC Domicílios – CGI – 2010. Estes dados podem ser encontrados no endereço: www.consecti.org.br/.../Lygia_Apresentação-CONSECTI_9março2. Acesso em 9/6/2012.

nesses espaços, sem os quais já não se pode mais pensar o cotidiano, principalmente o dos jovens.

113. Apesar de ser uma das “*maravilhosas invenções da técnica*”⁴⁸, a internet, bem sabemos, não é um meio sem riscos. Na verdade, a rede reflete os problemas sociais que enfrentamos fora dela. **Virtual e real se confundem.** De acordo com um estudo realizado pela Universidade de Navarra, na Espanha, em parceria com a Fundação Telefônica,⁴⁹ cerca de 46% dos paulistanos, de 6 a 18 anos, não são fiscalizados pelos pais acerca dos *sites* acessados. 60% afirmam já terem marcado encontros com pessoas que conheceram pela internet, fato que aumenta, e muito, o risco de serem vítimas de pedofilia. A superexposição a que muitos adolescentes e jovens se submetem proporciona oportunidade para criminosos terem acesso a informações importantes acerca da intimidade familiar.
114. As redes sociais são também um campo profícuo para a **difusão de ideologias** que diminuem a vida. Não é incomum encontramos grupos que defendem violência, vigorexia, bulimia, anorexia, *bulling*,⁵⁰ consumo de drogas, preconceitos, pornografia, difundindo não apenas ideias, mas também organizando grupos sociais que entram em conflito grave com os direitos humanos e com a liberdade das pessoas.

48 PAPA PAULO VI, *Decreto Inter Mirifica – sobre os meios de comunicação social*. Vaticano, 4 de dezembro de 1966, n. 1.

49 Cf. <http://blog.fundacaotelefonica.org.br/?tag=geracoes-interativas>. Acesso em: 15/3/2012.

50 **Vigorexia, bulimia e anorexia** são distúrbios alimentares diferentes, que afetam principalmente os jovens e provocam graves danos à saúde e, algumas vezes, até a morte. Vigorexia é um distúrbio que afeta mais os rapazes; consiste em uma exagerada prática de exercícios físicos e ingestão de drogas com a finalidade de aumentar o volume dos músculos e exibir um físico invejável; a anorexia, mais comum entre as mulheres, consiste em uma visão distorcida da realidade, pela qual a pessoa se vê sempre com excesso de peso e por isso faz dietas rigorosas e ingere drogas que fazem emagrecer ao extremo; a bulimia, também mais comum entre as mulheres, é o distúrbio de quem também tem preocupação exagerada com o peso e a aparência do próprio corpo e que, não conseguindo conter a vontade de comer, provoca vômitos depois de ingerir alimentos, usa laxantes e diuréticos em doses excessivas. **Bulling** é outro distúrbio psicológico, não relacionado com a alimentação, referente a várias formas de agressão física, verbal ou psicológica em que o agressor, só ou em grupo, se vale de sua superioridade física para humilhar, intimidar, ofender ou excluir uma pessoa sem condições de defender-se. Ocorre principalmente em escolas, mas também em clubes e ambiente de trabalho. Cf. www.brasile scola.com. Acesso em 3/8/2012.

3.8. Direitos e deveres de todos

3.8.1. Políticas públicas para a juventude

115. Entre os anos de 2003 e 2012, a temática dos direitos da juventude avançou no cenário político brasileiro, com a criação de novos âmbitos, espaços de debate e formulação da questão. A partir de 2005, com a criação do Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) e do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM), o Governo Federal passou a ser o responsável por muitas dessas ações, tanto no diálogo com a sociedade civil, como no trabalho com os Ministérios e Secretarias dos Estados e Municípios, visando à criação de programas e ações voltadas para a juventude.
116. Com o debate estimulado e a **participação efetiva dos jovens** na implementação e gestão das políticas públicas, muito se tem avançado. Porém, é necessário aprofundar e qualificar melhor o trabalho no que diz respeito, principalmente, à efetivação das políticas públicas formuladas nos espaços de participação, como as duas Conferências Nacionais de Juventude que aconteceram em 2008 e 2011.
117. Esses espaços foram fundamentais na consolidação da participação concreta da juventude nos municípios, nos estados, nas escolas e nas universidades. Tais Conferências recomendam políticas públicas relacionadas ao **trabalho, à cultura, à educação, ao esporte, ao lazer, ao meio ambiente, à vida segura, à saúde e a várias outras demandas** de fundamental importância para a concretização e possibilidade de vivência dos direitos. É papel do poder público estimular e garantir o protagonismo da juventude nos aspectos políticos, desde o levantamento das demandas, elaboração e efetivação das políticas públicas, até a fiscalização e avaliação.
118. São deveres dos jovens, como cidadãos, o desenvolvimento da consciência política e o exercício constante do olhar crítico

sobre essas políticas públicas, a fim de que correspondam sempre às suas necessidades básicas. Infantilizamos os jovens quando não os orientamos para a corresponsabilidade pela sua formação integral e pela construção da sociedade que almejam e necessitam. Estimular o protagonismo exige dos jovens a participação nos processos públicos de efetivação de seus direitos, a adesão como grupo social em seu papel de transformação de toda a sociedade.

3.8.2. Acompanhamento eclesial

119. Eclesialmente, também é preciso **abrir espaços de diálogo sobre os direitos e a participação dos jovens em nossas comunidades**. Não é raro certo fechamento de comunidades eclesiais às organizações juvenis, muitas vezes até desvalorizadas e desmotivadas pelos adultos. Segundo o Código de Direito Canônico, *“os fiéis podem livremente fundar e dirigir associações para fins de caridade ou de piedade, ou para fomentar a vocação cristã no mundo, e reunir-se para alcançar em comum esses mesmos fins”*.⁵¹ O Bem-Aventurado João Paulo II assim se expressou: *“essa liberdade constitui um verdadeiro e próprio direito que não deriva de uma espécie de ‘concessão’ da autoridade, mas que promana do Batismo, qual sacramento que chama os fiéis leigos para participarem ativamente na comunhão e na missão da Igreja. O Concílio é muito explícito a este propósito: ‘Respeitada a devida relação com a autoridade eclesiástica, os leigos têm o direito de fundar associações, dirigi-las e dar nome às já existentes’*”.⁵²
120. Lamentamos as realidades em que **lideranças adultas não garantem o acompanhamento e o apoio** necessário aos agrupamentos juvenis: pastorais da juventude, movimentos, novas comunidades, grupos ligados às congregações religiosas. Esse acompanhamento é extremamente necessário para garantir processos de educação na fé que conduzam à maturidade cristã.

51 *Catecismo da Igreja Católica*, n. 215.

52 PAPA JOÃO PAULO II, *Christifideles Laici*, n. 29.

121. Não são raros os agrupamentos juvenis que caminham total ou parcialmente à margem da comunidade eclesial, afastando-se das suas estruturas de acompanhamento. Cabe, portanto, lembrar às coordenações das diversas expressões juvenis o dever de serem, também elas, promotoras de comunhão eclesial, especialmente com o Bispo diocesano e o Plano Pastoral local.



Segunda Parte

“Eis-me aqui, envia-me!”

122. Em nossa época, cujo maior desafio é acompanhar a velocidade das mudanças em todas as esferas da vida humana,⁵³ desponta a urgente necessidade de aprofundarmos o tema da juventude à luz das Sagradas Escrituras, da Tradição e do Magistério da Igreja.
123. Sabemos que os jovens são as pessoas mais sensíveis e propensas às mudanças. Em geral, não são passivos, pois são agentes de renovação da Igreja e da sociedade. Atingido pelos fortes aspectos da cultura emergente, pelas constantes transformações, pelo poder de comunicação dos meios eletrônico-digitais, pela exclusão social e pela violência, o meio juvenil é sempre o primeiro segmento da sociedade a absorver tanto os elementos bons quanto os elementos ruins dessas mudanças.
124. Por intermédio da Igreja e pelos sinais dos tempos, Deus nos mostra a realidade juvenil atual, auxiliando-nos a descobrir nela o mistério que Ele nos quer revelar por meio do rosto jovem. Ele nos mostra a potencialidade inerente à juventude, bem como o que ainda está em desarmonia com a vida plena anunciada por Cristo.

1. Jovens nas Sagradas Escrituras

125. A Palavra de Deus e a história da Igreja apresentam vários testemunhos de jovens que, uma vez valorizados e chamados por Deus, assumiram sua vocação de missionários da vida plena em

53 Cf. CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2011 - 2015*, n. 20.

contextos não condizentes com o projeto divino. Deus nunca deixou de confiar nos jovens e de reconhecê-los como grandes transformadores da realidade.

1.1. No Antigo Testamento

126. No Antigo Testamento, encontramos diversos exemplos de jovens, homens e mulheres, que não hesitaram em viver conforme o princípio: *“Eis-me aqui, envia-me!”*, escolhido como lema para esta Campanha da Fraternidade.
127. As limitações pessoais e a complexidade da missão não os inibiram na resposta positiva ao chamado que Deus lhes fez. Suas histórias, registradas nos Livros Sagrados, mostram que foram capazes de se manter fiéis à Palavra de Deus, de enfrentar as dificuldades e circunstâncias de seu tempo, como as injustiças sofridas por seu povo, e se tornaram porta-vozes da vontade de Deus. A seguir apresentamos alguns exemplos, sobretudo Isaías, de cujos escritos foi extraído o lema desta Campanha:
128. No livro do Gênesis, a jovem **Rebeca** responde de maneira firme e decidida ao convite para se casar com Isaac; precisou deixar seus pais, família, irmãos para ir com o esposo para terras estranhas. Numa atitude semelhante à de Abraão, respondeu sem reservas ao chamado de Deus. É exemplo de jovem e mulher fiel a Deus e corajosa em suas decisões (cf. Gn 24).
129. **José do Egito**, o irmão mais novo de uma família numerosa, foi vendido pelos irmãos por ciúme e inveja. Pela ação de Deus, foi resgatado e educado próximo à família do faraó, mostra discernimento para interpretar a vontade de Deus, que salvará da fome o seu país e a própria família (cf. Gn 41,1-57). José é exemplo do jovem capaz de promover a reconciliação com os irmãos, de assumir papel social em seu tempo e de superar dificuldades. Resistindo à tentativa de sedução da mulher de Putifar (cf. Gn 39,7-20), ele é também exemplo de jovem que vive a castidade e se opõe à banalização da sexualidade e do amor.

130. **Samuel**, ajudado por um adulto em seu discernimento, coloca-se à disposição do Senhor. É modelo de jovem que assume uma vocação religiosa. Ele aprende a discernir a voz de Deus e se torna um importante líder religioso de seu povo, em um momento de desorientação social, moral e religiosa. Sua atitude é uma referência de fidelidade a Deus e a seu povo, pois *“não deixava cair por terra nenhuma de suas palavras”* (cf. 1Sm 3,20).
131. **Davi** é o filho mais jovem de Jessé. Foi o escolhido para ser ungido rei de Israel (cf. 1Sm 16,1-13). Mesmo desacreditado por ser jovem (cf. 1Sm 17,31-33.42), mostrou inteligência, vontade e coragem para enfrentar Golias (cf. 1Sm 17). Representa o povo fraco e oprimido na construção de um reinado marcado pelo crescimento e pela felicidade de sua nação.
132. **Salomão** é o jovem rei que solicita a Deus o dom da sabedoria para ter a capacidade de discernir, promovendo justiça no governo de seu povo (cf. 1Rs 3,4-28). Sua postura, diante do alto cargo que assumiu, convida nossos jovens a não temerem assumir seus postos no exercício da cidadania, em especial nas funções públicas que poderão exercer, com sabedoria, para a edificação do Reino de Deus.
133. O episódio dos **sete jovens irmãos** do Segundo Livro dos Macabeus narra como eles desobedeceram às ordens de Antíoco Epifânio para serem fiéis à Lei dada ao Povo de Deus (cf. 2Mc 7,1-42). É um dos trechos mais comoventes das Sagradas Escrituras, retratando as convicções de jovens que, mesmo sofrendo adulações, violências, torturas, foram fiéis a Deus e às tradições de seu Povo até o martírio. Foi o testemunho dos sete mártires macabeus que inspirou Judas Macabeu a liderar a revolta contra Antíoco, contando com a ajuda de Deus e conquistando a vitória definitiva. Essa passagem mostra a fidelidade e o idealismo dos jovens, os verdadeiros testemunhos de pessoas que não temem desafios e que são capazes de sacrifícios heroicos na defesa daquilo em que acreditam.

134. **Ester** é a jovem bela e atraente (cf. Est 2,7) que foi apresentada ao rei Assuero. Ele se encanta com Ester e com ela se casa. Por sua intervenção, Ester salva a vida de seu povo, libertando-o da opressão e da dor (cf. Est 8-9). Modelo de jovem fiel ao povo, torna-se uma liderança política.
135. **Daniel** intervém de forma corajosa em favor de Susana inocente, provocando nossos jovens de hoje a assumirem seu papel de “Sentinelas da Manhã”, construtores do novo – a Civilização do Amor – em que não haverá mais injustiças contra os indefesos (cf. Dn 13,45-61).
136. **Ezequiel** é o profeta que revela que a fidelidade de Deus à aliança é mais forte do que a infidelidade do seu povo (cf. Ez 16,1-63). Modelo do jovem que assume a vocação profética no meio do Povo de Deus, anuncia a Palavra do Senhor com destemor.
137. **Isaías**, autor da frase escolhida para ser o lema desta Campanha da Fraternidade: “*Eis-me aqui, envia-me!*” (Is 6,8), era jovem quando aceitou o convite de Deus para ser profeta em Israel, no ano da morte do Rei Ozias. O povo de Israel passava por momentos de incerteza diante da iminente invasão da grande potência da época, a Assíria, e precisava discernir caminhos para enfrentar esse desafio.
138. Parte do povo de Deus vivia infidelidades à Lei do Senhor: luxo, cobiça e injustiças eram cometidas pela corte e camufladas por uma falsa piedade. O chamado de Deus a Isaías o enviava a ser profeta num difícil contexto.
139. Membro de uma aristocracia que acumulava riquezas em detrimento do povo e celebrava um culto vazio e alienado, Isaías consegue enxergar as injustiças cometidas e a falta de fé do grupo a que pertencia. Assume suas próprias fragilidades, num rito de purificação.
140. Deus não abandona Isaías. Confia nele, apesar de sua fraqueza. Deus aposta em alguém em que ninguém jamais apostaria, Isaías, de lábios impuros, chamado a anunciar a Palavra profética,

não só de denúncia e de correção de atitudes, mas também de esperança nos momentos difíceis. Isaías não hesita em responder: “*Eis-me aqui, envia-me!*”

1.2. No Novo Testamento

1.2.1. Jesus instaura o Novo Reino

141. Pela Encarnação de seu próprio Filho, Deus se revela de forma radical. Assumindo a humanidade, Jesus é o Homem Novo, perfeito, do jeito com que Deus sonhou (cf. Jo I,1-14). É o “*rosto humano de Deus e o rosto divino do homem*”.⁵⁴ Nasce pobre, vive com os pobres, compartilha suas angústias e esperanças (cf. Lc 2; 4,16-20; 5,32; 15,2). Faz uma opção preferencial pelos pobres e marginalizados, assumindo um projeto de libertação deles. Como consequência, enfrenta os conflitos com aqueles que promoviam a exclusão social e religiosa.
142. São Lucas diz que Ele “*ia crescendo em sabedoria, tamanho e graça, diante de Deus e dos homens*” (Lc 2,52). Isso nos mostra que Jesus recebeu todas as condições para o amadurecimento integral de sua vida, ou seja, conforme a vontade de Deus, que sempre deseja que seus filhos cresçam em todas as dimensões. Os termos “*tamanho*”, “*sabedoria*” e “*graça*” apontam para um amadurecimento global do ser humano, segundo o desejo do Pai para seus filhos e filhas.
143. A **estatura** indica, primeiramente, o crescimento físico, próprio do jovem. Jesus atingiu o pleno desenvolvimento de seu potencial físico; os suplícios que suportou em sua paixão O revelam como um homem forte.
144. O desenvolvimento que se espera de alguém que vem a este mundo não é apenas físico. Nesse sentido, o texto indica

54 Cf. JOÃO PAULO II, *Ecclesia in America*, n. 67.

também outra qualidade, a **sabedoria**. Trata-se da sabedoria que Jesus vai adquirindo em diálogo com as Escrituras, com seus pais e com os mestres de seu tempo. Ele despertou para essa busca desde a mais tenra idade, como sugere o episódio em que Maria e José O reencontraram, em Jerusalém, no Templo, entre os doutores, ouvindo-os e interrogando-os (cf. Lc 2,46-49).

145. A terceira qualidade atribuída à juventude de Jesus é a **graça**. É um termo que indica a posição de uma pessoa diante de Deus ou diante das outras pessoas. A afirmação segundo a qual Jesus cresceu em graça diante de Deus e dos homens indica duas coisas: diante de Deus, significa sua total fidelidade ao Pai, sua vida humilde na família de Nazaré como totalmente correspondente à vontade de Deus e a seu plano salvífico; diante dos homens, significa que ele contava cada vez mais com o apreço e a valorização dos que o conheciam.
146. Em nossos dias, temos uma cultura que acentua o **cultivo físico** em detrimento daquele que contempla todas as dimensões do ser humano. Vemos o fenômeno em que muitos jovens crescem rapidamente em robustez, com os meios que lhes oferece nossa sociedade, mas demoram a atingir um desenvolvimento mais amplo e pleno.
147. Diante do processo de crescimento de Jesus, em estatura, sabedoria e graça, somos convidados a refletir sobre as condições favoráveis que possam contribuir no desenvolvimento das dimensões e potencialidades do jovem; processo necessário para que possa assumir o protagonismo que dele se espera.
148. Os Evangelhos também nos mostram o **encontro de Jesus com vários jovens**: acolhe a jovem mãe, excluída pela sociedade da época, que pedia com insistência a cura de sua filhinha, (cf. Mc 7,24-30); demonstra compaixão na parábola dos dois filhos (cf. Mt 21,28-32); acredita na regeneração e na possibilidade de perdão dos erros da juventude, como o demonstra a parábola em que o filho mais novo que pede a herança de seu pai, antes

- mesmo de sua morte (cf. Lc 15,11-24); convida jovens a um novo caminho e a viverem seu projeto de desapego aos bens materiais para uma real felicidade (cf. Lc 18,18-23).
149. Em seu Evangelho, Jesus apresenta constantemente a novidade que vai modificando a realidade ao seu redor. Numa sociedade em que **os rituais eram centrais**, em que não se podia comer sem lavar as mãos (cf. Mt 15,2), em que os leprosos eram excluídos por serem considerados “impuros”, e os doentes mentais, “possuídos pelo demônio”, Jesus diz que a sujeira não está no que *“entra pela boca, mas no que sai da boca”* (Mt 15,11), e cura os leprosos, mandando que se apresentem aos sacerdotes, retornando à vida em sociedade (cf. Lc 17,14).
150. Num tempo em que **as mulheres** eram tratadas como inferiores (cf. Mt 14,21), vistas como impuras durante o tempo da menstruação, consideradas indignas de serem testemunhas nos tribunais, Jesus se faz acompanhar por um grupo de mulheres, atribuindo-lhes um papel social (cf. Lc 8,1-3), tornando-as primeiras testemunhas de sua Ressurreição (cf. Mc 16,1-18).
151. No contexto de uma sociedade em que **as crianças não tinham relevância** (cf. Mt 15,38), Jesus diz ser necessário tornar-se criança para entrar no Reino de Deus (cf. Mc 10,13-16). Num lugar em que muitas pessoas eram desprezadas por causa de suas profissões, afastadas e chamadas de pecadoras, Jesus de Nazaré escolhe um cobrador de impostos para ser um dos Apóstolos, senta-se também com “publicanos” e “pecadores” (cf. Mt 9,9-10).
152. Mesmo vivendo numa **sociedade que discriminava os samaritanos** por serem considerados estrangeiros e impuros (cf. Lc 8,52), Jesus é recebido por eles, conversa com uma samaritana (cf. Jo 4,7), cita, em várias parábolas, os samaritanos como exemplo de amor verdadeiro (cf. Lc 10,33).
153. Onde havia o legalismo, sobretudo na observação da “Lei do Sábado”, Jesus afirma que o homem é o centro de tudo (cf. Mc 3,4; 2,23-29). Cura num dia de sábado (cf. Mc 3,4), dá para os

discípulos, nova interpretação à colheita das espigas de trigo num sábado, por causa da fé, e afirma que *“a lei do sábado é feita para o homem e não o homem para a lei do sábado”* (Mc 2,23-29).

154. **A jovialidade do projeto de Jesus Cristo** consistia, portanto, na apresentação da novidade do Reino como renovação radical da relação com Deus e com os irmãos, com consequências radicais diante do sistema de sociedade que vigorava na época. O Reino de Deus era o grande anúncio de Jesus. A partir de sua experiência de comunhão com o Pai, Jesus propõe um jeito totalmente novo de ver, de pensar, de agir e de organizar as relações entre as pessoas. Quando diz: *“o Reino já está no meio de nós”* e é dom do Pai (cf. Lc 16,20), apresenta a si mesmo: *“Eu sou o caminho, a verdade e a vida”* (Jo 14,6). Por parte dos homens e das mulheres, existe a necessidade de conversão, de acolhimento, de mudança nas estruturas sociais injustas, de esforço para o Reino de Deus crescer (cf. Mt 13,21-33). Por seu jeito de ser e de viver, Jesus revela e inaugura o Reino (cf. Mt 25,31-46).
155. Jesus de Nazaré é o modelo a ser seguido. Quando O contemplamos, vemos, **em seu modo de viver, atitudes a serem assumidas hoje**. Ressaltamos sua comunhão na intimidade da Trindade e o zelo por realizar a vontade do Pai (cf. Jo 6,38), com autenticidade e com coerência, o que causava admiração das pessoas (cf. Lc 4,22); sua misericórdia, seu acolhimento e sua capacidade de perdoar (cf. Mt 18,21; Jo 8,3-11); seu senso de diálogo (cf. Lc 9,49-50); sua capacidade de amar até entregar a própria vida (cf. Mt 20,28; Jo 10,15-17) e, assim, transformar o que é *“velho”* em *“novo”* (cf. Lc 10,24). Mas a novidade de sua proposta se encontra, mesmo, na radicalidade do mandamento do amor (cf. Mt 5,43-48; Jo 13,1-5), que ilumina situações de vida, e na observância dos mandamentos (cf. Mt 5,23-24). Ele vivenciou primeiro esse amor, até a entrega na Cruz (cf. Jo 19,30), e derramou o Espírito Santo em nossos corações para recordar aos discípulos missionários esse exemplo e fortalecê-los na vivência da novidade do amor.

1.2.2. Maria, presença educativa

156. Maria de Nazaré é a jovem que recebe um papel fundamental na História da Salvação, apresentando-se com fé, obediência, coragem e liderança. Prometida em casamento a José, aceita a proposta de Deus para ser a Mãe de seu Filho (cf. Lc 1,26-38). O seu “*Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra*” (Lc 1,38), transformou-lhe a vida e a história da humanidade. Atravessa as montanhas de Judá para ajudar Isabel e proclama o *Magnificat*, consciente da situação política, cultural e religiosa de seu tempo, assumindo com coragem sua missão.
157. Maria é “*mãe, perfeita discípula e pedagoga da evangelização*”⁵⁵ da juventude porque, ao assumir com radicalidade sua missão, acolhe a todos como filhos e mostra como servir a Deus. É exemplo de missionária, de amiga e de sensibilidade social e pessoal, quando visita sua prima Isabel. Nas bodas de Caná, aponta a “falta de vinho”, fala para todos que a alegria da festa, que é a vida, é o encontro e o seguimento de Jesus Cristo, verdadeiro caminho de realização para a humanidade. Aos pés da Cruz, Maria torna-se Mãe do fiel Discípulo Amado, simbolizando a maternidade da Igreja, que deve dar à luz muitos filhos, à imagem de Jesus (cf. Jo,25-27).
158. Maria é, portanto, o principal **modelo de seguimento** de Jesus Cristo. N`Ela, encontramos as características do discipulado: a escuta amorosa e atenta, a adesão à vontade do Pai, a atitude profética, a fidelidade a ponto de acompanhar seu Filho até a cruz e continuar sua missão evangelizadora.⁵⁶
159. Os jovens peregrinam continuamente aos santuários marianos, mostrando-Lhe carinho e afeto, reconhecendo-a com seu próprio nome em meio às múltiplas invocações. Identificam-se com Juan Diego, o primeiro santo indígena americano, que com Ela se encontra e dialoga nas colinas de Tepeyac, a Virgem de

55 CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 1.

56 Cf. CNBB, *Evangelização da juventude*, p. 43.

Guadalupe. Acolhem-na como Mãe que os escuta com proximidade e os sustenta nos momentos de dificuldades. Mãe dos pobres, anima e conforta a caminhada de seu povo em busca de libertação. No Brasil, é representada pela imagem negra de Aparecida, identificada com os sofredores e com os excluídos, escravizados por um sistema que não oferece a vida digna sonhada por Jesus. A Virgem de Aparecida está presente no cotidiano de milhões de brasileiros, adultos e jovens, como presença amorosa de Mãe e Intercessora junto a Deus.

1.2.3. Os discípulos João, Marcos e Paulo

160. São João Evangelista: o mais jovem dos Apóstolos e o amigo mais íntimo de Jesus, recostou a cabeça no peito do Senhor, escutou-lhe as últimas confidências (cf. Jo 13,23). Foi o único que acompanhou Jesus até os pés da Cruz e testemunhou sua morte, amparando Maria, sua mãe (cf. Jo 19,25-27). É modelo de seguimento a Jesus Cristo e exemplo de coragem. Ao assumir seu papel apostólico, recebeu Maria em sua casa. Testemunhou a Paixão e a Ressurreição do Senhor.
161. São Marcos Evangelista: sua mãe era seguidora de Jesus. É mencionado em Atos (cf. At 12,12). Não era Apóstolo, mas foi o primeiro Evangelista, segundo os estudiosos. Sua maneira de redigir aquilo que viu e ouviu de Jesus, quando era ainda adolescente, pode garantir-nos que era jovem, dada a vivacidade de seus relatos. Podemos dizer que Marcos também viveu uma mudança de época, viveu na transição dos tempos do Antigo para o Novo Testamento e teve coragem de assumir a fé, mesmo diante da feroz perseguição de seu tempo.
162. São Paulo Apóstolo: jovem perseguidor da Igreja nascente (cf. At 7,58), converteu-se radicalmente ao Evangelho, após uma forte experiência no Caminho de Damasco (cf. At 9,1-9), tornando-se Apóstolo, testemunha do Ressuscitado, em grande parte do Império Romano. Junto com São Pedro, é tido como uma das

colunas da Igreja. É exemplo do jovem capaz de mudar de vida, abandonando os caminhos de morte e aderindo ao Evangelho em sua grandeza e radicalidade. Homem da Palavra de Deus, exemplo de amor à Igreja, dedicou-se à missão com ousadia e com coragem para abrir caminhos novos na difusão do Evangelho e gerar muitas comunidades.

2. Jovens na história da Igreja

163. Se a evangelização dos jovens é bem organizada, com testemunho e metodologia, eles se empolgam com a Pessoa e com o projeto de Jesus Cristo. Além da acolhida, da formação e da espiritualidade no processo de evangelização, é oportuno encantar os jovens com as inúmeras experiências dos missionários que, na história da Igreja, empenharam a vida na evangelização deste Continente. Pe. Anchieta, Pe. Antônio Vieira, Pe. Manoel de Nóbrega, Bartolomeu de Las Casas são alguns exemplos.
164. **A Igreja vive de testemunhas autênticas** para a nova evangelização: homens e mulheres, cujas vidas são transformadas pelo encontro com Jesus; homens e mulheres capazes de comunicar essa experiência aos outros. A Igreja vive de santos, pessoas que, abraçando o Evangelho com intensidade e graça na vida cotidiana, se empenham no cumprimento do projeto de Deus, seguras de que nada, além disso, tem sentido ou traz a felicidade que o coração pede tanto e que contribui para a transformação da humanidade. Nesse sentido, entre tantos podemos citar:
165. **Santa Inês:** nascida na Itália, virgem e mártir do século III. Portadora de grande beleza, era de família rica e nobre. Consagrou-se a Deus e sofreu várias tentativas de violações. Denunciada como cristã, foi presa e colocada sob muitas formas de tortura, das quais conseguia livrar-se, pela intervenção de Deus. Com apenas 13 anos, foi decapitada com uma espada. É considerada padroeira da pureza e da castidade.

166. **São Domingos Sávio:** nasceu na Itália, em 1842, numa família materialmente pobre, mas rica de valores e de fé. Ao aspirar à santidade encontrou em São João Bosco um pai que o acompanhou em seu projeto de vida. Afável, sempre sereno e alegre, empenhou-se nos deveres de estudante e no serviço aos colegas, ensinando-lhes o Catecismo, assistindo os doentes, pacificando as brigas. Faleceu com apenas 15 anos, a 9 de março de 1857.⁵⁷
167. **São Luís Gonzaga:** nasceu na Itália, em 1568. Nobre, destinado a herdar o poder e o dinheiro da família, abraçou o estudo com grande responsabilidade. Tendo recebido da mãe consistente educação cristã, era inclinado à oração e à penitência. Reagiu contra a futilidade de seu tempo, carregado de vaidade e de corrupção, escolhendo o caminho de Cristo. Lendo as cartas dos missionários jesuítas e seus grandes feitos, decidiu entrar na Companhia de Jesus, apesar das muitas resistências por parte de sua família. Faleceu aos 25 anos, quando era estudante de Teologia, enfraquecido e extenuado pelo trabalho que suportou, socorrendo os contagiados pela peste. É considerado “Patrono da Juventude” e Padroeiro dos doentes de AIDS.⁵⁸
168. **Beata Albertina Berkenbrock:** nasceu no Brasil, no estado de Santa Catarina, em abril de 1919. Foi assassinada, com 12 anos de idade, porque quis conservar a castidade. O martírio e a consequente fama de santidade se espalharam rapidamente. Foi uma menina que cultivou uma grande sensibilidade em sua relação com Deus e com o próximo. É invocada como “virtuosa nos valores evangélicos”.⁵⁹
169. **Beata Chiara Luce Badano:** nasceu em Sassello, Itália, em 1971. Aos 10 anos, viveu uma experiência forte de encontro com Deus, que mudou a sua vida e a de seus pais. Desde esse momento, decidiu viver o Evangelho com radicalidade, buscando amar a

57 Cf. http://www.sdb.org/pt/Santidade_Salesiana/Canonizados/Domingos_Savio. Acesso em 22/08/ 2012.

58 Cf. <http://www.jesuitas.com.br>. Acesso em 5/7/2012.

59 Cf. <http://www.rio2013.com>. Acesso em 5/7/2012.

- todos aqueles que a rodeavam. Aos 18 anos, os médicos lhe diagnosticaram um tumor ósseo. Viveu com valentia cada uma das etapas de sua dolorosa doença. Faleceu a 7 de outubro de 1990. Nós a invocamos pela sua entrega total a Deus.⁶⁰
170. **Beata Laura Vicuña:** nasceu no Chile, em 1891. Aos 10 anos, recebeu sua Primeira Comunhão e, a partir desse momento, fez o propósito de amar a Deus com todas as forças. Empenhou-se por tornar Jesus conhecido e por reparar as ofensas contra Ele. Ofereceu a vida em troca da conversão de sua mãe que estava em situação de pecado. Foi tomada por uma grande enfermidade e chamada à presença de Deus aos 12 anos. É considerada “Mártir da Pureza”.⁶¹
171. **Beato José de Anchieta:** considerado o “Apóstolo do Brasil”, nasceu em 1534, nas Ilhas Canárias. Ingressou na Companhia de Jesus e foi enviado, ainda jovem, com 19 anos de idade, ao Brasil, como missionário. Foi ordenado sacerdote em 1566 e ocupou o cargo de Superior das Comunidades e Provincial de toda a missão jesuíta no Brasil, trabalho realizado, com amor, junto aos índios e à população. Faleceu em 1597.⁶²
172. **Beato Pier Giorgio Frassatti:** nasceu em Turim, a 6 de abril de 1901. Ao nascer, apresentava deficiência respiratória e, por isso, foi imediatamente batizado. Revelou-se um amigo dos pobres, vendo neles o próprio Cristo. Com 18 anos, inscreveu-se na Confraria do Rosário de Pollone e na Conferência de São Vicente de Paulo. Sempre amou os humilhados, dedicando sua vida a fazer-lhes o bem. Seu coração foi destinado aos outros.⁶³
173. **Beato Zeferino Namuncurá:** nasceu na Argentina, em 1886. Seu pai era o cacique Manuel Namuncurá, último chefe das tribos dos índios araucanos. Viveu no campo até os 11 anos. Depois,

60 Cf. <http://www.rio2013.com>. Acesso em 5/7/2012.

61 Cf. <http://www.rio2013.com>. Acesso em 5/7/2012.

62 Cf. <http://www.beatojosedeanchieta.blogspot.com.br>. Acesso em 5/7/2012.

63 Cf. <http://www.rio2013.com>. Acesso em 5/7/2012.

foi enviado pelo pai para estudar em Buenos Aires. No contato com os salesianos do colégio, sentiu o desejo de consagrar sua vida como religioso. Era exemplar na piedade, na caridade, nos deveres quotidianos, no exercício ascético, nos compromissos de estudo. Com saúde frágil, faleceu de tuberculose aos 19 anos.⁶⁴

3. Jovens seguidores de Cristo

3.1. Experiência de encontro com Jesus

174. No processo de constituição de sua identidade, é natural que cada jovem se coloque à procura de referências relevantes. Nos Evangelhos, vemos que esse processo de busca levava muitas pessoas ao encontro com Jesus, de Quem se tornaram discípulos e discípulas, como comprova esta passagem narrada por João, “*vendo que eles o seguiam, perguntou-lhes: “Que procurais?Eles responderam: Rabi, onde moras? Ele respondeu: Vinde e vede... e permaneceram com ele aquele dia”* (Jo 1,38-39). **A busca de modelos pelos jovens é uma porta que se abre para lhes apresentarmos a pessoa de Jesus Cristo. Nesse sentido, um importante desafio da evangelização junto aos jovens consiste em ajudá-los a escutar a voz de Cristo em meio a tantas outras vozes.**⁶⁵

175. O encontro real com Jesus responde às buscas existenciais, provoca entusiasmo, é uma experiência que suscita o discípulo missionário: “*O Senhor despertava as aspirações profundas de seus discípulos e os atraía a si, maravilhados. O seguimento é fruto de uma fascinação que responde ao desejo de realização humana, ao desejo de vida plena. O discípulo é alguém apaixonado por Cristo, a quem reconhece como o mestre que o conduz e acompanha*”.⁶⁶ O encontro com

64 Cf. http://www.sdb.org/pt/Santidade_Salesiana/Bem_aventurados/C_Namuncura. Acesso em 22/8/2012.

65 Cf. CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 60.

66 CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 277.

Jesus significa encontrar Deus na história, um Deus amoroso que toma feições humanas, na pessoa de Jesus Cristo. *“A Palavra tem um rosto, que por isso mesmo podemos ver: Jesus de Nazaré”*.⁶⁷

176. Jesus reunia ao seu redor um círculo de discípulos e discípulas que O seguiam, propiciando-lhes o mesmo processo por que passou em sua juventude. Frequentava os mestres e se reunia com sua comunidade. É na comunidade, partilhando a vida, ouvindo as palavras de Jesus, presenciando seus exemplos, que os discípulos vão compreender o sentido da vida no plano pessoal e coletivo. *“O jovem – assim como todo cristão – é convidado por Jesus também a ser discípulo. O convite é pessoal: ‘Vem e segue-me’ (Lc 18,22) e chama a cada um pelo seu nome (cf. Jo 10,4), proporcionando um relacionamento pessoal, “Vós sois meus amigos” (Jo 15,14)”*.⁶⁸
177. Usando criatividade pastoral, é importante testemunhar Jesus Cristo como Aquele que compartilha a vida, as angústias e esperanças de seu povo. *“Um Jesus que caminha com o jovem, como caminhava com os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35), escutando, dialogando e orientando”*.⁶⁹

3.2. Pelo discipulado, a descoberta

178. Faz-se mais do que necessário apresentar explicitamente o projeto de Jesus Cristo como modelo de projeto de vida para os jovens. Seu jeito de viver orienta como viver! Jesus viveu para amar. Valorizou a vida, perdoou, acolheu, testemunhou, anunciou o amor do Pai e denunciou tudo aquilo que dizia a vida. Não viveu para si mesmo, mas para os seus, confiando inteiramente na vontade do Pai e, assim, *“salvou o mundo”, isto é, transformou a história*.

67 PAPA BENTO XI, Exortação Pós-Sinodal *Verbum Domini*. Brasília, Edições CNBB, 2010, 1ª Edição, n. 12.

68 CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 57.

69 CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 54.

179. Num mundo em que são apresentadas tantas propostas de vida à juventude, carente de orientação, precisamos apresentar Jesus Cristo como Alguém que veio ensinar, primeiramente, não uma doutrina, mas uma nova maneira de ser e de estar no mundo, transformando-o de acordo com os valores do Reino.

3.3. O Caminho, a Verdade e a Vida para os jovens

180. **Jesus Cristo é o Caminho.** A Igreja comunica com alegria que Jesus é o único caminho para a felicidade plena, dom do Pai. Caminhar rumo a Deus é caminhar rumo ao sentido de nossa existência. Perante a indiferença religiosa, urge auxiliar os jovens nessa descoberta. Caminhar rumo ao Pai é conectar-se com a razão de nossa existência, é estar unido ao Ser por excelência, é fazer-se partícipe e membro do Reino anunciado por Cristo.

181. **Jesus Cristo é a Verdade,** não porque Ele seja uma teoria... Ele é a Palavra do Pai, que se faz carne! Em nosso mundo, quantas “verdades” são impostas a nossos jovens. Porém, só Jesus é a plena revelação de Deus. Ninguém jamais viu o Pai, mas Ele no-Lo mostra. Quem conhece Jesus, conhece a Deus, Aquele que é o fundamento de todas as coisas que existem, e aprende que Deus é amor, porque Jesus revelou o amor. Por isso, a Verdade, que é Jesus, ilumina a vida e lhe dá sentido. Ensina-nos a viver, a amar e a valorizar o que Deus ama e valoriza.⁷⁰

182. **Jesus Cristo é a Vida.** Sua existência não se esgota na Cruz, porque é vencedor da morte, do pecado e da maldade do mundo. É essa vida que Ele quer ofertar, em nossos dias, aos jovens. Quantos jovens são carentes de sentido de vida ou de vida digna, direito de todos. Jesus ilumina nossa vida para que seja vivida em plenitude e tenha sentido na medida em que se abre generosamente para o bem dos outros.

70 Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n. 10.

3.4. O jovem discípulo assume a missão

183. A Igreja almeja por novas gerações de autênticos discípulos-missionários. *“Ser cristão significa conhecer a pessoa de Jesus Cristo, fazer opção por Ele, unir-se a tantos outros que também o encontraram e, juntos, trabalhar pelo Reino e por uma nova sociedade”*.⁷¹ A raiz da comunidade cristã é o Batismo, pelo qual se manifesta uma igualdade fundamental entre todos os cristãos.⁷² Portanto, cada cristão batizado é responsável pela construção da Igreja, Povo de Deus, para que ela seja um espelho do amor de Deus no mundo e sinal do Reino.
184. *“O que eu vos mando é que vos ameis uns aos outros”* (Jo 15,17). O jovem descobre nos Evangelhos, na Eucaristia, na oração, na solidariedade e na vida comunitária o amor anunciado por Jesus.⁷³ Certamente, o encontro com Jesus Cristo não pode ser algo abstrato. Exige a capacidade de escutar a voz de Deus no meio das circunstâncias próprias de nosso tempo, impregnado de elementos desafiadores da pós-modernidade e das redes sociais, compreendendo o mistério da Encarnação de Cristo na história. Desperta no jovem uma consciência ética capaz de sustentar condutas e práticas que apontem para o compromisso com a vida, com os mais fracos e com o Reino de Deus. No Evangelho, Jesus revela que a solidariedade ao pobre é o maior sinal de fidelidade cristã: *“Pois eu estava com fome, e me destes de comer; estava com sede, e me destes de beber; eu era forasteiro, e me recebestes em casa; estava nu e me vestistes; doente, e cuidastes de mim; na prisão, e fostes visitar-me”* (Mt 25,35-36).
185. *Quem se torna verdadeiro discípulo de Jesus, transforma-se em alegre portador e irradiador de sua mensagem. O discípulo-missionário sente-se impelido pelo Espírito Santo, pela força missionária, a anunciar aos outros a experiência que teve com Cristo: “A alegria do discípulo*

71 CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 52.

72 Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Lumem Gentium*, nn. 12-19; 24-37.

73 Outros caminhos pastorais para suscitar este encontro com Cristo são a oração pessoal, o diálogo ecumênico e religioso, o cotidiano da vida, as artes, os meios digitais.

*é [...] uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciar a Boa-Nova do amor de Deus. Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria”.*⁷⁴

186. Bento XVI, na mensagem aos jovens brasileiros,⁷⁵ recordou o Apóstolo Paulo, que, escrevendo aos cristãos de Roma, aconselhava-os a que fizessem visível o seu modo de viver e de pensar, mesmo que isso pudesse soar estranho aos seus contemporâneos: *“Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando vossa maneira de pensar e julgar, para que possais distinguir o que é da vontade de Deus, a saber, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito”* (Rm 12,2). *Os jovens, na sua autenticidade, no seu modo inusitado de viver e de pensar, imersos neste mundo midiático e fascinados pelas redes sociais, são chamados a um novo modo de ser Igreja, como discípulos missionários de Jesus Cristo.*

187. *“Vós sois a luz do mundo...”* – salientava o papa Bento XVI, referindo-se à mensagem de seu antecessor. *Quando a luz vai diminuindo ou desaparece totalmente, vai ficando mais difícil distinguir a realidade das coisas. Da escuridão da noite brota o medo, a insegurança, o que nos faz aguardar, impacientes, a chegada da aurora. “Amados jovens, é vossa missão ser as sentinelas da manhã (cf. Is 21,11-12) que anunciam a chegada do sol, que é Cristo ressuscitado!”.*⁷⁶

4. O jovem no coração da Igreja

188. Em diversos momentos de sua história, os Pastores da Igreja, amparados pela ação do Espírito Santo, ocuparam-se de maneira intensa com a evangelização da juventude e sobre ela se pronunciaram. Apresentamos aqui alguns pontos importantes

74 CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 29.

75 PAPA BENTO XVI, *Discurso aos jovens brasileiros*, em 10 de maio de 2007.

76 Cf. PAPA BENTO XVI, *Mensagem para o XVII Dia Mundial da Juventude*. Vaticano, 15 de março de 2012.

acerca do tema proposto para auxiliar na reflexão desta Campanha, cujo tema é Fraternidade e Juventude.

4.1. Juventude como lugar teológico

189. *“A juventude mora no coração da Igreja”*.⁷⁷ Essa afirmação nos faz pensar que jamais poderíamos deixar passar um jovem sem dizer-lhe o quanto Jesus Cristo o ama. A Igreja, Povo de Deus, existe fundamentalmente para evangelizar, dar continuidade à obra de Jesus Cristo, ser canal da graça, proporcionar espaço de comunhão e de participação, iluminar os projetos de vida individuais e coletivos, promover uma nova civilização, a *Civilização do Amor*.⁷⁸ Na mesma linha, o Documento de Aparecida convoca toda a juventude ao compromisso com a renovação da vida e do mundo à luz do projeto de Deus, pois *“os jovens têm capacidade para se opor às falsas ilusões e a todas as formas de violência”*.⁷⁹
190. Encontramos na Bíblia um Deus apaixonado pelo ser humano, em diferentes imagens. Entre elas, contemplamos um Deus criador, que gera pessoas criativas; um Deus comunicador, que se revela na história humana; um Deus salvador, que atua a favor da vida, contra todo o mal; um Deus sempre presente e amigo, que não se cansa de dar o primeiro passo a nosso favor. Ele cria o ser humano inventivo, curioso, que está sempre aberto ao projeto de criação e é capaz de descobrir, nas realidades cotidianas, que há algo presente que ainda não se manifestou.
191. Na dinâmica da criação, cada pessoa é uma mensagem única e profunda de Deus para a história e para a humanidade. Assim,

77 CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 01.

78 Depois do Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI insistiu muitas vezes na necessidade de uma nova civilização, a “civilização do amor”; Para João Paulo II, a civilização do amor parte da revelação de que “Deus é amor”, como diz S. João (Jo 4,8.16), assim como é descrita pelo apóstolo Paulo no hino à caridade (1Cor 13,1-13). “A Igreja sente a necessidade de convidar todos os que se interessam de verdade pelo destino do homem e da civilização a unir os seus recursos e o seu esforço, para construir a civilização do amor.” (João Paulo II. *Angelus*, 13 de fevereiro 1994).

79 CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 443.

também o jovem é a voz de Deus e, por isso, precisa ser escutado: “um grande desafio é reconhecermos que também no segmento da sociedade chamado juventude se encontram as ‘sementes ocultas do Verbo’, como fala o Decreto Ad gentes, do Vaticano II. Entrar em contato com o ‘divino’ da juventude é entender sua psicologia, sua biologia, sua sociologia e sua antropologia com o olhar da ciência de Deus”.⁸⁰

192. A Igreja no Brasil entende que o jovem se constitui em um “lugar teológico” privilegiado. O que isso significa? Pois bem, “considerar o jovem como lugar teológico é acolher a voz de Deus que fala por ele. A novidade que a cultura juvenil nos apresenta neste momento, portanto, é sua teologia, isto é, o discurso que Deus nos faz através da juventude. De fato, Deus nos fala pelo jovem. O jovem, nesta perspectiva, é uma realidade teológica, que precisamos aprender a ler e a desvelar. Não se trata de sacralizar o jovem, imaginando-o como alguém que não erra; trata-se de ver o sagrado que se manifesta de muitas formas, também na realidade juvenil. Trata-se de fazer uma leitura teológica do que, de forma ampla, chamamos de culturas juvenis”.⁸¹
193. Assim, inaugura-se uma nova perspectiva pastoral, capaz de absorver a autenticidade da mensagem de Deus que emana das diferentes expressões juvenis. “Numa época em que se fala tanto de inculturação ou – em outros termos – de encarnar-se na realidade, de aceitar o novo, o plural e o diferente, na evangelização da juventude, estaremos diante de feições muito concretas e imprevisíveis. Dizer que, para a Igreja, a juventude é uma prioridade em sua missão evangelizadora é afirmar que se quer uma Igreja aberta ao novo, é afirmar que amamos o jovem não só porque ele representa a revitalização de qualquer sociedade, mas também porque amamos, nele, uma realidade teológica em sua dimensão de mistério inesgotável e de perene novidade.”⁸²

80 CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 80.

81 CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 81.

82 CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 81.

4.2. A opção afetiva e efetiva pelos jovens

194. Não se pode negar que, apesar de algumas falhas e lacunas, uma herança evangelizadora muito profícua foi sendo tecida na relação da Igreja com a juventude ao longo da história. Na Igreja do Brasil, há tempos, muitas pastorais, movimentos, organismos, congregações religiosas e novas comunidades têm atuado junto aos jovens com resultados importantes. Mensagens dos papas, encíclicas, documentos das conferências episcopais, especialmente de Puebla quando a Igreja Latino-americana ressaltou sua opção pelos jovens,⁸³ eventos mundiais e continentais sistematicamente ressaltaram a importância da evangelização junto aos jovens. Embora a caminhada pastoral não esteja começando do zero, sente-se ainda o clamor por uma mais corajosa *“opção afetiva e efetiva de toda a Igreja pela juventude”*,⁸⁴ sobretudo por parte dos presbíteros, das lideranças comunitárias e dos consagrados. Acolher os jovens, como Jesus Cristo, e proporcionar-lhes condições de vida e amadurecimento são atitudes fundamentais para auxiliá-los nesta complexa mudança de época.
195. João Paulo II, em sua mensagem por ocasião da Campanha da Fraternidade de 1992, fez questão de frisar que *“A Igreja fez a opção preferencial pelos jovens de todas as condições sociais, mas especialmente pelos que sofrem porque desconhecem a verdade e caminham desorientados pelas estradas da vida; pelos abandonados e os que padecem diante das injustiças humanas; pelos doentes – a quem peço que não se desesperem –, pois o Senhor está mais perto dos que sofrem com santa resignação. A vós, e a muitos outros, quero dizer-vos: ‘Jovem, eu te digo, levanta-te’”* (Lc 7,14).⁸⁵ É preciso, em tempos atuais, que nos aproximemos mais daqueles jovens que

83 *“a Igreja vê na juventude da América Latina um verdadeiro potencial para o presente e o futuro de sua evangelização. Por ser verdadeira dinamizadora do corpo social e especialmente do corpo eclesial, a Igreja faz uma opção preferencial pelos jovens em vista de sua missão evangelizadora no Continente”*. CELAM, *Conferência de Puebla*. Petrópolis, R. J., 1979, n. 1186.

84 CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 04.

85 João Paulo II, *Mensagem do Papa João Paulo II ao povo brasileiro por ocasião da Campanha da Fraternidade – 1992*.

sofrem e perceber até que ponto nosso trabalho responde às suas reais expectativas e necessidades. Num exercício de alteridade, é preciso olhar o mundo com os olhos dos jovens sofredores. Nesse sentido, o Documento de Aparecida nos aponta para os jovens que se encontram em situação de risco.⁸⁶

196. Somos todos responsáveis pela Igreja e, portanto, pela sua missão, cada qual segundo a própria vocação. Na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*,⁸⁷ do Concílio Vaticano II, a Igreja, novo Povo de Deus, é descrita como Corpo de Cristo uno, com variedade dos membros, em que todos têm igual dignidade. Desde então, “*muitos documentos do Magistério pontifício e episcopal apontam para a renovação da vida da Igreja através do caminho do serviço, no qual todos os fiéis, começando dos ministros ordenados, buscam superar a tentação do autoritarismo e assumir o modelo do lava-pés*”.⁸⁸ Todas as estruturas eclesiais são, portanto, convocadas a assumir como sua a tarefa de expressar afetiva e efetivamente a opção preferencial pelos jovens, especialmente pelos mais empobrecidos, num contexto de grandes contrastes e de emergência da cultura midiática.

4.3. Espaços eclesiais de exercício do protagonismo dos jovens

197. A Igreja, em seu papel de Mãe na fé, segue o exemplo de Maria, cuja vida de fidelidade ao projeto de Deus qualificou-a como mestra e testemunha da fé do povo eleito. Inspirada n’Ela, a comunidade eclesial é, junto aos jovens, mãe educadora, de tal modo que, em profundo diálogo e em respeito para com o divino que neles se encontra, os insere na fé e seguimento de Jesus Cristo, auxiliando-os na sua identidade de discípulos-missionários. Em suma, a Igreja é a grande catequista dos jovens, ajudando-os a crescer diante de Deus e dos seres humanos,

86 Cf. CELAM, *Documento de Aparecida*, nn. 444-445

87 Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, n. 32.

88 CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 74.

ensinando-os a vivenciar o Evangelho como dom e tarefa na transformação do mundo, por meio de um processo de iniciação cristã que os qualifica como protagonistas na missão de anunciar o Evangelho, de modo especial junto aos outros jovens.

198. Ocasão especial para exercício dessa tarefa é a catequese de iniciação à vida cristã. Milhares de adolescentes e jovens passam por nossas comunidades todos os anos, aprofundando sua experiência de fé e recebendo os Sacramentos, que os introduzem plenamente na comunidade cristã. Segundo o Diretório Nacional de Catequese, *“no coração da catequese aos jovens está a proposta explícita do seguimento de Cristo: ‘Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá o dinheiro aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me’ (Mt 19,21). É uma proposta que faz deles interlocutores, sujeitos ativos, protagonistas da evangelização e construtores de uma nova sociedade para todos. A catequese procure adaptar-se aos jovens, sabendo traduzir a mensagem de Jesus na linguagem deles”*.⁸⁹ Nesta época de inúmeras e profundas mudanças, impregnada de novas tecnologias e relacionamentos virtuais, a Igreja sente-se desafiada a anunciar Jesus Cristo e sua mensagem de maneira profunda, atraente e envolvente.
199. Faz-se necessário, sobretudo nos tempos atuais, uma catequese que ajude os jovens a assumir seu papel na comunidade eclesial e na sociedade. Os jovens precisam fazer a experiência da fé, muito mais do que apenas compreendê-la racionalmente. Devem ser conduzidos ao mistério de Cristo, entendendo e experimentando em profundidade os Sacramentos como os momentos, por excelência, de encontro com Jesus Cristo; as Sagradas Escrituras como texto principal para conhecimento da vontade de Deus, e a Tradição e o Magistério da Igreja como fortaleza e segurança na compreensão de nossa fé. A catequese de iniciação dos adolescentes e jovens também precisa conduzi-los a uma abertura sincera aos problemas da sociedade, ajudando-os

89 CNBB, *Directório Nacional de Catequese*, n. 191.

a assumir seu papel como cidadãos, protagonistas na edificação de uma nova estruturação social, a fim de que sejam verdadeiras “Sentinelas da Manhã”,⁹⁰ anunciadores do mundo novo que há de vir e já se inicia: a Civilização do Amor, anunciada e introduzida por Cristo na história.

200. O encontro com Cristo pode ser proporcionado ao jovem pelo contato com a Palavra de Deus. A **Leitura Orante das Sagradas Escrituras** proporciona aos jovens oportunidade de caminhar com as próprias pernas em sua espiritualidade, ao favorecer uma experiência profunda de intimidade com Aquele que motiva e aponta para o compromisso com a vida pessoal, eclesial e social. *“Quanto mais mergulhamos nas Escrituras, mais nos identificamos com este povo e adquirimos entendimento do que somos, para onde vamos e o que devemos fazer. Nas Sagradas Escrituras entra-se em contato com o povo que – seguro da escolha de Deus – nunca desanima e sempre se mostra criativo para enfrentar o mundo e propor novos caminhos. Jesus Cristo – a Palavra de Deus por excelência –, ao se colocar como ‘Caminho, Verdade e Vida’ (Jo 14,6), nos convida a conhecê-Lo profundamente. Assim, crer na Palavra de Deus é essencial para um processo de crescimento do jovem que quer se comprometer cada vez mais com este projeto do Criador”.*⁹¹

201. A Igreja deve ser para o jovem o lugar do conhecimento e da experiência, do encontro e da amizade. Espaço propício para essa educação são nossos grupos de jovens, pastorais da juventude, movimentos, novas comunidades e demais experiências em grupos. Esses espaços educativos e evangelizadores devem ser incentivados, apoiados e desenvolvidos em todas as nossas comunidades. Congregações religiosas, paróquias e outras estruturas eclesiais precisam engajar-se radicalmente nessa tarefa, a fim de que, realizando a opção preferencial pelos jovens, proporcionem inúmeras propostas e oportunidades para

90 Cf. JOAO PAULO II, *Mensagem para a XVII Jornada Mundial da Juventude*. Vaticano, 25 de julho de 2001, n. 3.

91 CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 124.

o desenvolvimento global deles. A missão das estruturas eclesiais é a de acolher, gerar e garantir vida, proporcionar espaços de amadurecimento constante a fim de que os jovens possam crescer em “estatura, sabedoria e graça” e testemunhar, diante do mundo, o Reino de Deus, de que se fazem mensageiros e edificadores. Em 2010, o Papa disse a aos jovens: *“Saibam ser protagonistas de uma sociedade mais justa e mais fraterna inspirada no Evangelho, promotora de vida, eliminando discriminações existentes nas sociedades latino-americanas”*.⁹²

202. Para a adequação desses espaços e momentos eclesiais, a Igreja acredita há décadas no valor da **assessoria adulta**. A dinamicidade juvenil e as inúmeras provocações e oportunidades que o mundo lança aos jovens conclamam, mais do que nunca, a presença educativa daqueles que, à semelhança do Bom Pastor e sob a inspiração do episódio dos Discípulos de Emaús, são enviados a eles. Em sintonia com os outros responsáveis pastorais, aqueles acompanhantes de jovens exercem uma missão irrenunciável de acolhida, valorização e orientação. Longe de ter uma postura impositiva, o assessor vive a sua missionariedade de maneira respeitosa da realidade e da cultura juvenis.

4.4. O horizonte do Reino

203. A Igreja, consciente da sua missão de evangelizar, é chamada a manter acesa a chama do amor do jovem pelo projeto de Deus. Ele abraça a causa de Jesus Cristo, que veio para comunicar a vontade do Pai – ver todos os seus filhos libertos do mal, unidos pela fraternidade e plenos de vida.

204. Compreender que o reinado de Jesus não conduz somente à transformação do coração, pela conversão pessoal, mas é, também, como **fermento que vai levedando** toda a massa, enche a vida de esperança, de ânimo e de força diante das dificuldades

92 PAPA BENTO XVI, *Discurso aos jovens brasileiros*. São Paulo, 10 de maio de 2007.

e do mal. Quando o jovem vislumbra no horizonte da sua vida uma **proposta que ultrapassa tudo aquilo que o “mundo” oferece** como solução imediata, então ele tem a oportunidade de fazer sua opção pessoal pelo seguimento de Jesus e pela vivência de sua proposta.

205. A presença desse reinado deve ser anunciada com o modo de nos posicionar no caminho da nossa vida, mas devemos também testemunhá-la utilizando todos os meios adequados que estão ao nosso dispor. Também nisso o **jovem é como um “semeador”**. Não tem a pretensão de que todos vão acatar o seu testemunho, mas acredita que algo melhor pode florescer no coração de alguém e do mundo. Cabe, a cada jovem que já se apaixonou pelo Reino, “transmitir aos outros a própria experiência de Jesus”⁹³ sob a ação do Espírito.
206. Acreditar na proposta de Jesus e apostar a vida para a instauração desse reinado é o **compromisso de todo o batizado**, reafirmado de modo consciente e livre no sacramento da confirmação: pela força do Espírito Santo de Deus cada fiel se comprometeu a ser anunciador desse novo tempo, por isso com a Igreja o jovem clama: “vem, Senhor Jesus” (cf. Ap 22,20).
207. Uma catequese atraente e o acompanhamento sistemático das expressões juvenis nas comunidades garantem o encontro qualificado e constante dos jovens com a proposta do Reino. É imprescindível acreditar nos jovens de hoje e auxiliá-los a enxergar esse projeto dentro desta cultura emergente e saber comunicá-lo neste mundo midiático com suas redes sociais.

4.5. A presença da Igreja do Brasil

208. A Igreja do Brasil tem uma longa experiência pastoral junto aos jovens. Nos anos cinquenta e sessenta, sob a influência da Ação Católica, procurando responder às necessidades da época,

93 Cf. PAPA JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, n. 24

desenvolveu a **Ação Católica Especializada**: JAC, JEC, JIC, JOC e JUC. Na década de setenta, desenvolvem-se os **Movimentos de Encontro**, tanto de origem nacional quanto de origem internacional. No final dos anos setenta e no início dos anos oitenta, surge o **Setor Juventude** da CNBB e inicia-se uma **pastoral orgânica** com a Pastoral da Juventude, Pastoral da Juventude do Meio Popular, Pastoral da Juventude Estudantil, Pastoral da Juventude Rural. Em 1992, a **Campanha da Fraternidade** do Brasil se volta para a juventude. Em 1996 e em 1998, são publicados **dois importantes Estudos da CNBB**: *Pastoral da Juventude no Brasil* e *Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil*. Vai-se percebendo a expansão dos movimentos eclesiais e das novas comunidades com trabalhos específicos junto aos jovens. Durante todo esse tempo, a Igreja também conta com o trabalho de evangelização da juventude realizado nas escolas, nas universidades católicas e por projetos de várias congregações religiosas.

209. Com a publicação do primeiro Documento da CNBB, dirigido a todas as expressões eclesiais que se colocam a serviço da Igreja na evangelização da juventude, a Igreja no Brasil renova sua opção pelos jovens e valoriza a diversidade dessas expressões e o desejo de comunhão com elas e entre elas. *“Queremos colaborar com a pluralidade de pastorais, grupos, movimentos e serviços que existem em nossas Igrejas particulares para que trabalhem em conjunto, visando ao bem da juventude, e para que os nossos jovens, reconhecidos como sujeitos e protagonistas, contribuam com a ação de toda a Igreja, especialmente na evangelização dos outros jovens”*.⁹⁴
210. Na sua 49 Assembleia, em 2011, a CNBB reforça sua opção afetiva e efetiva pelos jovens criando a **Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude**, responsável pelo acompanhamento das pastorais da juventude e pela unidade entre as diversas expressões, em vista da qualidade de atuação no meio eclesial e social. Em 2013, após longo processo de discernimento e pedido oficial,

94 CNBB, *Evangelização da juventude*, n. 5.

a Igreja do Brasil se beneficia tanto com a **Jornada Mundial da Juventude** quanto com a **Campanha da Fraternidade** com o tema Juventude.

211. Esse rápido retrospecto, mesmo sem mencionar as outras inúmeras iniciativas de trabalhos pastorais com os jovens espalhadas pelo país, testemunha o empenho da Igreja junto aos jovens, trabalho que tem formado lideranças para a Igreja e para vários setores da sociedade. São os frutos dessa opção fundamental da Igreja em prol da juventude. Que esse percurso também se preste a inspirar as ações atuais e futuras da Igreja.

4.6. O lema da CF: a Igreja aposta no jovem

212. O lema “*Eis-me aqui, envia-me!*” (Is 6,8) representa a entrega solícita e sincera da pessoa, com seus dons, talentos e debilidades, ao projeto de Deus. O profeta Isaías tem confiança no chamado e, por isso, se coloca diante de Deus. Essa posição do profeta nos remete, também, a Jesus Cristo, que não veio para fazer a própria vontade, mas a vontade do Pai, esvaziando-se por inteiro para cumprir sua missão. A escuta, a acolhida, a resposta positiva e efetiva à vontade de Deus são a síntese cristã do discipulado e da missionariedade.
213. A Igreja no Brasil, com a escolha desse lema para a Campanha da Fraternidade de 2013, renova sua confiança no jovem, capaz de ouvir e de responder aos mais nobres convites que a vida lhe faz. O jovem, como o profeta Isaías, quando escutado e acolhido, deixa sua voz expandir, testemunhando convicção, tomada de posição, disponibilidade, autoestima, resposta qualificada ao chamado maior da alteridade e do serviço. A atuação de inúmeros jovens discípulos-missionários, na Igreja e na sociedade, de maneira responsável e criativa, nos dá provas suficientes de sua capacidade de entrega generosa e repleta de alegria ao projeto de Deus.
214. Diante desse reconhecimento da forte resposta que sai do coração e da boca do próprio jovem, motivado pelos grandes ideais,

a Igreja espera e conta com ele para atravessar este momento de mudança de época, caracterizada pelas relações midiáticas, seu *habitat* natural. Para compreender a juventude, por exemplo, é preciso não só entender como se manipulam as redes sociais, mas também tudo aquilo que elas processam na organização dos pensamentos, dos sentimentos e das ações. As crianças, os adolescentes e jovens nascem e se desenvolvem nesse ambiente informatizado e virtual. Consequentemente, todas as áreas de sua vida são atingidas; todas as dimensões da vida humana estão sendo modificadas.

215. Disse-nos Bento XVI, no início de 2011: *“Sobretudo os jovens vivem esta mudança da comunicação, com todas as ansiedades, as contradições e a criatividade própria de quantos se abrem com entusiasmo e curiosidade às novas experiências da vida. O envolvimento cada vez maior no aréopago público digital dos chamados social network leva a estabelecer novas formas de relação interpessoal, influi sobre a percepção de si próprio e, por conseguinte, inevitavelmente, coloca a questão não só da justeza do próprio agir, mas também da autenticidade do próprio ser. A presença nestes espaços virtuais pode ser o sinal de uma busca autêntica de encontro pessoal com o outro, se se estiver atento para evitar os seus perigos, como refugiar-se numa espécie de mundo paralelo ou expor-se excessivamente ao mundo virtual”*.⁹⁵ A Igreja encontra, aqui, sua responsabilidade de acompanhar e de orientar os jovens. Sua missão é auxiliá-los na escuta atenta e na resposta pronta ao chamado de Deus, oferecendo-lhes condições para seu amadurecimento e para o cumprimento de seu compromisso como cristãos e cidadãos.

95 PAPA BENTO XVI, *Mensagem para o XXXV dia mundial da comunicações sociais*. Vaticano, 05 de junho 2011.

5. Protagonismo dos jovens

216. O protagonista é aquele **que participa da sociedade e da Igreja de modo a influir** significativamente nas transformações que fazem o mundo melhor.
217. *“Podeis ser protagonistas de uma sociedade nova se procurais pôr em prática uma vivência real inspirada nos valores morais universais e também um empenho pessoal de formação humana e espiritual de vital importância”*.⁹⁶ O protagonismo é o caminho a ser trilhado pelos jovens dentro e fora da Igreja. Sem o protagonismo, o jovem não é motivado para assumir responsabilidade, para tomar iniciativa e para desenvolver habilidades de liderança. A juventude deve ser vista, em primeiro lugar, como lugar teológico, a ser encorajada a assumir um papel de liderança e ousadia, para testemunhar a nova evangelização e fazer chegar a todos a Civilização do Amor.
218. É essencial, nesse processo de revitalização da vivência comunitária e do tecido social como um todo, em que os jovens estão à frente, o **acompanhamento de assessores**. O protagonismo dos jovens é complementado e enriquecido pela assessoria, pelo preparo e pela experiência de adultos. Esse caminho deve ser trilhado de forma conjunta, fortalecendo o diálogo entre as jovens lideranças e os assessores, para despertar o interesse na **formação integral**. Esse *“diálogo favorecerá o encontro e o intercâmbio das gerações, e será fonte de riqueza e de juventude para a Igreja e para a sociedade civil”*.⁹⁷
219. A mudança de época atual convida a **repensar as formas de ir ao encontro** dos jovens, tanto dos que já têm alguma vivência cristã, quanto daqueles que têm outra ou nenhuma experiência do sagrado. Mergulhados nessa vivência de novas linguagens e de novos paradigmas em seu cotidiano, os jovens discípulos

96 BENTO XVI, *Discurso aos jovens brasileiros*, em 10 de maio de 2007.

97 PAPA JOÃO PAULO II, *Cristifideles Laici*. n. 46.

missionários são convidados, mais do que nunca, a exercer sua vocação de evangelizadores privilegiados de outros jovens. A juventude, mesmo com todas as especificidades regionais, tribais, sociais, tem velocidade e intensidade na comunicação e nos relacionamentos que geram uma identidade nem sempre compreendida e vivenciada pelas outras gerações. Por isso, é essencial dar voz aos jovens para que consigam fazer chegar a Boa-Nova a seus contemporâneos, a partir das realidades deste novo milênio.

5.1. Protagonismo que dê sentido para a vida

220. Falando para os jovens em visita pastoral, o Papa Bento XVI fez-lhes um convite: *“Permiti que o mistério de Cristo ilumine toda a vossa pessoa! Então, podereis levar aos vários ambientes aquela novidade que pode mudar os relacionamentos, as instituições e as estruturas, para edificar um mundo mais justo e solidário, animado pela busca do bem comum. Não cedais a lógicas individualistas e egoístas! Que vos conforte o testemunho de muitos jovens que alcançaram a meta da santidade”*.⁹⁸
221. Bento XVI destaca a importância da adesão a Cristo, que dá sentido à vida e transforma a existência. Essa adesão não se faz a partir de uma descoberta teórica, mas sim de um encontro, que sacia o coração e muda os rumos dos projetos pessoais de vida. Quando esse encontro acontece na juventude, abre-se uma janela de oportunidades para o discípulo de Cristo, que pode pautar toda a sua vida de acordo com o Evangelho e tornar-se, desde cedo, o missionário da Boa-Notícia, encarnada em todas as dimensões da vida.
222. Essa adesão à proposta de Cristo, fortalecida pelos laços comunitários, transborda no compromisso com os demais, de modo mais efetivo e afetivo com os pobres e com os sofredores, para uma transformação verdadeira que garanta a plena vivência de

98 PAPA BENTO XVI, *Discurso no Encontro com jovens da Diocese de San Marino-Montefeltro*. Pennabilli, 19 de junho de 2011.

direitos e o exercício de deveres. Em uma sociedade relativista e individualista, a vivência da solidariedade e o testemunho da busca da Civilização do Amor têm o potencial de questionar, com ousadia, o modo de viver de tantos jovens.⁹⁹

5.2. Protagonismo que gere comunidade

223. Esta Campanha da Fraternidade quer motivar, em todas as comunidades eclesiais e na sociedade, a conversão necessária para o convencimento da urgência de se criar espaços de cultivo de subjetividades juvenis que escapem ao individualismo e descubram na vivência comunitária o germe do mundo novo, pautado na lei do amor.
224. De fato, a descoberta do Evangelho proporciona abertura para convivência com o outro, para experiências grupais de comunhão mais ampla e para intercâmbio com o diferente. Os jovens participantes de nossas comunidades já têm dado testemunho da possibilidade dessa vivência naquilo que eles vêm produzindo em nosso meio. Isso precisa ser reconhecido e ampliado a fim de que as subjetividades juvenis contemporâneas sejam impactadas pela força do Evangelho da Comunhão e da Vida.
225. De fato, desde meados da década de 1990, diversos movimentos juvenis e expressões plurais de juventude vêm surgindo nas comunidades eclesiais, criando “tribos juvenis” católicas com espiritualidades, métodos, vivências de fé e de inserção social distintos. Os jovens católicos, representantes legítimos deste mundo contemporâneo, têm produzido um novo jeito de ser Igreja: não mais uniformizado, mas plural, dinâmico e aberto. Para dialogar com essa diversidade de expressões do universo juvenil, as dioceses estão organizando o Setor da Juventude, segundo as orientações do *Documento 85*, como resposta a uma necessidade de maior conexão entre as pluralidades.

99 Cf. “O jovem que, ao optar pelo Senhor, assume uma nova postura diante da vida é, naturalmente, percebido, notado, admirado e seguido pelos seus companheiros”. CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 120.

226. Esse espaço de comunhão manifesta que a Igreja, ao mesmo tempo una, carrega em si a marca da multiplicidade humana: ela é unidade na diversidade, a verdadeira comunidade. A mensagem salvadora e libertadora de Cristo chega a diferentes grupos juvenis e se reflete em vivências específicas. É necessário apoiar as iniciativas juvenis, acompanhando-as em suas mais diversas expressões, como as pastorais da juventude, os movimentos, as novas comunidades, as iniciativas congregacionais de carisma juvenil. Trata-se de uma tarefa urgente a ser assumida por todos, pois esses “locais sagrados”, devidamente cuidados, amparados e educados, são as ações concretas de uma nova Igreja e de uma nova sociedade, produtoras de subjetividades juvenis capazes de amadurecer a identidade dos discípulos missionários de Jesus Cristo, de dar condições de resposta positiva às vocações específicas e de tornar real a Civilização do Amor sonhada e iniciada por Cristo.

5.3. Protagonismo e experiência religiosa

227. A identificação com a pessoa e com a proposta de Cristo revela e reforça a criatividade e a ousadia da juventude. A **oração pessoal**, diálogo fértil nascido da experiência de fé encarnada na realidade de angústias, anseios, sonhos e utopias juvenis, fortalece em cada jovem a necessidade de estar em comunidade e de não se fechar em si. Um dos caminhos para percorrer esse diálogo, que transforma o encontro pessoal com Cristo em uma resposta a seu convite pelo envolvimento na comunidade, é a **Leitura Orante da Bíblia (LOB)**, também chamada de *Lectio Divina*, já vivenciada por muitos jovens. O encontro com a Palavra de Deus gera um encontro dos jovens consigo mesmos, com seu projeto de vida e com as atitudes e posturas que precisam ter para, com coerência, servir como discípulos missionários. Uma das iniciativas para tornar a *Lectio Divina* mais conhecida é o Projeto Lectionautas,¹⁰⁰ assumido pela Igreja latino-americana.

100 Para maiores informações sobre o projeto, acesse: www.lectionautas.org.br.

228. A experiência pessoal do jovem impulsiona-o para uma adesão mais concreta e ampla à **comunidade** cristã. Essa comunhão fraterna é essencial para o fortalecimento da experiência religiosa na juventude. As paróquias e suas pastorais, catequese e outros campos de missão devem estar sempre abertos aos jovens para que possam exercer nesses espaços o protagonismo juvenil, com acompanhamento que favoreça o crescimento e a formação integral. A possível desconfiança de leigos e de religiosos em relação ao potencial da juventude, para estar à frente de diferentes responsabilidades, deve ceder lugar à confiança e ao caminhar conjunto.
229. A experiência de fé na comunidade é essencial não só para os jovens, mas também para a Igreja como um todo. Como Bento XVI já havia apontado em 2007, **a Igreja precisa dos jovens** para manifestar ao mundo o rosto de Cristo, que se desenha na comunidade cristã. Dessa forma, não favorecer a efetiva participação e protagonismo juvenil na comunidade eclesial é apresentar uma Igreja desfigurada.¹⁰¹ Quantas oportunidades de evangelização a Igreja perdeu, por apostar sempre nas mesmas fórmulas, sem ouvir o apelo da juventude por novas propostas de diálogo e de ação!

5.4. Protagonismo e compromisso na sociedade.

230. O Documento *Evangelização da Juventude* constatou que muitos de nossos jovens têm assumido seu papel em nossa sociedade e têm estimulado o crescimento dessa participação.¹⁰²

101 Cf. PAPA BENTO XVI, *Discurso aos jovens brasileiros*. São Paulo, 10 de maio de 2007.

102 “Atualmente no Brasil há uma série de novas formas de participação juvenil, entre as quais podemos destacar: a) a pertença a grupos (pastorais, movimentos eclesiais, novas comunidades, redes, ONGs e outras organizações juvenis) que atuam para transformar o espaço local, nos bairros, nas favelas e periferias; b) a participação em grupos que trabalham nos espaços de cultura e lazer: grafiteiros, conjuntos musicais, de dança e de teatro de diferentes estilos, associações esportivas; c) mobilizações em torno de uma causa e/ou campanha: grupos ecológicos, comitês da Campanha contra a Fome, ações contra a violência e pela paz, grupos por uma outra globalização etc.; d) grupos reunidos em torno de identidades específicas: mulheres, negros, indígenas, pessoas com deficiência. Para além do discurso corrente de que os jovens de hoje não participam, são desinteressados e alienados, alguns estudos recentes têm demonstrado que os jovens desejam participar ativamente da vida social, têm muitas sugestões do que deve ser feito para melhorar a situação do país e querem dar sua contribuição. Entretanto, não encontram espaços adequados: as formas de participação presentes na sociedade e no Estado são percebidas pelos jovens como muito distantes de sua realidade cotidiana”. CNBB, *Evangelização da Juventude*, nn. 38-39.

Urge, portanto, estimular e apoiar as iniciativas juvenis já existentes e ajudar os jovens que estão distantes a se aproximarem delas. A opção pelos mais empobrecidos e pelos sofredores não pode ser apenas uma “opção” de alguns. Por ser uma opção evangélica, deve ser de todo o corpo eclesial, e, portanto, de todos os nossos jovens aí presentes. A Igreja é, na terra, o germe e o início do Reino anunciado por Cristo. Por isso, **todas as organizações eclesiais juvenis** também são convocadas a se engajar plenamente nos trabalhos de edificação de uma sociedade mais justa, fraterna e solidária. A juventude é o tempo propício à **formação para a cidadania**, porque os jovens tomam ciência de seus direitos e de suas responsabilidades. Esse é um dos compromissos da ação evangelizadora da Igreja no Brasil.¹⁰³

231. Nessa formação inclui-se, de modo particular, o incentivo e a ajuda aos nossos jovens a fim de que **participem efetivamente**, e a partir da ética cristã, dos espaços que lhes são oferecidos, especialmente os Conselhos de Juventude, recentemente criados em todo o Brasil. Tais Conselhos buscam defender os direitos dos jovens e acompanhar as Políticas Públicas que os favoreçam.
232. Ao desembocar no compromisso social, **os processos de educação na fé** precisam também despertar para a defesa de toda forma de vida que nos rodeia. As graves situações a que o atual desenvolvimento humano nos conduziu, as extinções de formas de vida, o aquecimento global, a poluição ambiental, fazem-nos pensar na responsabilidade que as novas gerações têm para não repetir os erros de seus antepassados e para auxiliar a minimizá-los no presente e no futuro. Os jovens de hoje, em geral, são mais abertos e propensos a **aderir às causas ecológicas**. Essa abertura, facilitada pelas relações midiáticas, é uma grande oportunidade para descobrirmos juntos os meios para minimizar os efeitos negativos ao impacto ambiental em nossos dias.
233. Sentimos a dor de grande parte da **juventude empobrecida** que, sem possibilidade de acesso a um ensino de qualidade, sem perspectiva de empregos dignos, vive em uma sociedade

103 Cf. CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 232.

marcada por um escandaloso abismo entre os mais ricos e os mais pobres; atingida emocionalmente por famílias fragmentadas nas relações e bombardeadas pelo consumismo, é aliciada pelo contexto do **tráfico** de drogas. Todo o meio social precisa ser transformado para que a violência e a exclusão social juvenil cheguem de fato a um fim. O papel dos próprios jovens é essencial nessa tarefa. Esta Campanha da Fraternidade convida os jovens a se empenharem pela erradicação das causas sociais da violência em seu meio.

234. A Campanha da Fraternidade de 2013 conclama nossos jovens e, com eles, toda a Igreja, a contagiar com a alegria e com a criatividade juvenis as estruturas sociais e eclesiais a fim de que estejam dispostas a cuidar melhor do jovem sofrido, abrindo-lhes os braços da caridade e as portas da inclusão. O Documento de Aparecida convida a Igreja a ser verdadeira casa e escola de amor e de comunhão.¹⁰⁴ Cabe, portanto, às estruturas eclesiais que servem os jovens, empenharem-se decididamente no compromisso com todos os jovens brasileiros, proporcionando espaços de encontro e de reflexão acerca de sua realidade e engajando-se nos trabalhos em vista da melhoria efetiva de sua situação de vida. Conhecer as iniciativas já existentes, criar outras e motivar a participação dos jovens, segundo suas condições, são atitudes importantes para as urgentes mudanças.¹⁰⁵

104 *“As condições de vida de muitos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e sua dor, contradizem este projeto do Pai e desafiam os cristãos a um maior compromisso a favor da cultura da vida. O Reino de vida que Cristo veio trazer é incompatível com essas situações desumanas. Se pretendemos fechar os olhos diante destas realidades, não somos defensores da vida do Reino e nos situamos no caminho da morte: ‘Nós sabemos que passamos da morte para a vida porque amamos os irmãos. Aquele que não ama, permanece na morte’ (1Jo 3,14). É necessário sublinhar ‘a inseparável relação entre o amor a Deus e o amor ao próximo’ (...). Tanto a preocupação por desenvolver estruturas mais justas como por transmitir os valores sociais do Evangelho situam-se neste contexto de serviço fraterno à vida digna”.* CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 358.

105 Muitas são as possibilidades de atuação nesta área. Atualmente as pastorais da juventude encabeçam uma campanha contra a violência e extermínio de jovens. A participação nos Conselhos de Juventude e o acompanhamento das Políticas Públicas para a Juventude também são espaços atuais nos quais os jovens católicos poderão, à luz da Doutrina Social da Igreja, dar seu contributo. Algumas iniciativas pelas redes sociais podem se tornar atraentes e eficazes estratégias de mobilização em vista da dignidade da vida dos jovens.

5.5. Protagonismo e a justa relação entre fé, razão e ciência

235. A 7ª Linha de Ação do Documento *Evangelização da Juventude*, da CNBB, provoca-nos a refletir sobre a urgente necessidade de ajudar nossos jovens a articular com maior clareza a certeza da fé e as novas compreensões científicas e filosóficas da racionalidade contemporânea. Não são poucas as investidas de intelectuais de nosso tempo que, buscando descobrir a razão da existência humana para além das verdades reveladas, confundem os jovens, especialmente os que se encontram em ambientes universitários.
236. A Igreja não pode isentar-se de adentrar, decididamente, os ambientes acadêmicos públicos e privados de nosso país. Ela possui uma edificante história de participação no desenvolvimento racional, científico e tecnológico da humanidade. O Evangelho a envia e a capacita na missão de contribuir com a vida de todos os povos, em todas as áreas e em todos os tempos. Grande parte de nossos jovens frequenta esses espaços e, ao conhecerem melhor o contributo da Tradição e do Magistério da Igreja, se sentirão mais fortalecidos para assumir, no meio universitário, seu papel de missionários qualificados.¹⁰⁶
237. O avanço tecnológico que atrai, envolve e dita normas nas várias esferas da vida humana também deve ser objeto de reflexões e de ações dos jovens discípulos missionários. Ninguém melhor do que os próprios jovens para discutir essa realidade, a partir de suas percepções e de sua capacitação técnica no mundo

106 “A ação pastoral deve favorecer a base intelectual da fé dos jovens para que saibam se mover de maneira crítica dentro do mundo intelectual, acompanhados de vida cristã autêntica para que possam atuar responsabilmente no mundo do qual fazem parte. É oportuno, portanto, que na Universidade possa se desenvolver um ambiente favorável para articular fé e razão. Essa sinergia é importante até para superar o tempo em que ‘a fé, privada da razão, pôs em maior evidência o sentimento e a experiência, correndo o risco de deixar de ser uma proposta universal. É ilusório pensar que, tendo pela frente uma razão débil, a fé goze de maior incidência; pelo contrário, cai no grave perigo de ser reduzida a um mito ou superstição. Da mesma maneira, uma razão que não tenha pela frente uma fé adulta não é estimulada a fixar o olhar sobre a novidade e radicalidade do ser’. A universidade torna-se, assim, um espaço de amadurecimento da fé e da razão”. CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 218

midiático, contribuindo, assim, com um adequado, ético e sereno processo de desenvolvimento da vida nesta turbulenta mudança de época.

Terceira Parte

Indicações para ações transformadoras

1. Converter-se aos jovens

238. A conversão pastoral¹⁰⁷ é uma atitude de autoavaliação e de coragem para mudar as estruturas pastorais obsoletas da Igreja, para que ela seja, cada vez mais, geradora de discípulos missionários comprometidos com a vida de todos.¹⁰⁸
239. A conversão pastoral, que encontra sua razão de ser no chamado de Deus em um mundo de mudanças, parte das estruturas eclesiais e se torna anúncio profético para cada indivíduo e para a sociedade como um todo. Ela não deve ser compreendida apenas como uma mudança externa, metodológica ou de marketing, mas como uma atitude de conversão interior, que brota do encontro pessoal de cada cristão com o Ressuscitado. *“Rasgai não só as vossas vestes, mas também os vossos corações”* (Jl 2,13), proclama o profeta Joel ao povo, exortando-o a uma sincera mudança interior.
240. Uma verdadeira conversão pastoral deverá superar o dualismo entre teoria e práxis, entre mudança pessoal e mudança social, entre conversão externa e conversão interna. Certamente, devemos elaborar um consistente instrumento teórico para a evangelização da juventude, revisar nossos métodos, adaptar-nos às novas linguagens, inserir-nos nos ambientes tecnológicos e midiáticos.

107 Cf. PAPA BENTO XVI, Carta Apostólica sob a forma de Motu Proprio, *Porta Fidei*, n. 6.

108 Cf. CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2011-2015*, nn. 20; 26.

1.1. A Igreja precisa dos jovens

241. O Documento de Aparecida pede que escutemos a voz do Espírito Santo, que fala às Igrejas, e nos remete a observar os sinais dos tempos.¹⁰⁹ Dentre essas novidades, que a Igreja é chamada a ver e a acolher em atitude de conversão pastoral, necessariamente estão os jovens. O que os jovens *dizem* nem sempre é expresso por palavras e lógicas com que estamos acostumados. Seus sonhos e sofrimentos, manifestados de várias formas, precisam ser captados pela predisposição otimista do mundo adulto. Sua maneira de agir, de organizar e de coordenar favorece a aquisição de novos métodos, de linguagens e de instrumentais em vista da evangelização em ‘mudança de época’.
242. Além disso, uma pastoral bem organizada orienta os jovens a **conhecer, a amar e a abraçar a Igreja**, favorecendo-lhes a responsabilidade de auxiliá-la em sua missão, inclusive por meio das relações midiáticas com que eles se identificam e de que se sentem sujeitos. Ao conhecer a sua Igreja “por dentro”, isto é, a partir de seu envolvimento, o jovem não só abraçará a missão eclesial de promover vida plena para todos, mas também saberá defendê-la, com sua própria linguagem e jeito, diante da sociedade, como instituição séria em favor de todos. Quantos jovens testemunham sua adesão consciente, livre e comprometida à Igreja, porque fazem uma experiência profunda de conhecimento, de convivência e de serviço em sua comunidade!

1.2. Acolhida afetiva e efetiva aos jovens

243. A conversão pastoral deve levar nossas comunidades a oferecer acolhida substancial e oportunidades de participação aos jovens, auxiliá-los **no processo de busca de respostas** significativas para sua existência e para sua fé: “*quem é Jesus Cristo? O que significa acolhê-lo, segui-lo e anunciá-lo? O que há em Jesus Cristo*”

109 Cf. CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 366.

que desperta nosso fascínio, faz arder nosso coração, leva-nos a tudo deixar e, mesmo diante das nossas limitações e vicissitudes, afirmar um incondicional amor a Ele? [...] Estamos convencidos de que Jesus Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida? O que significa para nós, hoje, o Reino de Deus por Ele instaurado e comunicado?”¹¹⁰

244. O apelo a uma conversão pastoral precisa **ecoar** em nossas estruturas eclesiais, abrindo-as à novidade que os jovens e seus grupos trazem e que podem exprimir o Evangelho de Jesus Cristo. É urgente que a evangelização chegue a esses grupos. Eles são alguns dos **novos pátios** que se expandem cada vez mais e nos estimulam a uma maior aproximação e a uma nova proposta de anúncio do Evangelho. Caso contrário, os jovens e seus grupos abandonam os espaços eclesiais ou criam seus mundos isolados, à parte de qualquer acompanhamento. Certamente, o afastamento da vivência eclesial, violências, mortes e exclusões ocorrem, porque muitas de nossas estruturas eclesiais não abrem suas portas para acolher a realidade e a cultura dos jovens, entender a linguagem deles, cuidar do seu processo de amadurecimento, curar-lhes as feridas.
245. É importante ir, primeiramente, ao encontro daqueles que estão em grave situação de risco, devido à omissão de um acompanhamento qualificado e à ausência de condições mínimas para uma vida digna. Além disso, encontramos inúmeros jovens desempregados; sem qualificação profissional; sem acesso ao sistema de ensino e à educação para os novos tempos; envolvidos com o crime organizado e com o tráfico de drogas; viciados em substâncias tóxicas; sem estrutura familiar sólida; vítimas de violências; em depressão e com falta de sentido na vida; consumistas e hedonistas; sem fé e sem experiência religiosa significativa; sem clareza da sua vocação e sem motivações para as opções fundamentais; carentes de princípios e de valores que iluminem seu amadurecimento afetivo; indispostos para a gratuidade diante

110 CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja 2011-2015*, n. 4.

do próximo; inconsequentes no uso dos meios de comunicação e das redes sociais; omissos diante das injustiças e das explorações e apáticos ao processo sociopolítico. No atual contexto, são esses que devem, agora, ter a primazia do anúncio do Evangelho.

246. **Todo o corpo eclesial é chamado a essa conversão** pastoral e a uma renovada compreensão da missão apostólica: *“É necessária uma firme atuação de todos os segmentos da Igreja no sentido de garantir o direito dos jovens à vida digna e ao pleno desenvolvimento de suas potencialidades”*.¹¹¹ Como ministros dos sagrados mistérios, os Pastores devem ser os primeiros a acolher os jovens e servi-los em suas necessidades. Os consagrados, os catequistas, os missionários, os seminaristas, os leigos e os próprios jovens são convidados a se inserir profundamente nas estruturas dessa mudança de época, a encontrar novas linguagens para o anúncio do Evangelho, a testemunhar o amor de Jesus a cada jovem, a utilizar os recursos modernos de comunicação, das artes, dos esportes, enfim, tudo aquilo que possa ser útil e recomendável à consciência cristã.

247. Se nossas comunidades passarem de uma *“pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária”*,¹¹² estarão plenamente integradas na sociedade, principalmente nos meios em que a vida da pessoa humana tem sido prejudicada. Assim, a Igreja, além de se empenhar nas mudanças de suas estruturas, anunciará profeticamente a necessidade de transformações sociais, econômicas, políticas e culturais em favor dos jovens.

1.3. Abertura da sociedade aos jovens

248. Ciente do impacto que essa mudança de época traz, a **sociedade** precisa, mais do que nunca, **aproximar-se do mundo juvenil**, de sua realidade cheia de feridas e de belezas, de sua

111 CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 230.

112 CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 370.

potencialidade e de sua criatividade, de sua cultura e de seus modos de existência. **Pais, educadores e lideranças sociais**, sob as diversas formas de serviço para a formação da pessoa humana, devem sentir-se impelidos por essa realidade desafiadora, animados ao perceberem os traços de avanço, provocados para uma integração madura e para um diálogo frutuoso, visando ao bem de todos.

249. A defesa da vida desde o seu início, no ventre materno, até o seu fim natural é o primeiro **dever do Estado**, “*fundamento sólido e inviolável para os direitos humanos*”¹¹³ e a única garantia de uma sociedade justa e fraterna. As diferentes manifestações de morte, de opressão e de exclusão devem ser combatidas por uma consciência madura de que a vida é um precioso dom e de que a família humana é fruto de uma decisão amorosa e livre do Criador. O Estado precisa desenvolver **políticas** que revertam em atenção social aos jovens e investir neles; **propiciar o acesso** aos estudos, aos campos científicos e aos meios de comunicação digital; **dar condições** dignas de moradia, de trabalho, de lazer, de saúde e de formação humana e afetiva.
250. As várias instituições sociais e políticas devem considerar a voz e a presença dos jovens como contributo ímpar e imprescindível para o progresso da história e para a construção da nova sociedade. A jovialidade e a beleza deles não é uma questão meramente estética ou poética; é preciso considerá-los agentes de transformação. Em nossa sociedade, é urgente a valorização da capacidade dos jovens de navegar na cultura midiática e de utilizar eticamente as redes sociais para o bem comum. O diálogo com as novas gerações é imprescindível para atravessarmos com segurança e com bons frutos essa impactante mudança de época.

113 CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 467.

1.4. Jovens protagonistas da evangelização e artífices da renovação social

251. O profeta Isaías, como vimos, é chamado a profetizar sobre uma estrutura social cristalizada, que se mantinha em um ciclo contínuo de injustiças. Diante da iminente invasão da Assíria, o povo de Jerusalém conservava uma falsa segurança de que as estruturas religiosas garantiriam sua soberania sobre todos os povos. O jovem Isaías é chamado, então, a revelar a face do verdadeiro Deus em contraste com a cegueira do povo. Em seu anúncio, é apresentada uma nova estrutura para a sociedade.
252. O jovem profeta vê além; por isso, consegue encontrar novos caminhos diante de mecanismos de sobrevivência já inertes e sem esperança. *“É importante que estes fermentos e o idealismo que encerram encontrem a devida atenção em todos os componentes da sociedade. A Igreja olha para os jovens com esperança, tem confiança neles e encoraja-os a procurarem a verdade, a defenderem o bem comum, a possuírem perspectivas abertas sobre o mundo e olhos capazes de ver ‘coisas novas’”* (Is 42,9; 48,6).¹¹⁴
253. Os jovens são **“protagonistas da evangelização e artífices da renovação social”**.¹¹⁵ Essa responsabilidade se acentua à medida que as constantes mudanças no cenário mundial exigem respostas que partem de corações cheios de um espírito de renovação e que têm a capacidade de ler os sinais dos tempos. *“Sabei que vós mesmos servis de exemplo e estímulo para os adultos, e tanto mais o sereis quanto mais vos esforçardes por superar as injustiças e a corrupção, quanto mais desejardes um futuro melhor e vos comprometerdes a construí-lo”*.¹¹⁶
254. Há, entre muitos jovens, um desejo de transformação, inconformidade e revolta contra estruturas injustas. É preciso canalizar

114 PAPA BENTO XVI, *Educar os jovens para a justiça e a paz. Mensagem do Papa Bento XVI para a celebração do XLV Dia Mundial da Paz*. Vaticano, 8 de dezembro de 2012.

115 PAPA JOÃO PAULO II, *Christifideles Laici*, n. 46.

116 PAPA BENTO XVI, *Educar os jovens para a justiça e a paz. Mensagem do Papa Bento XVI para a celebração do XLV Dia Mundial da Paz*. Vaticano, 8 de dezembro de 2012.

essa energia de transformação, criar estruturas de comunicação, de convivência e de partilha, para que os projetos de solidariedade não sejam pontuais e isolados, sem uma força real de impacto social. Devem estar fundamentados na Doutrina Social da Igreja e nos outros documentos eclesiais e em constante comunhão com os Planos Pastorais Diocesanos.

255. Diante da falência das utopias levantadas pelas grandes revoluções culturais e sociais dos últimos séculos e do crescimento do individualismo típico do sistema econômico ancorado no capital, é necessário fazer o jovem acreditar novamente em um projeto coletivo, encontrando novos espaços para a solidariedade. Essas atividades são fundamentais, mas devem ser vistas sob uma ótica de mudança de cultura, que conceda aos atos sociais um sentido profundamente enraizado no Evangelho. A dimensão política e social da fé *“deve ser apresentada aos jovens de maneira que não se reduza a apenas uma ideologia”*.¹¹⁷
256. Certamente, os jovens, nascidos e imersos em um contexto cultural tão ímpar, podem contribuir para a construção de uma visão solidária com outros jovens que sofrem, cheios de dúvidas e de questões contemporâneas, e precisam encontrar na Igreja um caminho pastoral de acolhida, de conversão e de amadurecimento pessoal. Com certeza, a escuta à juventude é um ponto de partida essencial para a construção do diálogo entre a Igreja e o mundo contemporâneo.

2. Abrir-se ao novo

257. A seguir, elencamos algumas propostas de ações para que os jovens possam contribuir para a construção de uma civilização geradora de vida em abundância às pessoas, segundo o plano de nosso Deus para seu povo. São realidades que necessitam ser recriadas com a participação solidária de todos.

117 CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 83.

2.1. Recriar o sentido da existência e da realidade

258. A busca do sentido da vida é uma questão peculiar a todos os seres humanos, nas mais diversas épocas da história, mas que se acirra em períodos de transformações profundas. Essa necessidade humana não pode ser comparada com outras necessidades, como a econômica, a social, a cultural, pois trata da primeira questão a ser enfrentada por toda pessoa, durante sua existência no mundo. Tal busca iluminará os caminhos a seguir, quando e por que se sacrificar, quais os valores a defender, o que esperar da vida e o que buscar no outro.

259. Devemos, portanto:

- a. *considerar que o sentido da vida não pode mais ser entendido como uma espécie de princípio a priori, ao qual se deve aderir por tradição ou por imposição;*
- b. *compreender que cada um não poderá fazer o que quiser ou o que julgar mais cômodo ou adequado para si mesmo;*
- c. *valorizar o esforço de cada um para descobrir o sentido da existência em seu próprio contexto, em diálogo com sua própria tradição e com as demais que venha conhecer.*

2.2. Recriar relações significativas com o Deus

260. Na caminhada em busca do sentido da vida, a pessoa humana descobre que não é fruto do acaso e que sua existência não está largada ao sabor do destino. Pelo contrário, ao refletir sobre as inquietações da vida, sobre a origem, duração e fim, a própria razão nos mostra que existe Alguém que, por seu poder, criou e governa a história (cf. Rm 1,20). Para nós, cristãos, esse Ser transcendente e onipotente é Deus, que ama e se comunica com todos. Professar essa fé exige do discípulo-missionário reconhecer a dignidade de toda pessoa humana, sem distinção.

261. Para testemunhar isso, devemos:

- a. *viver de modo a testemunhar que todo ser humano é, depois de Deus, o que há de mais sagrado entre todas as obras da criação;*
- b. *respeitar as manifestações de fé dos não batizados, por meio do diálogo e do serviço, e anunciar, pelo testemunho de comunhão, a graça de encontrar Jesus; respeitar a liberdade de culto e os sinais sagrados de outras religiões;*
- c. *demonstrar entusiasmo por pertencer à Igreja e participar com alegria de suas atividades.*

2.3. Recriar as relações afetivas e a vida comunitária

262. Descobrir o sentido da vida nos chama a viver em comunhão. A nossa reflexão sobre a existência humana nos leva a Deus. Ao encontrá-Lo, descobrimos a fonte do amor. Quem ama procura o ser amado e com ele quer permanecer. Se é verdade que amamos a Deus, nosso compromisso com Ele é amar os irmãos (cf. 1Jo 4,19) e conviver em harmonia com eles. Para que a evangelização aconteça, não basta suportar-nos uns aos outros; é preciso buscar a fonte da paz e fazer transparecer, nos gestos e nas palavras, que existe uma causa, um dever de consciência, que nos leva a agir com amor e que esse jeito de agir provoca em nós alegria.

263. Isso exige:

- a. *reconhecer a Igreja como uma comunidade de amor, que atrai as pessoas para Cristo;*
- b. *superar as divergências e as diferenças na família, na comunidade e nos grupos, promovendo sempre a cultura de paz;*
- c. *estender o serviço da caridade a todos os que se sentem marginalizados e isolados da vivência fraterna.*

2.4. Recriar relações de gratuidade para uma postura afetivo-construtiva

264. Nesse contexto de transformações, o sistema econômico neoliberal, hegemônico nas economias industrializadas, submete o processo de produção a muitas cobranças e a uma árdua competição. Essa mentalidade se reproduz no mundo pessoal e faz a lógica da graça soar particularmente estranha no horizonte das relações interpessoais. Assim, presenciamos, especialmente entre os jovens, a consolidação de uma afetividade autônoma e narcisista que dificulta o estabelecimento de relações estáveis e compromissadas, como a abertura às interpelações do outro, fonte básica da eticidade.

265. Diante disso, precisamos:

- a. *superar o individualismo e a competição que tolhem da sociedade a possibilidade de relações de gratuidade;*
- b. *construir uma afetividade que não se restrinja à subjetividade do sujeito, num processo de valorização e de abertura às interpelações da alteridade no seu mistério e às várias facetas da realidade;*¹¹⁸
- c. *acolher os valores éticos que edificam e humanizam todos os âmbitos das relações pessoais e sociais.*

2.5. Recriar as relações e o compromisso nesta mudança de época

266. No decorrer da história, a Igreja sempre soube servir-se dos meios de comunicação para exercer sua missão evangelizadora. Desde a colocação de sinos nas torres das igrejas, passando pela utilização da imprensa, logo após a sua invenção, até a entrada da tecnologia eletrônica para facilitar a propagação das vozes nas celebrações, a Igreja acompanhou o progresso, tornando-se a principal responsável pela cultura ocidental. Sempre fez isso

118 Cf. LIBANIO, J. B., *Para onde vai a juventude?* São Paulo, Ed. Paulus, 2ª edição 2012, p. 24-26.

com o foco no objetivo de promover encontros dos homens e das mulheres com Deus e de todas as pessoas entre si.

267. Para contribuir com a integração das pessoas no contexto da cultura midiática, devemos:
- a. *reconhecer os benefícios dos meios de comunicação atuais e utilizá-los com discernimento;*
 - b. *perceber os perigos que o uso descuidado das tecnologias digitais pode provocar;*
 - c. *cuidar para que os relacionamentos virtuais não prejudiquem os encontros pessoais, nem sirvam para alienar e para isolar as pessoas.*

2.6. Recriar o dinamismo de transformação da sociedade

268. Neste tempo de profundas mudanças, que afetam o modo de ver a si mesmo, o mundo e o outro, o jovem é chamado a desenvolver uma consciência crítica e a construir espaços alternativos de vivência.
269. Para o advento de uma estruturação social mais justa e condizente com a dignidade das pessoas, é necessário:
- a. *protagonizar ações solidárias e perceber que abraçar causas, que requerem empenho, enobrece e alegra;*
 - b. *perceber as interpelações dos jovens que clamam pela inclusão social e pelo combate aos processos de marginalização;*
 - c. *promover ações contra o mundo das drogas, contra a violência crescente que vitimam inúmeros jovens, contra os sofrimentos dos jovens indígenas, quilombolas, dos campos e das periferias.*

2.7. Recriar relações de respeito e de integração com o meio ambiente

270. Atualmente, paira sobre a vida instalada no planeta, grande casa de todos, o perigo da introdução de modificações importantes

que podem comprometer as condições de sobrevivência da maioria das espécies vivas. Os jovens deparam com uma ameaça de grandes proporções à vida. Por isso, não podem deixar de contribuir para a construção de um mundo sustentável, a fim de evitar a destruição do planeta. A questão precisa ser equacionada rapidamente, a partir das suas causas, em vista das gerações futuras.

271. É urgente:

- a. *desenvolver uma sadia relação com o planeta e com os demais seres;*
- b. *não sobrepor a natureza à pessoa humana nem reduzi-la a simples conjunto de dados empíricos, como se fosse mera matéria sujeita ao nosso bel-prazer e desfrute;¹¹⁹*
- c. *adotar novo estilo de vida, orientado para o desenvolvimento integral de todos; rever o atual padrão de consumo.*

2.8. Recriar a razão para além da razão instrumental

272. Na modernidade, a razão, com o auxílio da técnica, tem como incumbência produzir. Dessa junção, nasce um conhecimento que aperfeiçoa a produção e serve ao mercado, mas ignora os dramas vivenciados pela humanidade. Essa razão instrumental, a serviço da ciência, não prima pela humanização.¹²⁰ O Papa Bento XVI tem abordado frequentemente esse tema e, em seus ensinamentos, tem mostrado a necessidade da expansão da razão e de seu salutar diálogo com a fé. O intento é exortar à expansão do alcance da reflexão racional, de modo a ultrapassar os limites instrumentais, recuperar a capacidade de abraçar o sentido amplo da realidade.

119 PAPA BENTO XVI. Carta Encíclica *Caritas in Veritate* - Sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. Brasília, Edições CNBB, 2009. nn. 48 - 51.

120 Cf. GILBERT, P. *A paciência de ser*. São Paulo, Editora Loyola, 2005, pp. 34-40.

273. É indispensável:

- a. *formar educadores, catequistas e outras lideranças da juventude para o diálogo entre fé e ciência, especialmente nos ambientes de ensino superior;*
- b. *abrir o coração e a inteligência para a alteridade e para as interpeleções advindas das necessidades reais das pessoas e da sociedade;*
- c. *discernir ou julgar os âmbitos da realidade a partir da fraternidade e da justiça para se superar a indiferença e o conformismo com situações geradoras de sofrimento e morte.*

3. “Eis-me aqui, envia-me!”

3.1. O protagonismo dos jovens para o bem de todos

274. O protagonismo juvenil, longe do sentido de uma autonomia inconsequente, não significa a deserção, a invalidação das instituições ou de educadores e de mestres. É um reconhecimento do potencial jovem, que tantas vezes precisa ser orientado e discernido, com paciência e com responsabilidade, a fim de direcioná-lo em favor de sua formação integral, do bem comum, da cidadania e da dignidade da vida humana.
275. Certamente os meios de comunicação são o apogeu do momento atual. Eles não favorecem apenas o acesso e a difusão de conhecimentos e de informação, mas também estimulam uma nova ambiência humana. Nesse ecossistema comunicativo, a que estamos interligados, nós nos tornamos responsáveis pelas nossas escolhas, pelas nossas atitudes, pela religião que abraçamos, pelo compromisso com o outro, pela ética, pela cultura e pela sociedade.
276. De acordo com a realidade histórica e cultural dos jovens pertencentes às comunidades e às dioceses brasileiras, sugerimos abaixo algumas linhas de ação e pistas práticas. Elas devem ser trabalhadas, levando-se em conta os aspectos de cada realidade,

a fim de que nossos jovens possam chegar ao amadurecimento de suas aptidões, à concretude de seu projeto pessoal, à vivência comunitária e à integração social e religiosa.

3.2. Em âmbito pessoal

277. O jovem é sempre atraído por perfis, por modelos e por ideais que procura imitar e assumir como próprios. A Igreja apresenta o grande exemplo e modelo de **inspiração, Jesus Cristo, que oferece a todos um projeto de vida. Ele ensina o homem a ser homem, porque é “o caminho, a verdade e vida” (Jo 14,6) para todos.**

278. *“O vértice insuperável da perspectiva indicada é a vida de Jesus de Nazaré, o Homem novo, solidário com a humanidade até a ‘morte de cruz’ (Fil 2,8): n’Ele é sempre possível reconhecer o Sinal vivente daquele amor incomensurável e transcendente do Deus-conosco, que assume as enfermidades do seu povo, caminha com ele, salva-o e o constitui na unidade. N’Ele a solidariedade alcança as dimensões do mesmo agir de Deus. N’Ele, e graças a Ele, também a vida social pode ser redescoberta, mesmo com todas as suas contradições e ambiguidades, como lugar de vida e de esperança, enquanto sinal de uma graça que de contínuo é a todos oferecida e que, enquanto dono, convida às formas mais altas e abrangentes de partilha”.*¹²¹

279. É importante apresentar e testemunhar Jesus Cristo no contexto em que o jovem vive e como **resposta às suas angústias e às suas aspirações mais profundas. Jesus caminha com o jovem como caminhava com os discípulos de Emaús, dialogando, orientando.** *“A ação evangelizadora deve ajudá-lo a ter contato pessoal com Jesus Cristo, nos Evangelhos, por meio de sua mensagem, atitudes, sua maneira de tratar as pessoas, sua coragem profética e a coerência entre seu discurso e vida”.*¹²²

121 PONTIFÍCIO CONSELHO DE JUSTIÇA E PAZ, *A solidariedade na vida e mensagem de Jesus Cristo*, 2009, n. 196.

122 CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 60.

3.2.1. Linhas de ação

A dimensão psicossocial: personalidade, identidade, sexualidade

280. **A juventude é um ciclo da vida. É na fase de formação da personalidade que se concentram os maiores problemas e desafios, mas a juventude é também a fase de maior energia, de criatividade, de generosidade e de potencial para o engajamento na vida social.**¹²³ Nesse tempo, surgem as dúvidas, os anseios, as inseguranças quanto ao futuro da própria vocação e profissão. É uma fase bastante delicada, pois, sem a capacidade de autoconhecimento e de autocrítica, o jovem é incapaz de analisar as situações com objetividade, de administrar os conflitos, de se relacionar de maneira equilibrada.
281. **É nesse contexto que a atenção da família e a presença dos amigos, dos mestres, dos educadores, dos catequistas e dos sacerdotes são fundamentais para ajudá-lo a encontrar o seu caminho, construir sua personalidade de forma autêntica e sincera, e, sobretudo, para orientá-lo a respeito dos meios escusos de autoafirmação, dos perigos relacionados às dependências químicas. É fundamental orientar o jovem nas decisões mais delicadas, em vista de uma postura coerente consigo mesmo e com a responsabilidade ética: “Quando o jovem não se decide, ele corre o risco de se tornar uma eterna criança”.**¹²⁴
282. **Sem dúvida, o amadurecimento da personalidade passa pelas relações interpessoais que o jovem cultiva no dia a dia. A afetividade é a capacidade de estabelecer relações profundamente humanas com os outros. A amizade é algo natural e importante na vida do jovem. Por isso, uma orientação clara a respeito das relações equilibradas, da amizade fraternal, das divergências suscitadas pela competitividade e pela concorrência social é um grande apoio para o jovem construir sua visão de mundo.**

123 Cf. CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 25.

124 PAPA BENTO XVI, *Discurso no encontro com os jovens em Luanda*. Luanda, 21 de março de 2009.

283. **Dom de Deus, a sexualidade é uma dimensão constitutiva da pessoa humana; ela nos impulsiona para a realização afetiva no relacionamento com o outro.**¹²⁵ Num mundo marcado pelo erotismo e pelas mais variadas tipologias sexuais, faz-se necessário desenvolver um projeto de educação para o amor, que integre a sexualidade em um plano mais amplo de crescimento e de maturidade.

284. *“O processo particularmente difícil da sexualidade é o da sua integração, isto é, da harmonia de todos os elementos da identidade enquanto pessoa. A integração da sexualidade humana não é automática; exige cuidados e é resultado do processo de amadurecimento. A sexualidade humana não é a força de um instinto, mas é livre e racional, isto é, só uma pessoa livre e inteligente assume e orienta seus impulsos sexuais integrando-os com todos os outros aspectos da personalidade”.*¹²⁶

285. **As relações afetivas (o namoro, o noivado) e o desenvolvimento da sexualidade precisam ser tratados com carinho e com atenção. Os pais, os educadores, as lideranças eclesiais devem ser responsáveis por um correto acompanhamento e por uma orientação segura.**

A abertura para Deus e para a transcendência

286. **Há um tempo, os pensadores proclamavam o fim do Cristianismo e a morte de Deus. No entanto, a conjectura atual, chamada por alguns de pós-modernidade, fez surgir um retorno ao sagrado, uma redescoberta da dimensão religiosa. Mas a busca dessa espiritualidade que dá unidade e gosto à vida tem sido marcada por uma religiosidade individual,¹²⁷ neognóstica, holística, e por um fundamentalismo que, a título de resgatar elementos de tradições passadas, acaba por promover unicamente um aparato externo triunfalista e pouco real.**

125 CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 103.

126 CNBB, *Subsídios Afetividade e sexualidade*, vol. I, encarte 15. Brasília, Edições CNBB, 2011.

127 Cf. CNBB, *Idem*, n. 20.

287. Do mesmo modo, as perguntas fundamentais - *De onde vim? Para onde vou? Quem sou eu?* - continuam sendo o sinal mais íntimo da abertura natural que todo jovem tem para o transcendente. Elas descortinam um horizonte bem mais amplo que o do bem-estar material, apontam para o desejo infinito de plenitude. “A dimensão transcendental de cada jovem pode e deve ser aprofundada no estudo, na catequese, na reflexão acerca dos conteúdos básicos da fé. Desse aprofundamento fazem parte a iniciação à leitura da Palavra de Deus, o conhecimento de Jesus Cristo e da Igreja”,¹²⁸ Para isso, são importantíssimos os encontros de oração e de espiritualidade, os seminários vocacionais, as semanas jovens, as jornadas diocesanas e paroquiais da juventude.
288. Muitos jovens ligados à Igreja dispõem generosamente de seu tempo livre para desenvolver as atividades de seu grupo. Por isso, é muito importante um **acompanhamento pedagógico e teológico adaptado à vivência grupal**. Os jovens são bastante sensíveis às manifestações artísticas e culturais da sociedade. Nos últimos tempos, na Igreja, têm surgido numerosos artistas e várias bandas musicais. Essas iniciativas, fruto da abertura natural do jovem ao dom da transcendência, devem ser apoiadas e cultivadas com responsabilidade e com ética cristã.

A responsabilidade social

289. No contexto atual, existe um apelo constante para os direitos fundamentais dos cidadãos pela consciência histórica da emancipação da pessoa humana. A crise das autoridades e das fontes de poder gera inúmeras questões na formação da dimensão política natural dos jovens. As desilusões, devido à corrupção das instâncias públicas, podem afastar os jovens e torná-los apáticos aos problemas sociais. “*Não se pode pregar um amor abstrato que encobre os mecanismos econômicos, sociais e políticos geradores da marginalização de grandes setores de nossa*

128 CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 100.

*população. Aqui há a necessidade de formar o jovem para o exercício da cidadania. Há necessidade de conectar a fé coma vida, a fé com a política”.*¹²⁹

290. Pela fé, os jovens católicos devem ser animados a abraçar a **dimensão do serviço, no cuidado com os mais pobres e na atuação em movimentos e organizações sociais, visando à construção de uma sociedade justa e solidária.**

3.2.2. Pistas de ação

- a. *Despertar os jovens para o profundo **sentido da consciência humana**, que apela sempre para o que há de mais digno, justo e belo;*
- b. *proporcionar aos jovens oportunidades de diálogo com os pais, com os professores, com os sacerdotes, com os consagrados, com os seminaristas, com os catequistas, a respeito de seus projetos, de sua vocação, de seus desafios, de seus medos e de seus sonhos;*
- c. *auxiliar os jovens a **se compreender nessa mudança** de época e a tomar consciência da realidade da cultura midiática em que se encontram, percebendo valores, desafios e perigos;*
- d. *favorecer condições para que os jovens se abram à preciosidade da espiritualidade e da mensagem cristã, ao **encontro profundo e sincero com Jesus Cristo**;*
- e. *orientar os jovens para que adiram às **organizações, instituições, diretórios** acadêmicos em vista de seus direitos, da dignidade da vida humana e dos valores éticos fundamentais; incentivá-los para que se engajem na luta contra a violência infantil, contra o trabalho escravo, contra o tráfico humano e contra o narcotráfico;*
- f. *proporcionar condições para que os jovens formem, nas Dioceses, nas paróquias, nas escolas e nas universidades, **grupos de voluntariado** e, por meio das novas mídias, criem uma rede de trabalho solidário na área da saúde, da educação e da promoção humana;*

129 CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 101.

- g. apoiar os jovens na organização de **oficinas** sobre temas ligados à promoção da vida, à espiritualidade, à vida missionária, ao compromisso político e ambiental;
- h. incentivar os jovens a produzir, em linguagem midiática, mensagens para serem veiculadas no formato de clipping eletrônico, vídeos para o Youtube e para outras redes sociais.

3.3. Em âmbito eclesial

3.3.1. Linhas de ação

A força do encontro pessoal com Cristo

291. Para que os projetos pastorais e sociais se revistam de mística e sejam perpassados de um sentido transformador, baseado no Evangelho, deve-se ter em mente a dimensão do encontro pessoal com Cristo como princípio da ação apostólica. *“Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande idéia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, dessa forma, o rumo decisivo”*.¹³⁰
292. O documento *Evangelização da Juventude* já chamava a atenção para a força disso, afirmando que o encontro pessoal com Jesus Cristo não é algo abstrato; é necessário caminhar com os jovens e fazer com eles a experiência de Jesus. Temos de mostrar-lhes que experimentamos Jesus, vivo e atuante, nas Sagradas Escrituras, na Liturgia, sobretudo na Eucaristia, na comunidade reunida em seu Nome, nos irmãos e nas irmãs mais pobres.¹³¹ *“Se Cristo lhes for apresentado com seu verdadeiro rosto, os jovens reconhecem-no como resposta convincente e conseguem acolher a sua mensagem, mesmo se exigente e marcada pela cruz”*.¹³²

130 PAPA BENTO XVI, *Carta Encíclica Deus Caritas Est - O Amor Cristão*, n. 1.

131 Cf. CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 34.

132 PAPA JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte*, n. 9.

293. Quem se encontra com Jesus e deseja segui-Lo, deve abraçar com empenho o seu projeto. O encontro com Cristo implica, necessariamente, amor, gratuidade, alteridade, unidade, eclesialidade, fidelidade, perdão e reconciliação.¹³³ Daí a importância da iniciação à vida cristã, a qual não acontece plenamente se não se tem contato com a Escritura, com os espaços eclesiais de comunhão e de oração.
294. *As Diretrizes da Ação Evangelizadora* conclamam a suscitar, em cada batizado e em cada forma de organização eclesial, uma forte consciência missionária, de testemunho autêntico, sem a qual os discípulos-missionários não contribuirão efetivamente para que o ser humano, e em especial o jovem, possa abrir-se à plenitude de vida trazida por Cristo.¹³⁴

Uma catequese sólida

295. **A Igreja deve trabalhar incessantemente por uma catequese que lance as bases da fé;** que introduza o jovem no mistério de Cristo;¹³⁵ que o faça compreender o **significado das liturgias;** que o esclareça sobre os sacramentos e sobre o sinal do amor de Deus em sua vida por esses sinais externos; que lhe conte sua versão da própria história; que seja aberta e sincera aos mais novos problemas que se colocam à juventude. Apesar do número significativo de adolescentes que recorrem à catequese de Crisma e são crismados, preocupa-nos a ausência geral de uma proposta orgânica, formativa e atraente que os motive à permanência na comunidade após o recebimento do referido sacramento.
296. Se a Igreja for mãe educadora, presente na vida do jovem, reconhecendo seu direito de viver uma relação íntima com Deus, encaminhando-o a esse encontro com Cristo e lhe oferecendo participação, poderá ser também a mãe que lhe exige atitude.

133 CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja 2011-105*, n. 16.

134 Cf. CNBB, *Idem*, n. 31.

135 CNBB, *Diretório Nacional de Catequese*, n. 105.

Se bem formado espiritualmente, o jovem terá vontade e coragem para lutar, não apenas por seus direitos, mas também pelos de todos.

297. É fundamental a estruturação de uma catequese que eduque para a criticidade. Diante da atual crise de valores e de tantos elementos culturais novos e repentinos, é essencial que os catequistas preparem os jovens para que possam ler sua realidade a partir do conjunto de valores próprios do Cristianismo.
298. Nesse sentido, os catequistas devem ser pessoas idôneas, homens e mulheres de fé, que tiveram um encontro pessoal com Cristo, que vivem uma íntima unidade com Ele e com sua Palavra. A sua formação considera os problemas sociais e os avanços tecnológicos e científicos, os quais instigam os jovens e adolescentes ao conhecimento. Os catequistas são desafiados pelos jovens que, cada vez mais, têm maior acesso aos meios virtuais e, por isso, levam para os momentos catequéticos inúmeras dúvidas e questões polêmicas ao próprio conteúdo de fé.

A conscientização da responsabilidade social e eclesial

299. Devemos favorecer a construção de um senso de responsabilidade social entre os jovens. Para isso, é preciso trazer um novo significado sobre aspectos que são marginalizados pelos jovens ou pelos formadores: a política em suas amplas dimensões, a dimensão institucional da Igreja, a Doutrina Social da Igreja, o envolvimento nas instâncias que determinam as políticas públicas com relação à juventude. São temas já amplamente discutidos em documentos anteriores, mas que caíram no descrédito da juventude. Por isso, é imprescindível um novo método de apresentação para sensibilizar, gerar interesse e engajamento.
300. Outro ponto necessário é fortalecer o caráter associativo e/ou comunitário das iniciativas juvenis de expressão da fé. Para que novos espaços de solidariedade sejam abertos, é fundamental que as próprias paróquias e dioceses apoiem os movimentos eclesiais, as novas comunidades, as pastorais da juventude, os

grupos religiosos, favorecendo a efetivação dos projetos pastorais para os jovens. Para mediar as discussões, são necessários bons assessores adultos e bons líderes jovens. Naturalmente, são formados a partir do esforço e do incentivo afetivo, motivacional e econômico, para que possam participar de cursos de formação e entrar em contato com literatura especializada.

O jovem como sujeito de direito

301. As dioceses deverão empenhar-se na reflexão sobre as linhas de ação da Igreja para que o jovem seja reconhecido como sujeito de direito eclesial e social. Para isso, é necessário lançar um olhar sobre o próprio Jesus.
302. O Evangelho nos fala de um amadurecimento que, nos termos “estatura”, “sabedoria” e “graça” (cf. Lc 2,52), quis abranger todas as dimensões possíveis da natureza humana. Não se trata de um crescimento quantitativo, que apenas contemple todas as facetas dos jovens; trata-se de uma questão qualitativa. Para Deus, a qualidade não se traduz senão na plenitude.
303. Portanto, para que a Igreja cumpra seu papel de mãe na fé, precisa seguir o exemplo de Maria, que deve ter ensinado tudo quanto sabia; quanto ao que desconhecia, Ela fazia silêncio meditativo. Como Maria junto a Jesus, a Igreja diante do jovem é: exigente, reveladora, educadora, compreensiva e, acima de tudo, promotora do profundo diálogo com Deus. Em suma, a Igreja deve ser a grande catequista da juventude.

A Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude

304. A Igreja do Brasil sempre se preocupou com a evangelização dos jovens. Recentemente, em 2011, foi criada a Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude, com a incumbência de organizar e animar a ação evangelizadora da Igreja, favorecendo projetos e mecanismos (estruturas, formação, instrumentos) para o amadurecimento integral dos jovens na sua vocação de discípulos missionários de Jesus Cristo. Ela é a responsável primeira pela

pastoral juvenil no país. Acompanha tanto a organização das pastorais da juventude quanto a integração das diversas expressões juvenis eclesiais (novas comunidades, pastorais da juventude, movimentos eclesiais, congregações religiosas), principalmente por meio da equipe de Coordenação da Pastoral Juvenil Nacional. Além disso, busca a integração com as demais pastorais e serviços eclesiais afins.

305. A Comissão assume a missão de acompanhar o processo de educação da juventude na fé e a formação de suas dimensões antropológicas, por meio das várias forças de evangelização. Garante, nas suas diversas instâncias, o olhar preferencial pelos jovens, como nos pedem os documentos. Motiva e orienta para a correta compreensão e adequada organização do Setor Juventude, como espaço diocesano de comunhão juvenil. Contribui para a capacitação dos responsáveis pela evangelização no país e com a elaboração de subsídios juvenis.

As Pastorais da Juventude

306. No final da década de setenta, começam a ser organizadas as **pastorais da juventude** (Pastoral da Juventude Rural, Pastoral da Juventude, Pastoral da Juventude do Meio Popular, Pastoral da Juventude Estudantil). Apesar da identidade comum e de algumas opções fundamentais, as quatro pastorais da juventude têm suas particularidades, possuem diferenciação em seus objetivos de missão, no campo de trabalho, na estrutura organizativa, no acompanhamento e nos critérios de escolha de seus líderes.¹³⁶ Estão histórica e intrinsecamente inseridas na dinâmica eclesial, contribuem para a missão e assumem aquilo que a Igreja do Brasil acredita, defende e promove com relação à evangelização da juventude e à construção do Reino. Acolhem as Diretrizes Gerais da Igreja (nacional, regional, diocesana) e as orientações do órgão responsável pela evangelização dos jovens nas instâncias

136 Cf. CNBB, *Estudos* 76, p. 165.

em que se encontram. As pastorais da juventude, com milhares de grupos espalhados em todas as Dioceses do país, estão estruturadas nos diversos níveis de Igreja: paróquia, diocese, regional, nacional e, em nível nacional, estão sob a responsabilidade da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude. Oferecem proposta de formação integral, orientam e ajudam os jovens em seu processo de educação na fé, em vista do amadurecimento como discípulos missionários nos âmbitos pessoal, eclesial e social; priorizam a pedagogia e a capacitação de grupos juvenis.

A ação evangelizadora da Igreja no meio universitário

307. Nesse processo de busca de diálogo com os jovens e de preocupação da Igreja em acompanhá-los nas diferentes etapas de crescimento humano e espiritual, foi criado, em 2007, o Setor Universidades, dentro da Comissão Episcopal Pastoral para a Educação e a Cultura, que dedica parte de sua ação pastoral ao cuidado da juventude em sua formação integral, escolar, acadêmica e profissional. *“Tarefa de grande importância é a formação de pensadores e pessoas que estejam nos níveis de decisão, evangelizando, com especial atenção e empenho, os “novos areópagos”. Um dos primeiros areópagos é o mundo universitário”*.¹³⁷
308. Cientes dos novos desafios que a Universidade oferece aos jovens, como o saudável confronto intelectual com a busca de sentido e de convicção mais forte na fé, a CNBB reafirmou ainda a necessidade de uma consistente presença pastoral no meio universitário.
309. Nesse espírito, o Setor Universidades é um espaço de diálogo e de articulação das diversas iniciativas de evangelização que existem no meio universitário: movimentos eclesiais, pastorais das Universidades Católicas, pastorais diocesanas, paróquias e capelarias universitárias, que caminham juntas no empenho de anunciar a Boa-Nova nesse meio, fortalecendo, assim, o protagonismo dos jovens universitários.

137 CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja 2011 - 2015*, n. 117.

310. Toda ação evangelizadora na Universidade se empenha e aposta no desenvolvimento humano e social dos alunos, dos professores, dos funcionários e da comunidade, contribuindo para a formação ética e solidária de profissionais competentes, humana e cientificamente. “*Quanto mais nos empenharmos em conscientizar e capacitar nossos leigos a partir de sua própria profissão, no empenho do diálogo fé e razão, estaremos animando sua vocação no mundo e, conseqüentemente, auxiliando na melhoria da sociedade*”.¹³⁸
311. Toda atividade pastoral atua em comunhão efetiva com os demais projetos da própria universidade (ensino, pesquisa e extensão), articulando pessoas, instituição e sociedade, visando à construção de um mundo mais justo e mais humano.

Os movimentos eclesiais e as novas comunidades

312. O Documento de Aparecida, em comunhão com a Igreja Universal, reconheceu os novos movimentos e comunidades como um dom do Espírito Santo para a Igreja.¹³⁹ Eles são verdadeiros espaços de formação cristã, pois os fiéis, exercendo o direito natural e batismal de livre associação, encontram a possibilidade de se formar cristãmente, de crescer e de comprometer-se apostolicamente até ser verdadeiros discípulos missionários. Muitos jovens têm acesso à mensagem do Evangelho por meio desses movimentos e dessas novas comunidades. Eles despertam no coração dos jovens um renovado ardor e amor à Palavra de Deus, à Igreja, à Eucaristia e a Nossa Senhora.
313. Os pastores devem cuidar para que esses movimentos e essas novas comunidades encontrem seu espaço na comunidade paroquial e diocesana e aí se desenvolvam, em espírito de comunhão e de participação. Que eles sejam incentivados a “*renovar constantemente seu carisma original, que não deixa de enriquecer a diversidade com que o Espírito se manifesta e atua no povo cristão*”.¹⁴⁰

138 Cf. CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja 2011 - 2015*, n. 117.

139 Cf. CELAM, *Documento de Aparecida*, nn. 311; 312 e 313.

140 CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 311.

As comunidades rurais, indígenas e quilombolas

314. Atualmente, as experiências pastorais com os jovens são mais voltadas para a realidade urbana. No entanto, a diversidade cultural e social reclama de nossa prática pedagógico-pastoral maior atenção às realidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas e rurais. É preciso integrar a realidade desses jovens, com suas particularidades, às nossas reflexões e ações. A identidade das culturas dessas populações tradicionais nos enriquecerá por meio de um intercâmbio missionário.

O ecumenismo e o diálogo inter-religioso

315. **O Diretório Nacional de Catequese fala de “culturas pós-cristãs”, tendo em vista o pluralismo religioso, que pôs fim à hegemonia do modelo da cristandade.**¹⁴¹ Hoje, a Igreja vive novos caminhos! A partir do Concílio Vaticano II, proclamou-se o direito à liberdade religiosa¹⁴² e, a partir dele, instaurou-se um caminho que vai do diálogo da caridade ao diálogo da comunhão.
316. O pluralismo religioso suscita desafios à ação evangelizadora, impondo a necessidade de uma maior abertura e compreensão do fenômeno religioso. Portanto, o diálogo num contexto de pluralismo religioso significa constituir relações inter-religiosas positivas e construtivas, com pessoas e com comunidades de outros credos, para um conhecimento mútuo e um recíproco enriquecimento na obediência à verdade e no respeito à liberdade. Devido ao fato de o diálogo incluir também o testemunho e a descoberta das respectivas convicções religiosas, ele é, também, um dos elementos integrantes da missão evangelizadora da Igreja.¹⁴³
317. Diante disso, nas escolas católicas e cristãs – respeitando evidentemente seu caráter confessional –, nas ações pastorais, nos

141 Cf. CNBB, *Diretório Nacional de Catequese*, n. 91.

142 CONCÍLIO VATICANO II, *Decreto Nostra Aetate*, n. 2.

143 Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO, *Diálogo e Anúncio*, n. 9.

grupos de jovens, devemos suscitar o envolvimento em ações ampliadas que estabeleçam uma comunicação maior, baseada no respeito e na fraternidade universal, com as diversas comunidades religiosas e com os setores da sociedade que estão bem distantes do universo da fé cristã.

3.3.2. Pistas de ação

- a. *Cuidar para que sejam propiciados aos jovens espaços e momentos para o seu **encontro pessoal com Cristo**. Favorecer os encontros de oração, os congressos, os cenáculos, seminários vocacionais, semanas jovens, jornadas diocesana e paroquial da juventude;*
- b. *auxiliar os jovens para que encontrem na **Igreja a acolhida maternal**, amando-a e reconhecendo-a como educadora na fé e mestra de humanidades;*
- c. *organizar com carinho e com profundidade a **catequese de iniciação cristã**. A elaboração de um projeto catequético sólido, o uso de uma linguagem acessível e a revisão dos métodos são cuidados fundamentais que uma realidade eclesial não pode negligenciar. A difusão do catecismo jovem (Youcat) tem sido algo válido em muitas dioceses e possibilita ao jovem o conhecimento dos conteúdos fundamentais da fé cristã. A catequese de adultos, a catequese familiar e o catecumenato pós-batismal têm sido ricos celeiros de formação de cristãos autênticos e compromissados;*
- d. *aproveitar ocasiões para o **estudo do Catecismo** da Igreja Católica e para explanações acerca dos artigos do Símbolo da Fé, no contexto do Ano da Fé, convocado pelo Santo Padre Bento XVI;*
- e. *promover, nas universidades, **debates sobre a relação entre razão e fé, ciência e fé**, sobre temas atuais relevantes, apresentados a partir da perspectiva da fé cristã: “laboratórios de razão e fé” sob a liderança de um coordenador competente, que discuta as questões da interface da razão e da fé; grupos de reflexão voltados ao aprofundamento da espiritualidade cristã em diálogo com o mundo contemporâneo;*

- f. *utilizar nas dioceses e paróquias, segundo suas condições, os novos **recursos midiáticos de comunicação**, não só para o anúncio do Evangelho e divulgação dos eventos pastorais, mas também para uma catequese mais viva e atraente e para uma formação universitária mais abrangente. Hoje se percebe uma necessidade de readaptação dos centros catequéticos, cujos recursos pedagógicos são tantas vezes escassos ou obsoletos. A novidade do Evangelho pode ser ainda mais atraente quando utilizamos meios modernos de apresentação virtual e dinâmica. É importante a publicação de veículos de comunicação (jornais/revistas universitárias) impressos e/ou digitais, dedicados à divulgação do pensamento cristão em diálogo com o mundo contemporâneo;*
- g. ***valorizar e acolher** os jovens, que devem ser vistos não só como o futuro da Igreja e da Humanidade, mas como o presente. Plenos de riqueza e de potencialidade, eles são fonte de testemunho de um verdadeiro amor a Cristo e à Igreja;*
- h. *reconhecer os **jovens como sujeitos de direito**, cuja voz deve ser ouvida, acolhida e respeitada. A criatividade dos jovens é fundamental e fecunda para os projetos, para os planos e para as ações pastorais. Suas opiniões e ideias devem ser acolhidas, discernidas e levadas a sério pelos pastores, pelos consagrados, pelos catequistas, pelos líderes eclesiais;*
- i. *oferecer aos jovens **canais de participação e envolvimento nas decisões** nas instâncias eclesiais, como Conselhos, Reuniões, Assembleias, Equipes, Coordenações;*
- j. *articular e potencializar em cada comunidade eclesial, a partir da criatividade e das sugestões dos jovens, **grupos juvenis**, pastorais da juventude, movimentos, encontros, espaços informais e culturais etc. Em espírito missionário, um grupo juvenil poderia comprometer-se a gerar outro grupo nas comunidades carentes de espaços juvenis;*
- k. *valorizar a diversidade e a contribuição específica das várias expressões juvenis locais na organização do **Setor Diocesano da Juventude**;*

- l. *estabelecer o diálogo e a aproximação entre as diferentes iniciativas lideradas pela juventude nas universidades (faculdades ou centros acadêmicos), com a diocese, o regional e o setor universidades;*
- m. *formar e reconhecer as pequenas comunidades em que a Palavra é vivenciada, a oração tem espaço privilegiado e a formação da vida cristã é desenvolvida com autenticidade evangélica e em comunhão com a hierarquia;*
- n. *preparar os jovens para o diálogo inter-religioso, para que desenvolvam o sentido da fraternidade universal dos seres humanos diante de Deus, do respeito às diferenças e principalmente na resolução de conflitos familiares por disparidade de culto, sabendo respeitar as diversidades das experiências religiosas de nosso povo. Aprendam a valorizar a história e costumes que formam a identidade cultural de nosso país e de nossa própria pessoa;*
- o. *educar os jovens para o diálogo entre fé e razão, no respeito fundamental à ciência e à cultura, para que estejam preparados para dar as razões da própria fé e da esperança cristã (cf. 1Pd 3,15).*

3.4. Em âmbito social

3.4.1. Linhas de ação

A família como primeira educadora

318. **A família é a instituição primária da sociedade. É verdade que nos últimos anos essa instituição tem passado por diversas crises e por transformações impostas pela mudança cultural das sociedades. No entanto, a Igreja, ouvidora fiel do Espírito de Deus, continua a afirmar que a estabilidade e a perpetuação da sociedade humana acontecem, exclusivamente, pelo matrimônio¹⁴⁴ entre o homem e a mulher. Configurados à imagem e**

144 Cf. PAPA JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*, n. 3.

semelhança de Deus, eles são co-criadores e exercem uma grande responsabilidade na continuação da criação.

319. Os pais devem ser os primeiros catequistas e os educadores dos filhos, transmitindo-lhes a fé com palavras e exemplo de vida. Se o catequizando não trazer de seu berço a semente viva da fé cultivada pelos pais, a catequese paroquial não será suficiente. A formação das famílias cristãs, a pastoral familiar, a preparação para o matrimônio, as semanas da família são realidades indispensáveis para que essa instituição se fortaleça, segundo o modelo de comunhão e de participação da Trindade Divina.
320. A família é, também, a primeira educadora na ordem social.¹⁴⁵ A transmissão da responsabilidade social, dos valores éticos e morais é dever insubstituível dos pais. Eles têm o dever de cooperar com o Estado para a construção de uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária.

O papel do Estado e da sociedade na formação juvenil

321. **Independentemente da raça, da condição e da idade, os homens e as mulheres, em virtude da dignidade de sua pessoa, têm direito inalienável à educação. A autêntica educação visa ao aprimoramento da pessoa humana em relação a seu fim último e ao bem das sociedades de que o homem e a mulher são membros e de cujas tarefas, uma vez adultos, terão que participar.**¹⁴⁶
322. De acordo com os progressos da Psicologia, da Pedagogia e da Didática, deve-se dar assistência às crianças e aos jovens para que desenvolvam harmoniosamente seus dotes físicos, morais e intelectuais, adquiram gradativamente um senso mais perfeito de responsabilidade, que há de ser retamente desenvolvido na própria existência por contínuo esforço e verdadeira liberdade, superados os obstáculos com generosidade e constância.

145 Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Declaração Gravissimum Educationis*, n. 3.

146 Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Idem*, n. 1.

De acordo com a idade, as crianças devem ser orientadas por uma educação sexual positiva e prudente.¹⁴⁷

323. O Estado tem o dever de favorecer o acesso dos jovens a uma educação sólida e ética e proporcionar capacitação e justos salários aos mestres e educadores do ensino público. Todo cidadão tem o dever de colaborar com os estabelecimentos de ensino, para a eficácia da educação pública. Por isso, sejam valorizadas as associações de pais e mestres, os amigos da escola, os grupos de apoio e sustento das atividades estudantis, os diretórios acadêmicos.

A escola e a universidade como locais de formação solidária

324. A escola e a universidade são fundamentalmente o lugar de conhecimento e de projeção de um mundo solidário. Portanto, todos são intimados a respeitar e a valorizar os órgãos de ensino, promovendo a mútua colaboração.
325. Proporcionar condições para a melhora das taxas de conclusão no primeiro ciclo é fundamental para que a transição entre a educação primária e a secundária avance em nossa sociedade. No Brasil, cerca de 14,8% dos jovens ainda permanecem fora da escola. Agrava o problema educacional a desproporção idade/série nesta faixa etária, menos da metade dos alunos entre 14 a 17, estão no ensino médio.¹⁴⁸
326. Com relação às universidades, há também em nosso país o problema da histórica desigualdade do acesso, pois o ensino superior, com raras exceções, era destinado aos jovens das classes mais abastadas, o que está sendo amenizado por meio de programas governamentais e pela instituição de cotas. Pesa uma hipoteca social em relação a esse nível de ensino em nossa sociedade.

147 Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Declaração Gravissimum Educationis*, n. 1.

148 Jorge Abraão de Castro, Luseni Maria C. de Aquino e Carla Coelho e Andrade. *Juventude e políticas públicas no Brasil*, pp. 29-34.

327. Nesse momento crucial de nossa história, é preciso considerar a educação sob o prisma ético e não somente o técnico. A escola e a universidade não podem se privar de sua missão de formar as pessoas de modo integral, proporcionando-lhes uma percepção do processo histórico para atuarem nele de modo solidário. Nesse sentido, essas instituições de ensino ofereçam uma formação humanística, tendo, como ideal, criar modelos satisfatórios e equilibrados de economia, de sociedade e de convivência.
328. *“Por isso, é bela e de grande influência a vocação de todos aqueles, que para ajudarem os pais no desempenho de seu ofício e para fazerem as vezes da comunidade humana, se incumbem da tarefa de educar nas escolas. Vocação que exige dotes peculiares de espírito e de coração, preparação muito esmerada, prontidão contínua de renovar-se e adaptar-se”.*¹⁴⁹
329. Criar espaços para uma solidariedade transformadora, eis o grande desafio para o Estado, a escola, as universidades, até para a própria Igreja. As sociedades e as organizações contemporâneas geram, além de enormes desigualdades, a exclusão, a injustiça, e sofrimento. Essa situação desafia as instituições educadoras a serem espaços solidários, e educar a partir de valores consistentes.

As redes sociais e a responsabilidade ética

330. Os ideais de justiça e de solidariedade não estão somente no campo do desejo ou da esperança. Alguns se tornaram realidade, como a proposta de uma vivência solidária em sala de aula, durante um semestre de 2011, entre estudantes dos cursos de Direito, Administração, Ciências Contábeis, Serviço Social da PUC Minas, em Contagem. Para alcançar o apoio a certos grupos, alguns recorreram às redes sociais ou criaram blogs e as respostas de apoio foram quase que imediatas. Muitas dessas ações se tornaram permanentes, conforme o depoimento de um dos estudantes envolvidos nas ações solidárias:

149 CONCÍLIO VATICANO II, *Declaração Gravissimum Educationis*, n. 5.

*“Ao surgir uma proposta de vivência solidária como está oferecida no projeto acadêmico, nos descobrimos gente que gosta de gente. Um sorriso doce de uma criança num seu olhar fascinante, embora já tenha acumulado experiências amargas. As palavras cheias de confiança em um futuro que certamente será nosso e não dele, proferida por um idoso que ficou feliz por saber que fomos procurá-lo por ter notícia da sua existência. A humildade intrínseca ao ser e que aflora daquela pessoa portadora de hanseníase, doença pela qual todos os seus foram mutilados; ele física e moralmente: os seus familiares, mutilados social e permanentemente na alma, e, mesmo assim, confiantes em um futuro pelo qual lutam. A pluralidade de crenças e de conceitos de vida, as diferentes formas de sofrer e de ter fé, a multiplicidade de razões possíveis para fatos comuns e rotineiros. As particularidades das visões de mundo que filosoficamente estruturam, cada vida em particular. É nesta descoberta do plural que nos descobrimos iguais. Parece uma grande contradição, mas é a mais pura e límpida verdade. E, por sermos iguais, ficamos felizes ao perceber que o nosso ouvir, tocar, discutir, conversar, sorrir, abraçar fazem a diferença para o outro que, assim, se sente também feliz!”*¹⁵⁰

331. Desse modo, as novas tecnologias são espaços preciosos para o fomento de vivências solidárias. Atualmente, a internet é o meio de comunicação em massa mais rápido; uma simples frase pode ser lida por milhões de internautas no mundo todo e em pouco tempo.
332. Nenhum ser humano pode viver sozinho, fora de qualquer comunidade. Pertencer a grupos sociais, da família à sociedade planetária, é um princípio não apenas de nossa sobrevivência material, mas também de nossa identidade, de nosso desenvolvimento intelectual, de nosso equilíbrio afetivo.
333. Formar para a solidariedade implica, também, formar indivíduos críticos, que querem e podem tornar-se atores, defender seus interesses, explicar e combater os mecanismos que engendram

150 Linconl, estudante do terceiro período de Direito.

a violência, a miséria, a exclusão. Isso exige não só conhecimentos econômicos, jurídicos, tecnológicos, científicos, sociológicos, mas também competências de análise, de negociação, de coordenação, táticas e estratégicas e, sobretudo, formar para a compreensão do outro a partir da fé como imagem e semelhança de Deus:

“O princípio da solidariedade comporta que os homens do nosso tempo cultivem uma maior consciência do débito que têm para com a sociedade na qual estão inseridos: são devedores daquelas condições que tornam possível a existência humana, bem como do patrimônio, indivisível e indispensável, constituído da cultura, do conhecimento científico e tecnológico, dos bens materiais e imateriais, de tudo aquilo que a história da humanidade produziu. Tal débito há de ser honrado nas várias manifestações do agir social, de modo que o caminho dos homens não se interrompa, mas continue aberto às gerações presentes e às futuras, chamadas juntas, umas e outras, a compartilhar na solidariedade do mesmo dom”.¹⁵¹

Juventude e efetivação dos direitos

334. Na cultura atual, a noção de “direito” representa a perspectiva da promoção da igualdade efetiva. A função dos direitos é proporcionar garantias das condições para que grupos sociais, como a juventude, possam existir e se desenvolver segundo suas potencialidades e necessidades, sem discriminações e exclusões.
335. Em relação à juventude, é essencial buscar a igualdade de condições com a valorização da diferença para a manutenção dos direitos de forma plena e libertadora. O desafio é levar a sociedade a perceber os jovens como sujeitos de direitos e protagonistas na promoção e recepção das políticas públicas.

151 PONTIFÍCIO CONSELHO DE JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 2004, n. 195.

3.4.2. Pistas de ação

- a. Valorizar as **famílias como células** da sociedade, em que o jovem tem as condições necessárias para seu desenvolvimento humano e espiritual;
- b. suscitar oportunidades de **formação humano-afetiva** aos jovens, na escola, nas paróquias, nas universidades, nas organizações públicas e não governamentais;
- c. incentivar as **artes**: música, teatro, poesia, cinema, esportes, dança. A imagem exerce um verdadeiro fascínio no povo brasileiro;
- d. incentivar a criação do **site da escola, dos estudantes**, de uma sala de aula, de grupos de estudo e de pesquisa, de blogs de conhecimento e de difusão de mensagens; realizar **oficinas de treinamento de como utilizar** imagens, vídeos, som, entrevistas;
- e. provocar os jovens para que, enquanto alunos nas instituições superiores de ensino, utilizem o conhecimento adquirido para o processo de constante compreensão e **análise da conjuntura atual de mundo**. Conscientizá-los de que são convocados a buscar uma perspectiva solidária a partir de seu conjunto de conhecimentos e de área de atuação, sendo responsáveis pelas decisões pessoais e pelos compromissos assumidos frente à sociedade;
- f. promover o **voluntariado** jovem e diversas oportunidades para a realização de projetos missionários, principalmente com aqueles que estão se preparando para o Sacramento da Crisma e com os universitários;
- g. organizar **encontros com os jovens profissionais**, capacitando-os para a missionariedade na área específica de seu trabalho;
- h. utilizar as **redes** para fomentar, divulgar e **infundir o bem comum**, com fóruns, debates e discussões via Web;
- i. reconhecer e favorecer o **protagonismo juvenil na cultura midiática**, incrementando nas comunidades eclesiais e na sociedade uma política de comunicação que inclua pessoas que utilizem as novas tecnologias para a promoção da rede de conscientização política e social. Os jovens devem organizar encontros de **formação**

para educar seus companheiros e outras pessoas ao uso sadio e educativo das novas mídias;

- j. dar condições para que os jovens promovam em seus grupos **oficinas sobre como utilizar as novas tecnologias** na sala de aula, na igreja, na comunidade, tratando de questões como regras para usar corretamente e com segurança as ferramentas virtuais, discutir questões éticas referentes à internet, à inclusão digital, questões políticas, ambientais;*
- k. provocar o debate e consolidação de mecanismos institucionais que consolidem a **efetivação dos direitos dos jovens** em suas distintas realidades; reafirmá-los como estratégia de desenvolvimento no país;*
- l. reivindicar que os poderes públicos assegurem **mecanismos para o protagonismo** dos jovens, desde o levantamento das demandas, elaboração e efetivação das políticas públicas, até a fiscalização e avaliação;*
- m. fomentar a participação dos **jovens nos Conselhos** de direitos e demais espaços de controle das políticas públicas de juventude em níveis locais, regionais e nacional;*
- n. desenvolver mecanismos de **denúncia de violação** dos direitos da juventude; do abuso infantil, do trabalho escravo, do tráfico de drogas;*
- o. construir estratégias para a reflexão, divulgação e monitoramento da **Campanha Nacional contra a violência e o extermínio de jovens**;¹⁵²*
- p. participar de **manifestações em prol da vida** e apoiar iniciativas que, consonantes às orientações da Igreja, defendam a vida;*
- q. valorizar as **identidades culturais** dos diversos povos que formam o povo brasileiro para que nossos jovens respeitem e reconheçam a importância das diversidades culturais;*
- r. pautar temas relacionados às **comunidades tradicionais** e estabelecer parcerias na defesa de seus direitos; realizar trabalhos, pesquisas, excursões, missões e atividades nessas comunidades.*

152 Cf. www.juventudeemmarcha.org.

Quarta Parte

Gesto concreto

A Campanha da Fraternidade se expressa concretamente pela oferta de doações em dinheiro na *coleta da solidariedade*, realizada no Domingo de Ramos. É um gesto concreto de fraternidade, partilha e solidariedade, feito em âmbito nacional, em todas as comunidades cristãs, paróquias e dioceses. A Coleta da Solidariedade é parte integrante da Campanha da Fraternidade.

DIA NACIONAL DA COLETA DA SOLIDARIEDADE

Domingo de Ramos, 24 de março de 2013

As equipes de campanha e de liturgia das comunidades eclesiais são convidadas a organizar o gesto concreto de solidariedade durante o tempo forte da Campanha, que vai do início da Quaresma, na quarta-feira de cinzas, 13 de fevereiro, até o Domingo de Ramos, que antecede à Páscoa.

Bispos, padres, religiosos(as), lideranças leigas, agentes de pastoral, colégios católicos e movimentos eclesiais são os principais motivadores e animadores da Campanha da Fraternidade. A Igreja espera que com esta motivação todos participem, oferecendo sua solidariedade em favor das pessoas, grupos e comunidades, pois: “Ao longo de uma história de solidariedade e compromisso com as incontáveis vítimas das inúmeras formas de destruição da vida, a Igreja se reconhece servidora do Deus da vida” (DGAE, n. 66). O gesto fraterno da oferta tem um caráter de conversão quaresmal, condição para que advenha um novo tempo marcado pelo amor e pela valorização da vida.

O resultado integral das coletas realizadas nas celebrações do Domingo de Ramos, coleta da solidariedade, com ou sem envelope, deve ser encaminhado à respectiva diocese; esta, por sua vez, encaminha 40% do total da coleta para o Fundo Nacional de Solidariedade (FNS), na conta indicada no quadro abaixo.

**PARA DEPÓSITO DOS 40% - (Fundo Nacional de Solidariedade da CNBB)
Caixa Econômica Federal,
Agência 2220 - Conta Corrente 000.009-0 – CNBB, Brasília, DF
Enviar comprovante do depósito para a CNBB no FAX (61)
2103-8303.**

Doações para o Fundo Nacional de Solidariedade da CNBB podem ser feitas para a conta indicada no quadro acima também ao longo de todo o ano, para aplicar em projetos sociais apontados pelo Texto Base da CF.

Do total arrecadado pela coleta, 40% constituem o Fundo Nacional de Solidariedade (FNS) da CNBB, e os outros 60% ficam nas dioceses, formando o Fundo Diocesano de Solidariedade (FDS), para o atendimento a projetos locais.

Os recursos arrecadados serão destinados preferencialmente a projetos que atendem aos objetivos propostos pela CF 2013, com o foco voltado para ações que se revertam em benefícios aos jovens das nossas comunidades.

A CNBB recebe os projetos encaminhados ao Fundo Nacional de Solidariedade (FNS). A análise da viabilidade de cada projeto é efetuada em parceria com a Cáritas Brasileira, que também acompanha o desenvolvimento desses projetos. A supervisão do Fundo, a destinação dos recursos e a aprovação dos projetos está a cargo do Conselho Gestor do FNS com integrantes nomeados pela CNBB.

As Organizações que desejam obter apoio do Fundo Nacional de Solidariedade, de acordo com os critérios de destinação previstos para a CF-2013, deverão encaminhar os projetos ao:

**Fundo Nacional de Solidariedade – CNBB
SE/S – Q 801 – Conj. “B”
CEP. 70200-014 – Brasília – DF
Fones: (61) 2103-8300; (61) 2103-8302 ou 8303 - FAX**

Os pedidos serão submetidos ao Conselho Gestor do FNS, para análise e decisões.

O Fundo Diocesano de Solidariedade, composto por 60% da coleta do Domingo de Ramos, é administrado por um Conselho Gestor Diocesano, que pode ser constituído com a participação de uma pessoa da Cáritas Diocesana (onde ela existe), de um representante das Pastorais Sociais, da Coordenação de Pastoral Diocesana, da Equipe de animação das Campanhas, do responsável pela administração da diocese e de uma pessoa ligada ao tema da CF. O Bispo constitui este Conselho Gestor e normalmente o preside.

Prestação de contas da coleta da solidariedade da CF 2011, realizada em 17 de abril de 2011. Segue abaixo a contribuição enviada ao Fundo Nacional de Solidariedade pelas dioceses, referente a 40% da coleta.

CONTRIBUIÇÕES PARA FUNDO NACIONAL DE SOLIDARIDADE 2011		
REGIONAL NORTE I	Data	Fraternidade R\$
Distribuição por Diocese		
Alto Solimões - AM	07/06/2011	2.868,00
Borba - AM	06/06/2011	1.362,65
Coari - AM	07/07/2011	7.281,20
Itacoatiara - AM		
Manaus - AM	04/07/2011	37.000,00
Parintins - AM	06/01/2012	3.000,00
Roraima - RR	01/07/2011	11.968,34
São Gabriel da Cachoeira - AM		
Tefé - AM	03/06/2011	4.100,77
TOTAL		67.580,96

REGIONAL NORTE II	Data	Fraternidade R\$
Distribuição por Diocese		
Abaetetuba - PA	28/07/2011	5.165,28
Belém - PA	30/05/2011	23.542,49
Bragança do Pará - PA	06/07/2011	6.331,28
Cametá - PA	06/07/2011	4.120,08
Santíssima Conceição do Araguaia - PA	22/07/2011	3.862,68
Itaituba - PA	20/07/2011	2.626,78

Macapá - AP	09/08/2011	7.994,00
Marabá - PA	16/06/2011	9.774,72
Marajó - PA	01/07/2011	2.277,60
Óbidos - PA	21/11/2011	6.169,38
Ponta de Pedras - PA	06/06/2011	430,20
Santarém - PA	01/06/2011	7.810,74
Xingu - PA	30/08/2011	5.070,16
Castanhal - PA		-
TOTAL		85.175,39

REGIONAL NORDESTE I	Data	Fraternidade R\$
Distribuição por Diocese		
Crateús - CE	10/06/2011	7.308,00
Crato - CE	11/04/2012	6.438,28
Fortaleza - CE	15/06/2011	76.846,41
Iguatu - CE	08/06/2011	3.505,10
Itapipoca - CE	16/01/2012	4.877,22
Limoeiro do Norte - CE	15/06/2011	5.037,98
Quixadá - CE	10/02/2012	1.236,74
Sobral - CE	21/06, 30/06 e 30/08/2011	5.643,16
Tianguá - CE	07/06/2011	6.150,86
TOTAL		117.043,75

REGIONAL NORDESTE II	Data	Fraternidade R\$
Distribuição por Diocese		
Afogados da Ingazeira - PE	13/01/2012	5.000,00
Caicó - RN	17/06/2011	6.935,10
Cajazeiras - PB	14/07/2011	8.414,74
Campina Grande - PB	24/05/2011	7.330,32
Caruaru - PE	02/06/2011	7.897,00
Floresta - PE	08/08/2011	2.316,18
Garanhuns - PE	09/06/2011	8.604,36
Guarabira - PB	20/05/2011	5.052,82
Maceió - AL	30/06/2011	20.160,00
Mossoró - RN	19/09/2011	11.773,12
Natal - RN	26/05/2011	37.438,12
Nazaré da Mata - PE	22/06/2011	5.997,77
Olinda e Recife - PE	10/06/2011	28.488,65
Palmares - PE	25/05/2011	5.833,00

Palmeira dos Índios - AL	01/06/2011	7.780,42
Paraíba - PB	20/06/2011	17.050,00
Patos - PB	21/06/2011	7.016,72
Penedo - AL	19/09/2011	5.633,54
Pesqueira - PE		
Petrolina - PE	18/07/2011	8.041,10
Salgueiro - PE	10/04/2012	5.788,00
TOTAL		212.550,96

REGIONAL NORDESTE III	Data	Fraternidade R\$
Distribuição por Diocese		
Alagoinhas - BA	26/05/2011	6.781,00
Amargosa - BA	19/07/2011	7.803,20
Aracaju - SE	20/09/2011	16.926,00
Barra - BA	01/06/2011	3.891,42
Barreiras - BA	20/06/2011	18.027,97
Bom Jesus da Lapa - BA	22/06/2011	3.034,24
Bonfim - BA	12/07/2011	8.464,42
Caetitê - BA	10/06/2011	10.140,00
Estância - SE	24/05/2011	2.200,00
Eunápolis - BA	27/10/2011	2.813,95
Feira de Santana - BA	04/08/2011	12.575,78
Ilhéus - BA	30/05/2011	5.380,28
Irecê - BA	21/09/2011	2.746,68
Itabuna - BA	25/07/2011	4.673,00
Jequié - BA		
Juazeiro - BA	21/09/2011	3.620,88
Livramento de Nossa Senhora - BA	14/07/2011	3.620,00
Paulo Afonso - BA		
Propriá - SE	14/07/2011	5.031,50
Ruy Barbosa - BA	14/06/2011	4.880,63
São Salvador da Bahia - BA	27/06/2011	13.382,29
Serrinha - BA	17/02/2012	10.832,74
Teixeira de Freitas e Caravelas - BA	14/06/2011	9.276,86
Vitória da Conquista - BA	16/06/2011	10.810,00
TOTAL		166.912,84

REGIONAL NORDESTE IV	Data	Fraternidade R\$
Distribuição por Diocese		
Bom Jesus de Gurguéia - PI	19/05/2011	2.000,00

Campo Maior - PI	12/09/2011	15.274,56
Floriano-PI	29/06/2011	2.051,34
Oeiras - PI	01/07/2011	6.648,20
Parnaíba - PI	16/06/2011	17.397,08
Picos - PI	25/05/2011	5.863,08
São Raimundo Nonato - PI		
Teresina - PI	03/06/2011	26.365,62
TOTAL		75.599,88

REGIONAL NORDESTE V	Data	Fraternidade R\$
Distribuição por Dioceses		
Bacabal - MA	16/01/2012	13.477,00
Balsas - MA	22/06/2011	2.451,50
Brejo - MA	28/02/2012	3.000,00
Carolina - MA	03/06/2011	1.140,00
Caxias do Norte - MA	12/03/2012	2.500,00
Coroatá - MA	05/09/2011	4.993,85
Grajaú - MA	20/06/2011	5.248,00
Imperatriz - MA	15/06/2011	5.323,30
Pinheiro - MA	18/07/2011	3.000,00
São Luís do Maranhão - MA	20/06/2011	16.983,00
Viana - MA	10/06/2011	5.261,00
Zé Doca - MA	31/05/2011	3.502,78
TOTAL		66.880,43

REGIONAL LESTE I	Data	Fraternidade R\$
Distribuição por Diocese		
Barra do Piraí - Volta Redonda - RJ	01/06/2011	29.340,69
Campos - RJ	21/06/2011	4.955,00
Duque De Caxias - RJ	07/07/2011	20.174,46
Itaguaí - RJ	24/05/2011	9.027,00
Niterói - RJ	09/05/2011	32.494,72
Nova Friburgo - RJ	06/06/2011	17.179,56
Nova Iguaçu - RJ	02/06/2011	27.178,38
Petrópolis - RJ	* rodapé	-
Rio De Janeiro - RJ	08/06/2011	114.492,53
Valença - RJ	14/07/2011	7.606,60
TOTAL		262.448,94

REGIONAL LESTE II	Data	Fraternidade RS
Distribuição por Diocese		
Almenara - MG	20/06/2011	5.570,54
Araçuaí - MG	28/09/2011	4.447,50
Belo Horizonte - MG	06/06/2011	152.420,34
Cachoeiro Do Itapemirim - ES	13/06/2011	41.252,08
Campanha - MG	03/06/2011	17.887,63
Caratinga - MG	20/06/2011	11.300,00
Colatina - ES	27/06/2011	40.204,78
Diamantina - MG	25/04(31/07) e 08/08/2011	13.673,96
Divinópolis - MG	27/05/ e 17/06/2011	40.800,00
Governador Valadares - MG	06/06/2011	13.800,00
Guanhães - MG	02/08/2011	7.025,60
Guaxupé - MG	26/07/2011	27.689,08
Itabira - MG	24/10/2011	23.993,33
Ituiutaba - MG	16/06/2011	4.186,04
Janauba - MG	19/10/2011	4.732,00
Januária - MG	25/05/2011	4.669,98
Juiz De Fora - MG	14/06/2011	34.584,01
Leopoldina - MG	01/07/2011	13.645,29
Luz - MG	03/06/2011	9.986,50
Mariana - MG	09/06/2011	40.273,00
Montes Claros - MG	29/06/2011	18.025,00
Oliveira - MG	01/11/2011	7.187,60
Paracatu - MG	02/06/2011	7.374,58
Patos De Minas - MG	12/08/2011	20.240,83
Pouso Alegre - MG	07/07/2011	30.129,00
São João Del Rei - MG	18/05/2011	9.868,60
São Mateus - ES	20/06/2011	33.116,16
Sete Lagoas - MG	02/06/2011	8.679,59
Teófilo Ottoni - MG	02/06/2011	10.319,57
Uberaba - MG	16/06/2011	17.317,35
Uberlândia - MG	29/06/2011	12.297,00
Vitória - ES	28/06/2011	62.451,59
TOTAL		749.148,53

REGIONAL SUL I	Data	Fraternidade R\$
Distribuição por Diocese		
Amparo - SP	25/05/2011	11.640,64
Aparecida - SP	13/05/2011	12.395,02
Araçatuba - SP	27/05/2011	15.030,20
Assis - SP	21/06/2011	19.705,52
Barretos - SP	30/05/2011	11.416,26
Bauru - SP	12/05/2011	28.448,48
Botucatu - SP	31/05/2011	19.027,73
Bragança paulista - SP	06/06/2011	24.800,00
Campinas - SP	19/07/2011	69.561,24
Campo limpo - SP	30/05/2011	23.645,07
Caraguatatuba - SP	06/07/2011	9.236,79
Catanduva - SP		
Franca - SP	23/05/2011	29.488,95
Guarulhos - SP	23/05/2011	25.359,47
Itapetininga - SP	01/08/2011	11.000,00
Itapeva - SP	01/06/2011	9.240,07
Jaboticabal - SP	31/05/2011	21.122,31
Jales - SP	31/05/2011	20.573,07
Jundiá - SP	06/06/2011	75.060,16
Limeira - SP	17/06/2011	52.000,00
Lins - SP	27/06/2011	9.477,12
Lorena - SP	02/06/2011	10.993,48
Marília - SP	31/05/2011	69.693,20
Mogi das Cruzes - SP	03/06/2011	20.725,40
Osasco - SP	21/06/2011	30.252,35
Ourinhos - SP	01/06/2011	14.806,08
Piracicaba - SP	24/06/2011	10.672,36
Presidente PrudentE - SP	20/07/2011	36.715,01
Registro - SP	30/05/2011	4.782,30
Ribeirão Preto - SP	24/05/2011	30.201,53
Rio Preto - SP	13/07/2011	35.820,00
Santo Amaro - SP	08/06/2011	23.600,00
Santo André - SP	31/05/2011	61.480,34
Santos - SP	16/06/2011	35.346,43
São Carlos - SP	14/06/2011	26.870,00
São João Da Boa Vista - SP	09/08/2011	25.572,12
São José dos Campos - SP	13/05, 16/05 e 17/05/2011	84.304,33

São Miguel Paulista - SP	03/06/2011	33.193,60
São Paulo - SP	31/05/2011	198.725,94
Sorocaba - SP	13/04 e 31/05/2011	26.498,50
Taubaté - SP	15/08/2011	18.229,63
TOTAL		1.296.710,70

REGIONAL SUL II	Data	Fraternidade R\$
Distribuição por Diocese		
Apucarana - PR	27/06/2011	29.949,21
Campo Mourão - PR	21/06/2011	28.000,00
Cascavel - PR	25/05/2011	27.347,45
Cornélio Procopio - PR	27/06/2011	9.200,00
Curitiba - PR	10/06/2011	109.297,00
Foz do Iguaçu - PR	14/07/2011	27.523,26
Guarapuava - PR	16/06/2011	18.724,00
Jacarezinho - PR	16/05/2011	26.278,44
Londrina - PR	15/06/2011	70.841,62
Maringá - PR	13/05/2011	42.520,41
Palmas - PR	12/07/2011	26.932,76
Paranaguá - PR	10/01/2012	5.283,90
Paranavaí - PR	24/05/2011	16.021,30
Ponta Grossa - PR	03/06/2011	35.576,35
Toledo - PR	02/06/2011	34.799,68
Umuarama - PR	26/07/2011	29.323,08
União Da Vitória - PR	14/06/2011	12.626,70
São José Dos Pinhais - PR	26/08/2011	24.987,00
TOTAL		575.232,16

REGIONAL SUL III	Data	Fraternidade R\$
Distribuição por Diocese		
Bagé - RS	23/05/2011	3.670,70
Cachoeira do Sul - RS	01/06/2011	2.516,95
Caxias do Sul - RS	07/07/2011	50.263,26
Cruz Alta - RS	05/08/2011	16.852,04
Erexim - RS	07/06/2011	18.739,26
Frederico Westphalen - RS	27/06/2011	18.834,04
Monte Negro - RS	02/06/2011	17.728,31
Novo Hamburgo - RS	05/07/2011	30.503,12
Osório - RS	03/08/2011	6.720,94

Passo Fundo - RS	27/07/2011	31.843,07
Pelotas - RS	22/11/2011	7.566,00
Porto Alegre - RS	01/11/2011	40.375,60
Rio Grande - RS	13/07/2011	3.366,80
Santa Cruz do Sul - RS	01/12/2011	19.342,78
Santa Maria - RS	17/01/2012	7.200,00
Santo Ângelo - RS	13/06/2011	32.676,50
Uruguaiana - RS	01/06/2011	12.030,97
Vacaria - RS	16/01/2012	8.227,00
TOTAL		328.457,34

REGIONAL SUL IV	Data	Fraternidade R\$
Distribuição por Diocese		
Blumenau - SC	24/05/2011	28.636,02
Caçador - SC	17/06/2011	15.570,88
Chapecó - SC	21/07/2011	51.390,00
Criciúma - SC	28/06/2011 e 28/06/2011	37.925,90
Florianópolis - SC	06/07 e 22/09/2011	72.526,87
Joaçaba - SC	24/05/2011	15.805,60
Joinville - SC	24/08/2011	41.124,34
Lages - SC	01/07/2011	13.729,00
Rio do Sul - SC	18/05/2011 e 15/06/2011	19.062,40
Tubarão - SC	30/05/2011	16.226,57
TOTAL		311.997,58

REGIONAL CENTRO OESTE	Data	Fraternidade R\$
Distribuição por Diocese		
Arquidiocese Militar do Brasil	07/06/2011	7.776,27
Anápolis - GO	07/07/2011	17.325,94
Brasília - DF	07/06, 13/07 e 20/10/2011	64.710,98
Cristalândia - TO	27/06/2011	4.127,32
Formosa - GO	19/05/2011	6.702,38
Goiânia - GO	20/06/2011	60.804,44
Goiás - GO	03/06/2011	7.782,60
Ipameri - GO	12/05/2011	9.172,26
Itumbiara - GO	13/07/2011	4.391,42

Jataí - GO	27/06/2011	12.303,70
Luziânia - GO	17/06/2011	6.385,00
Miracema do Tocantins - TO		
Palmas - TO	23/08/2011	14.235,20
Porto Nacional - TO	04/07/2011	1.300,00
Rubiataba-Mozarlândia - GO	01/06/2011	5.508,76
São Luís de Montes Belos - GO	19/05/2011	8.159,82
Tocantinópolis - TO	22/09/2011	7.626,90
Uruaçu - GO	01/06/2011	12.179,16
TOTAL		250.492,15

REGIONAL OESTE I	Data	Fraternidade R\$
Distribuição por Diocese		
Campo Grande - MS	04/07/2011	37.181,10
Corumbá - MS	25/05/2011	3.739,88
Coxim - MS	17/05/2011	5.470,00
Dourados - MS	01/06/2011	25.375,00
Jardim - MS	31/08/2011	3.656,26
Três Lagoas - MS	22/07/2011	8.760,00
TOTAL		84.182,24

REGIONAL OESTE II	Data	Fraternidade R\$
Distribuição por Diocese		
Barra do Garça - MT	22/08/2011	5.939,36
São Luís De Cáceres - MT	27/05/2011	15.029,02
Cuiabá - MT	25/08/2011	31.359,48
Diamantino - MT	13/05/2011	15.997,80
Guiratinga - MT	06/06/2011	7.875,15
Juína - MT	01/06/2011	3.627,12
Paranatinga - MT		
Rondonópolis - MT	03/06/2011	15.033,24
São Félix do Araguaia - MT	01/06/2011	2.730,00
Sinop - MT	25/07/2011	17.660,46
TOTAL		115.251,63

REGIONAL NOROESTE	Data	Fraternidade R\$
Distribuição por Diocese		
Cruzeiro do Sul - AC	19/05/2011	3.050,00
Guajara Mirim - RO	30/09/2011	7.038,60

Humaitá - AM	23/05/11 e 24/05/11 e 25/05/2011	3.000,00
Ji-Paraná - RO	13/07/2011	41.281,58
Lábrea - AM	23/09/2011	558,00
Porto Velho - RO	01/09/2011	20.209,63
Rio Branco - AC	01/07/2011	12.076,08
TOTAL		87.213,89

		Fraternidade R\$
OUTROS	Data	2.470,00
Adm. Apost. Pessoal São João Maria Vianney	04/07/2011	2.470,00

VALORES SEM IDENTIFICAÇÃO		9.779,51
VALORES SEM IDENTIFICAÇÃO		9.779,51

RENDIMENTO DO ANO - DESPESAS BANCÁRIAS		171.260,90
RENDIMENTO DO ANO	31/12/2011	171.922,99
DESPESAS BANCÁRIAS (-)		(662,09)

Total De: Outros + Eparcas, Exar. + Rend. do Ano		183.510,41
---	--	-------------------

TOTAL GERAL		5.036.389,78
--------------------	--	---------------------

* A Diocese de Petrópolis aplicou toda arrecadação da Campanha de 2011 pelas vítimas atingidas pelas chuvas de janeiro de 2011, entre elas algumas paróquias e comunidades.

O resultado em dinheiro desta campanha, contando a coleta, as contribuições individuais de pessoas físicas e rendimentos bancários foi de R\$ 5.036.389,78.

Prestação de contas Cáritas

Para informações, esclarecimentos e orientações sobre a organização e realização da Campanha da Fraternidade, fazer contato com Pe. Luiz Carlos, Secretário Executivo da CF, pelo e-mail: cf@cnbb.com.br ou telefone (61) 2103-8300.

Conclusão

1. A Igreja no Brasil, em sua história recente, tem o testemunho de momentos fortes de abertura e serviço aos jovens. Relembremos os diversos grupos especializados nascidos na Ação Católica, nos anos sessenta, os movimentos de encontros para jovens na década posterior, a pastoral orgânica da juventude nos anos oitenta, seguida, nos anos noventa em diante, por uma variedade de iniciativas pastorais, novas comunidades e movimentos.
2. Para acompanhar esta gama tão diversa no universo dos jovens, a CNBB criou a Comissão Episcopal para o serviço à juventude. A Igreja no Brasil procura, na prática, vivenciar sua opção preferencial pelos jovens, opção assumida pelo Episcopado Latino-americano e do Caribe, na Conferência de Puebla.
3. No entanto, a Igreja, para cumprir sua missão neste período de mudança de época, percebe a necessidade de uma autêntica conversão pastoral, o que se aplica especialmente à evangelização dos jovens. Certamente, é necessário um esforço dos que trabalham com os jovens para: revisar os métodos, adaptar a linguagem, inserir nas ambiências virtuais e midiáticas. É preciso também dialogar com as pastorais, grupos de jovens, novas comunidades, valorizando-as em suas propostas, suprir suas necessidades e conceder-lhes espaço para a participação ativa nas comunidades, pois suas experiências enriquecem a Igreja, ao trazer novos desafios e novas perspectivas.
4. Esta Campanha da Fraternidade quer, também, convidar ao debate sobre as dificuldades sociais que atingem diretamente os jovens. As políticas sociais voltadas para eles ainda não são eficazes para responder à desigualdade que implica em condições distintas de vida, pois milhões deles estão fora da escola, não

têm acesso às novas tecnologias ou o acesso lhes é limitado. Convivem desde tenra idade com o subemprego, e ainda são os mais atingidos pela violência que todo ano extermina uma multidão de jovens. Esta situação que pesa sobre nossos jovens, que compõem praticamente um quarto da população do Brasil, talvez seja nosso grande problema social, e requer esforços de todos os segmentos da sociedade para a superação desta problemática.

5. É necessária atenção especial a eles segundo suas necessidades, para que possam, com as potencialidades que os enriquecem, responder na coragem da fé, diante dos desafios, como o profeta Isaías: *“Eis-me aqui. Envia-me!”*. E, assim, sejam protagonistas no seguimento de Jesus Cristo, na comunidade eclesial e na construção de uma sociedade fraterna, fundamentada na cultura da vida, da justiça e da paz, conforme diz nosso objetivo geral.

Anexo

O Serviço de Preparação e Animação da CF

Natureza e histórico da CF

Em 1961, três padres responsáveis pela Cáritas Brasileira idealizaram uma campanha para arrecadar fundos para as atividades assistenciais e promocionais da instituição e torná-la, assim, autônoma financeiramente. A atividade foi chamada Campanha da Fraternidade e realizada, pela primeira vez, na Quaresma de 1962, em Natal (RN), com adesão de outras três dioceses e apoio financeiro dos bispos norte-americanos. No ano seguinte, dezesseis dioceses do Nordeste realizaram a Campanha. Não teve êxito financeiro, mas foi o embrião de um projeto anual dos Organismos Nacionais da CNBB e das Igrejas Particulares no Brasil, realizado à luz e na perspectiva das Diretrizes Gerais da Ação Pastoral (Evangelizadora) da Igreja em nosso país.

Em seu início, teve destacada atuação o Secretariado Nacional de Ação Social da CNBB, sob cuja dependência estava a Cáritas Brasileira, que fora fundada no Brasil, em 1957. Na época, o responsável pelo Secretariado de Ação Social era dom Eugênio de Araújo Sales, e por isso, presidente da Cáritas Brasileira. O fato de ser administrador apostólico de Natal (RN) explica que a Campanha tenha iniciado naquela circunscrição eclesial e em todo o Rio Grande do Norte.

Esse projeto foi lançado, em nível nacional, no dia 26 de dezembro de 1963, sob o impulso renovador do espírito do Concílio Vaticano II, em andamento na época, e realizado pela primeira vez na Quaresma de 1964. O tempo do Concílio foi fundamental para a concepção, estruturação e encaminhamentos da CF, do Plano de Pastoral de Emergência, do Plano de Pastoral de Conjunto e de outras iniciativas de renovação eclesial. Ao longo de quatro anos seguidos, por um período extenso em cada um, os bispos ficaram hospedados na mesma casa, em Roma, participando das sessões do Concílio e de diversos momentos de reunião, estudo, troca de experiências. Nesse contexto, nasceu e cresceu a CF.

Em 20 de dezembro de 1964, os bispos aprovaram o projeto inicial, intitulado: “Campanha da Fraternidade: pontos fundamentais apreciados pelo episcopado em Roma”. Em 1965, tanto a Cáritas quanto a Campanha da Fraternidade, que estavam vinculadas ao Secretariado Nacional de Ação Social, foram vinculadas diretamente ao Secretariado Geral da CNBB. A CNBB passou a assumir a CF. Nessa transição, foi estabelecida a estruturação básica da CF. Em 1967 começou a ser redigido um subsídio, maior que os anteriores, para a organização anual da CF. Nesse mesmo ano, iniciaram-se, também, os encontros nacionais das Coordenações Nacional e Regionais da CF. A partir de 1971, tanto a Presidência da CNBB como a Comissão Episcopal de Pastoral começaram a ter uma participação mais intensa em todo o processo da CF.

Em 1970, a CF ganhou um especial e significativo apoio: a mensagem do Papa, transmitida em cadeia nacional de rádio e televisão, quando de sua abertura, na Quarta-feira de Cinzas. A mensagem papal continua enriquecendo a abertura da CF.

De 1963 até hoje, a CF é uma atividade ampla de evangelização desenvolvida em determinado tempo (Quaresma), para ajudar os cristãos e as pessoas de boa vontade a viver a fraternidade em compromissos concretos, no processo de transformação da sociedade, a partir de um problema específico que exige a participação de todos, na busca de alternativas de solução. É grande instrumento para desenvolver o espírito quaresmal de conversão, renovação interior e ação comunitária, como a verdadeira penitência que Deus quer de nós em preparação à Páscoa. É momento de conversão, de prática de gestos concretos de fraternidade, de exercício de uma verdadeira pastoral de conjunto em prol da transformação de situações injustas e não-cristãs. É precioso meio para a evangelização no tempo quaresmal, retomando a pregação dos profetas, confirmada por Cristo, segundo a qual, a verdadeira penitência que agrada a Deus é repartir o pão com quem tem fome, dar de vestir ao maltrapilho, libertar os oprimidos, promover a todos.

A CF tornou-se especial manifestação de evangelização libertadora, provocando, ao mesmo tempo, a renovação da vida da Igreja

e a transformação da sociedade, a partir de problemas específicos, tratados à luz do Projeto de Deus.

A CF tem como objetivos permanentes:

- a. Despertar o espírito comunitário e cristão no povo de Deus, comprometendo, em particular, os cristãos na busca do bem comum;
- b. educar para a vida em fraternidade, a partir da justiça e do amor, exigência central do Evangelho;
- c. renovar a consciência da responsabilidade de todos pela ação da Igreja na evangelização, na promoção humana, em vista de uma sociedade justa e solidária (todos devem evangelizar e todos devem sustentar a ação evangelizadora e libertadora da Igreja).

Temas da CF no seu contexto histórico

A CF surgiu durante o Concílio Vaticano II. Três documentos conciliares foram importantes para o desenvolvimento da CF: *Sacro-sanctum Concilium*, sobre a liturgia; *Lumen Gentium*, sobre a natureza e missão evangelizadora da Igreja; e *Gaudium et Spes*, sobre a presença transformadora da Igreja no mundo de hoje.

Na América Latina, a Primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Medellín (1968), teve um papel muito importante. A reflexão sobre a realidade latino-americana levou a Igreja a enfrentar o desafio da pobreza e a necessidade de uma presença transformadora nas estruturas sociais.

As Conferências de Puebla e Santo Domingo e a exortação pós-sinodal *Ecclesia in America* acentuaram ainda mais a dimensão social da fé e da vivência cristã, criando-se um clima de comunhão e participação.

Os temas da CF, inicialmente, contemplaram mais a vida interna da Igreja. A consciência sempre maior da situação de injustiça, de

exclusão e de crescente miséria levou à escolha de aspectos bem determinados da realidade socioeconômica e política brasileira. O restabelecimento da justiça e da fraternidade nessas situações era compromisso urgente da fé.

Alguns critérios para a escolha dos temas:

- aspectos da vida da Igreja e da sociedade: o centenário da *Rerum Novarum*, em 1991 (Solidários na dignidade do trabalho), Ano da Família, em 1994 (A família, como vai?), e outros;
- os desafios sociais, econômicos, políticos, culturais e religiosos da realidade brasileira;
- as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil e os documentos do Magistério Universal da Igreja;
- a Palavra de Deus e as exigências da Quaresma.

Desde 1971, há uma participação mais ampla das comunidades, paróquias e dioceses, que enviam suas sugestões de temas aos regionais da CNBB.

Os temas podem ser divididos em três fases, ao longo desses quarenta anos.

Iª Fase: Em busca da renovação interna da Igreja

a) Renovação da Igreja

CF-64: Igreja em renovação – Lembre-se: você também é Igreja

CF-65: Paróquia em renovação – Faça de sua paróquia uma comunidade de fé, culto e amor

b) Renovação do cristão

CF-66: Fraternidade – Somos responsáveis uns pelos outros

CF-67: Co-responsabilidade – Somos todos iguais, somos todos irmãos

CF-68: Doação – Crer com as mãos

CF-69: Descoberta – Para o outro, o próximo é você

CF-70: Participação – Participar

CF-71: Reconciliação – Reconciliar

CF-72: Serviço e vocação – Descubra a felicidade de servir

2ª Fase: A Igreja se preocupa com a realidade social do povo, denunciando o pecado social e promovendo a justiça (Vaticano II, Medellín e Puebla)

CF-73: Fraternidade e libertação – O egoísmo escraviza, o amor liberta

CF-74: Reconstruir a vida – Onde está o teu irmão?

CF-75: Fraternidade é repartir – Repartir o pão

CF-76: Fraternidade e comunidade – Caminhar juntos

CF-77: Fraternidade na família – Comece em sua casa

CF-78: Fraternidade no mundo do trabalho – Trabalho e justiça para todos

CF-79: Por um mundo mais humano – Preserve o que é de todos

*CF-80: Fraternidade no mundo das migrações: exigência da eucaristia
– Para onde vais?*

CF-81: Saúde e fraternidade – Saúde para todos

CF-82: Educação e fraternidade – A verdade vos libertará

CF-83: Fraternidade e violência – Fraternidade sim, violência não

CF-84: Fraternidade e vida – Para que todos tenham vida

3ª Fase: A Igreja se volta para situações existenciais do povo brasileiro

CF-85: Fraternidade e fome – Pão para quem tem fome

CF-86: Fraternidade e terra – Terra de Deus, terra de irmãos

CF-87: A fraternidade e o menor – Quem acolhe o menor, a Mim acolhe

CF-88: A fraternidade e o negro – Ouvi o clamor deste povo!

CF-89: A fraternidade e a comunicação – Comunicação para a verdade e a paz

CF-90: A fraternidade e a mulher – Mulher e homem: imagem de Deus

CF-91: A fraternidade e o mundo do trabalho – Solidários na dignidade do trabalho

CF-92: Fraternidade e juventude – Juventude: caminho aberto

CF-93: Fraternidade e moradia – Onde moras?

CF-94: A fraternidade e a família – A família, como vai?

CF-95: A fraternidade e os excluídos – Eras Tu, Senhor?!

CF-96: A fraternidade e a política – Justiça e paz se abraçarão!

CF-97: A fraternidade e os encarcerados – Cristo liberta de todas as prisões!

CF-98: A fraternidade e a educação – A serviço da vida e da esperança!

CF-99: Fraternidade e os desempregados – Sem trabalho... Por quê?

CF-2000: Ecumênica: Dignidade humana e paz – Novo milênio sem exclusões

CF-2001: Campanha da fraternidade – Vida sim, drogas não!

CF-2002: Fraternidade e povos indígenas – Por uma terra sem males!

CF-2003: Fraternidade e pessoas idosas – Vida, dignidade e esperança!

CF-2004: Fraternidade e água – Água, fonte de vida

CF-2005: Ecumênica: Solidariedade e paz – Felizes os que promovem a paz

CF-2006: Fraternidade e pessoas com deficiência – “Levanta-te, vem para o meio” (Mc 3,3)

CF-2007: Fraternidade e Amazônia – “Vida e missão neste chão”

CF-2008: Fraternidade e defesa da vida – “Escolhe, pois, a vida” (Dt 30,19)

CF-2009: Fraternidade e segurança pública – “A paz é fruto da justiça” (Is 32, 17)

CFE-2010: Economia e Vida – Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro (Mt 6,24)

CF-2011: Fraternidade e a Vida no Planeta – A criação geme em dores de parto (Rm 8,22)

CF-2012: A fraternidade e Saúde Pública – Que a Saúde se Difunda sobre a Terra (cf. Eclo 38,8)

Serviço de coordenação e animação da CF

A CF é um programa global conjunto dos Organismos Nacionais, do Secretariado Nacional da CNBB e das Igrejas Particulares, sempre realizado à luz e na perspectiva das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil.

Desde 1963, com o Plano de Emergência, e 1966, com o Plano de Pastoral de Conjunto, a ação evangelizadora da Igreja vive um processo de planejamento abrangente. Esse processo tem as Diretrizes como fundamentação e inspiração e se expressa no Plano de Pastoral, elaborado de forma muito participativa e em diversos âmbitos.

A busca desse planejamento, sempre mais participativo, requer envolvimento dos agentes de pastoral, das equipes de coordenação e animação, dos conselhos e outros órgãos a serviço do crescimento da vida comunitária.

A realização da CF, como programa global conjunto, é exercício e expressão de planejamento participativo e de articulação pastoral, decorrente da própria natureza da Igreja-Comunhão.

A articulação:

- a. favorece o desenvolvimento dos carismas eclesiais de maneira orgânica;
- b. distribui tarefas e define as atribuições das diversas pastorais, organismos, movimentos e grupos;
- c. envolve um maior número possível de interessados, na reflexão, na decisão, na execução e na avaliação.

Para uma eficaz e frutuosa realização da CF, como de todo programa pastoral, é indispensável reavivar, a cada ano, o processo de seu planejamento. Isso não acontece sem a constituição de equipes de trabalho com coordenação entusiasta, dinâmica, criativa, com profunda espiritualidade e zelo apostólico.

Em muitos regionais, dióceses e paróquias, a animação da CF é assumida pela respectiva equipe de Coordenação Pastoral, com o estabelecimento de uma Comissão específica para a CF. Esse

procedimento poderá favorecer maior integração, evitando paralelismos. Poderá, por outro lado, apresentar o risco de a CF “ser de todos e, ao mesmo tempo, de ninguém”.

Especial tarefa e compromisso das equipes, em seus diversos níveis, deve ser a *desrotinização da Campanha*. *A CF não é a mesma a cada ano. Evitando a novidade pela simples novidade, as equipes saberão utilizar-se de criatividade para realizá-la, todos os anos, como algo realmente novo.*

Cronograma da CF 2013 – Realização e avaliação

13 de fevereiro de 2013: Quarta-feira de Cinzas: Lançamento da CF 2013 em todo o Brasil, em âmbito nacional, regional, diocesano e paroquial, com a mensagem do Papa, da Presidência da CNBB e programas especiais.

Realização - 13 de fevereiro a 24 de março de 2013: a Campanha deste ano se realiza com o tema: *Fraternidade e juventude*, o lema “*Eis-me aqui, envia-me!*” (Is 6,8).

Domingo de Ramos - 24 de março de 2013: Coleta nacional da solidariedade (60% para o Fundo Diocesano de Solidariedade e 40% para o Fundo Nacional de Solidariedade).

Avaliação - Abril a junho 2013: nos âmbitos paroquial (de 08 de abril a 21 de abril), diocesano (de 22 de abril a 19 de maio) e regional (20 de maio a 16 de junho).

Bibliografia

Documentos Conciliares

CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*.

CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen Gentium*.

CONCÍLIO VATICANO II, *Decreto Nostra Aetate*.

CONCÍLIO VATICANO II, *Declaração Gravissimum Educationis*.

Documentos Pontifícios

PAPA PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, Vaticano, 1975.

PAPA PAULO VI, *Decreto Inter Mirifica – sobre os meios de comunicação social*, Vaticano, 04 de dezembro de 1966.

PAPA JOÃO PAULO II, *Carta Apostólica Aos jovens e às jovens do mundo por ocasião do ano internacional da juventude*, Vaticano, 1985.

PAPA JOÃO PAULO II, *Christifideles Laici*, São Paulo, Edições Paulinas, 1989.

JOÃO PAULO II. *Ecclesia in America*, São Paulo, Edições Loyola, 1999.

PAPA JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*, Vaticano, 1981.

PAPA JOÃO PAULO II, *Mensagem do Papa João Paulo II ao povo brasileiro por ocasião da Campanha da Fraternidade – 1992*.

PAPA JOÃO PAULO II, *Mensagem para a XVII Jornada Mundial da Juventude*, Vaticano, 25 de Julho de 2001.

PAPA JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte*, Vaticano, 2001.

PAPA JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, Vaticano, 1990.

- PAPA BENTO XVI, *Caritas in Veritate*, Brasília, Edições CNBB, 1ª Edição, 2009.
- PAPA BENTO XVI, *Deus caritas est*, Brasília, Edições CNBB, 1ª Edição, 2007.
- PAPA BENTO XVI, Carta Apostólica sob a forma de *Motu Proprio Porta Fidei*, Brasília, Edições CNBB, 2012, 2ª Edição.
- PAPA BENTO XVI, *Discurso aos jovens brasileiros*, São Paulo, 10 de maio de 2007.
- PAPA BENTO XVI, *Discurso no encontro com os jovens em Luanda*, 21 de março de 2009.
- PAPA BENTO XVI. *Educar os jovens para a justiça e a paz*, Mensagem do Papa Bento XVI para a celebração do XLV Dia Mundial da Paz, Vaticano, 8 de dezembro de 2012.
- PAPA BENTO XVI, *Exortação Pós-Sinodal Verbum Domini*, Brasília, Edições CNBB, 2010, 1ª Edição.
- PAPA BENTO XVI, *Mensagem para o 43º Dia Mundial das Comunicações sociais “Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade”*, Vaticano, 24 de maio de 2009.
- PAPA BENTO XVI, *Mensagem para o 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais - Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital*. Vaticano, 05 de junho de 2011.
- PAPA BENTO XVI, *Mensagem para o XVII Dia Mundial da Juventude*. Vaticano, 15 de março de 2012.
- PONTIFÍCIO CONSELHO DE JUSTIÇA E PAZ, *A solidariedade na vida e mensagem de Jesus Cristo*, Vaticano, 2009.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO, *Diálogo e Anúncio*. Vaticano, 1991.
- PONTIFÍCIO CONSELHO DE JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Vaticano, 2004.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Versão on line. Disponível em <http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html>. Acessado em 01 de Fevereiro de 2012.

Documentos das Conferências Episcopais

CELAM, III *Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe - Puebla*, Petrópolis, R. J., 1979.

CELAM, *Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino – Americano e do Caribe – Aparecida*, 7ª Edição, 2008.

CELAM. *Pastoral da Juventude: sim à civilização do amor*. São Paulo: Paulinas, 1987.

CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora – 2011-2015*. Brasília, Edições CNBB, 2011, 1ª Edição.

CNBB, *Evangelização da Juventude*, Brasília, Edições CNBB, 2007, 1ª Edição.

CNBB, *Diretório Nacional de Catequese*. Brasília, 1ª Edição, 2006.

CNBB, *Subsídios Afetividade e sexualidade*, vol. I. Brasília, Edições CNBB, 2011.

CNBB, *Estudos 76, São Paulo, Edições Paulinas, 2ª Edição, 2004*.

ARTIGOS E OBRAS CITADAS

ABRAMO, H. W. & BRANCO P. P. M. (Org.) *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2005.

CANO, Inácio, *Mortalidade violenta entre jovens brasileiros* in <http://sociologiaehlegal.blogspot.com.br/2011/04/ignacio-cano-sociologo-do-laboratorio.html>.

FERNANDES, S. R. A. (2007). *Adesão religiosa no segmento juvenil: a politização ou reinvenção da política?* Rev. Univ. Rural, Sér. Ciências Humanas. Seropédica, RJ, EDUR, v. 29, n. 2, jul.-dez., p. 150-163, 2007.

- FONSECA, A. B.; NASCIMENTO, R. *Caridade em ação: os vicentinos no Rio de Janeiro: ditos e feitos; Pobreza e trabalho voluntário – estudos sobre a ação social católica no Rio de Janeiro*. Textos de pesquisa. Rio de Janeiro, ISER, 1995.
- CASTRO, J. A., AQUINO, L. M. C. e ANDRADE, C. C. (Orgs). *Juventude e políticas públicas no Brasil*. Brasília, IPEA, 2009, pp. 29-34.
- IBASE/POLIS/IDRC Seis Demandas para a construção de uma agenda comum. *Relatório da Pesquisa Juventude e Integração Sul-Americana*. Rio de Janeiro, fevereiro de 2008.
- LIBANIO, J. B. *Para onde vai a juventude?* São Paulo, Ed. Paulus, 2ª edição 2012.
- MARIZ, C. L. *Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião*. In *Tempo Social*, Vol. 17, No 2. São Paulo, USP, Nov.
- PELUSO, M. L.; TORMIM, C. V. *Violência social, pobreza e identidade entre jovens no entorno do Distrito Federal*. GEOUSP – Espaço e Tempo, Vol. 18. São Paulo, USP, 2005.
- NOVAES, Regina Reyes, et al. *Sociedades sul-americanas: o que dizem jovens e adultos sobre as juventudes*. (S.L): Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas; Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais, 2009. Disponível em <<http://www.ibase.br/userimages/Libro%20Sociedades%20Final1.pdf>>. Acesso em 01 de Julho de 2009.
- NOVAES, R. “*Juventude, juventudes – Jovens das classes C e D frente aos dilemas de sua geração*”, p. 12. <http://fictv.cultura.gov.br/wp-content/uploads/2008/12/juventude-juventudes.pdf>. Acesso em 08/06/2012.
- SOFIATI, F. M., *A juventude no Brasil: história e organização*. Acesso em, 15/05/2012 www.apebfr.org/.../pdf/14%20Flavio%20Munhoz%20Sofiat.pdf.
- VAISEL FISZ, Julio Jacobo, *Mapa da Violência no Brasil 2012 – Os novos padrões da violência homicida no Brasil*. Acesso – http://www.mapaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_web.pdf.

Obras e artigos para leitura sobre o tema

- ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. (OrgS) *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org.). *Culturas Jovens: Novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. (p.71).
- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2a Edição. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BAUMAN, Z, *A modernidade líquida*, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2001
- BOMBONATTI, Pedro. Motorola anuncia resultado de pesquisa. *MobilePedia*. 13 de Outubro de 2008. Disponível em <<http://www.mobilepedia.com.br/prod/2008/10/13/motorola-anuncia-resultado-de-pesquisa/>>. Acesso em 01 de Julho de 2009.
- BORELLI, S. H. S.; ROCHA, R. M.; OLIVEIRA, R. C. A. (Coords). *Jovens na cena metropolitana*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1ª Edição, 2009.
- BRITTO, R.R. *Cibercultura; sob os olhares dos estudos culturais*. São Paulo: Paulinas/Sepac, 2009.
- CAMPBELL, C. e BARBOSA, L.(2006). *Cultura, Consumo e Identidade*. Ed. FGV. Rio Janeiro.
- ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.
- GILBERT, P. *A paciência de ser*. São Paulo, Edições Loyola, 2005.
- GOMES, P.G. *Midiatização e processos sociais na América Latina*. São Paulo: Paulus, 2009.
- JOSAPHAT, C. *Ética mundial; liberdade, responsabilidade e sistema*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- HANNAH A.. “*A Condição Humana*”, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2001.

- LEMOS, A. *Cibercultura; tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LEVY, P. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- MAFFESOLI, Michel, *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro, Forense Universitária. 1987.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das Tribos*. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006,
- MELUCCI, A. *Juventude, tempo e movimentos sociais*. Revista Brasileira de Educação. Juventude e contemporaneidade, São Paulo: Bartira, n. 5 e 6, mai-dez. Edição especial, 1997.
- MIRANDA, M. F. *O Cristianismo ante o próximo e o distante no processo comunicativo*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MORIN, E. *Cultura de Massas no século XX (Vol. II)*. Editora Forense Universitária, Rio de Janeiro, 3ª edição, 2009.
- Núcleo fé e cultura PUC-SP, coordenação – Francisco Borba Ribeiro Neto: *Observações para uma Campanha da Fraternidade com o tema juventude*. São Paulo, 2011.
- PORTAL SESC SÃO PAULO. *São Paulo de todas as Tribos*. Disponível em: <www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?Edicao_Id=368&Artigo_ID=5628&IDCategoria=6481&reftype=2> Acesso em: 05 nov. 2010.
- PUNTEL, J. T. *Comunicação virtual: ciberespaço, interculturalidade e telereligiões*. In: BOMBONATTO, V.I. & JUNIOR, F.A. Teologia e Comunicação: Corpo, palavra e interfaces cibernéticas. São Paulo: Paulinas, 2011.
- SANTAELLA, L. *Culturas e artes do pós-humano*. São Paulo: Paulus, 2010.
- SAVAGE, J. *A criação da juventude: como o conceito de teenage revolucionou o século XX*. Tradução: Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SILVA, W. R. A. *Tribos urbanas, você e eu: conversas com a juventude*. 2 ed. São Paulo, 2009.

SOFIATE, F. M. *Religião e juventude: os novos carismáticos*. Ed. Ideias & Letras.

SOUZA, R. M. *O discurso do protagonismo juvenil*. Cf. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-25042007-115242/pt-br.php>.

Sites Citados:

www.brasilecola.com

www.lectionautas.org.br

www.juventudeemmarcha.org

www.pj.org.br

www.jovensconectados.org.br

www.juventude.gov.br

www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_web.pdf

<http://portal.aprendiz.uol.com.br/2012/07/18/nossa-maior-bomba-social/>

<http://www.rio2013.com>

<http://www.rio2013.com>

<http://www.beatojosedeanchieta.blogspot.com.br>

<http://www.rio2013.com>

http://www.sdb.org/pt/Santidade_Salesiana/Bem_aventurados/C_Namuncura.

http://www.sdb.org/pt/Santidade_Salesiana/Canonizados/Domingos_Savio

<http://www.jesuitas.com.br>

<http://www.rio2013.com>



Oração da CF 2013

Pai santo, vosso Filho Jesus,
conduzido pelo Espírito
e obediente à vossa vontade,
aceitou a cruz como prova de amor à humanidade.

Convertei-nos e, nos desafios deste mundo,
tornai-nos missionários
a serviço da juventude.

Para anunciar o Evangelho como projeto de vida,
enviai-nos, Senhor;
para ser presença geradora de fraternidade,
enviai-nos, Senhor;
para ser profetas em tempo de mudança;
enviai-nos, Senhor;
para promover a sociedade da não violência,
enviai-nos, Senhor;
para salvar a quem perdeu a esperança,
enviai-nos, Senhor;
para...

Hino da CF 2013

Tema: Fraternidade e juventude

L.: Gerson Cesar Souza

Lema: "Eis-me aqui, envia-me!" (Is. 6,8)

M.: Gil Ferreira

Daniel Victor Santos

♩ = 100

1. Sei que per - gun - tas, ju - ven - tu - de, de_on de vei - o teu be - lo -
 jei - to sem - pre - no - vo_e ver - da - dei - ro. Eu fiz bro - tar em ti des - de_o ma - ter - no
 sei - o es - sa von - ta - de de mu - dar o mun - do_in - tei - ro. Refr.: Es -
 tou a - qui, meu Se - nhor, sou jo - vem, sou teu - po - vo! Eu te - nho fo - me de jus - ti - ça e de_a -
 mor, que - ro_a - ju - dar a cons - tru - ir um mun - do no - vo. Es - tou a - qui, meu Se - nhor, sou
 jo - vem, sou teu po - vo! Pa - ra for - mar a re - de da fra - ter - ni -
 da - de, e um no - vo céu_u - ma no - va ter - ra_a tua von - ta - de. Eis - me_a -
 qui, en - vi - a - me, Se - nhor! Eis - me_a - qui, en - vi - a - me, Se - nhor!

1. Sei que perguntas, juventude, de onde veio / Teu belo jeito sempre novo e verdadeiro. / Eu fiz brotar em ti desde o materno seio (Cf. Jr 1,5) / Essa vontade de mudar o mundo inteiro.

Refr.: Estou aqui, meu Senhor, sou jovem, sou teu povo! / Eu tenho fome de justiça e de amor, (Cf. Mt 5,6) / Quero ajudar a construir um mundo novo. / Estou aqui, meu Senhor, sou jovem, sou teu povo! / Para formar a rede da fraternidade, / E um novo céu, uma nova terra, a tua vontade. (Cf. Ap 21,1; 2Pd 3,13) / :Eis-me aqui, envia-me, Senhor! / (Is 6,8)

2. Levem a todos meu chamado à liberdade (Cf. Gl 5,13) / Onde a ganância gera irmãos escravizados. / Quero a mensagem que humaniza a sociedade / Falada às claras, publicada nos telhados. (Cf. Mt 10,27)

3. Para salvar a quem perdeu a esperança / Se-rei a força, plena luz a te guiar. / Por tua voz eu falarei, tem confiança, / Não tenhas medo, novo Reino a chegar! / (Cf. Jr 1,4-10; Mt 3,2; 19,11-27)